Raymundo Moraes

Alluvião

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A - EDITORA
RIO DE JANEIRO

Procurem ler:

NA PLANICIE AMAZONICA

por RAYMUNDO MORAES

4.ª EDIÇÃO

Entre os ensaios sobre a Amazonia, sem citar os eruditos de Tavares Bastos, ha outros notaveis pelo brilho descriptivo e pela fidelidade da observação. Mas não passam, na maioria, de observações parciaes, limitadas a certos aspectos do gigantesco scenario, eivadas de repetições que commentarios mais rigorosos denunciaram erroneas; mas NA PLANICIE AMAZONICA é o reverso das medalhas em que scientistas e literatos vêm gravando as phrases retumbantes como apotheoses ou anathemas sobre o valle portentoso. Versado na bibliographia amazonica, o autor poz á prova as affirmações dos seus antecessores num estudo demorado, perlongando, em singraduras successivas, o leito do rio-mar, dos seus affluentes, e dos igarapés que se formam e se desmancham ás suas margens.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Nº 01227

Bibliotheca de Divulgação Scientifica

SOB A DIRECÇÃO DO

DR. ARTHUR RAMOS

A curiosidade do publico brasileiro pelos livros de vulgarização de cultura é um dos indices mais vivos da nossa evolução mental. Antigamente quasi não havia publico para livros desse genero, mas hoje, que admiravel transformação se operou: os livros de cultura são os mais avidamente procurados, o que demonstra uma intenção muito grande de aperfeiçoamento espiritual, uma vontade evidente de aprender, de saber, de dominar os conhecimentos.

Eis porque se creou a BIBLIOTHECA DE DIVULGAÇÃO SCIENTIFICA. Era preciso corresponder á procura do publico dando-lhe, em troca, livros de verdadeira cultura, escriptos por especialistas, numa linguagem simples, a todos accessivel. Os livros desta bibliotheca são escrupulosamente escolhidos e representam, nos varios ramos do saber humano, uma collecção altamente valiosa e util em que são vehiculadas as acquisições mais recentes da sciencia.

Já onze volumes publicados, outros tantos no prelo.

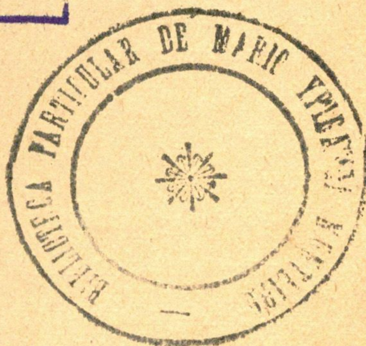
Edições da

Civilização Brasileira S. A.
Editora
Rio de Janeiro

Alluvião

RAYMUNDO MORAES
DA SOCIÉTÉ DES AMÉRICANISTES DE PARIS

Alluvião



1937
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, S/A.
Rio de Janeiro

OBRAS DO MESMO AUTOR:

PUBLICADAS:

Notas dum Jornalista (Esgotada)

Na Planicie Amazonica (Quatro edições de 22 mil exemplares). Premiada pela Academia Brasileira de Letras e adoptada na Instrucção Publica dos Estados do Pará, Amazonas e do Municipio de Manáos.

Cartas da Floresta (Esgotada)

Paiz das Pedras Verdes (Duas edições). Adoptada na Instrucção Publica do Pará.

O Meu Diccionario de Cousas da Amazonia (Dois volumes)

Amphitheatro Amazonico

Alluvião

A PUBLICAR:

O Homem do Pacoval

Os Igaraúnas (Romance amazonico — Costumes paraenses)

O Mirante do Baixo Amazonas (Romance)

INDICE

ALLUVIÃO é um titulo que traduz por certo a literatura miuda e ligeira deste livro. Accrescente-se-lhe, para justificar plenamente o baptismo, a variedade de assumptos, que se polarizam no solo e no firmamento, na flora e na lympha, no animal e no homem, assumptos sempre tratados com o proposito de reduzir ao minimo cada descriptiva.

Qualquer capitulo do volume, remarcado na synthese de poucas paginas, daria o duplo, o triplo, vinte vezes mais, alentada monographia sem duvida, se o autor não tivesse em mira fazel-o o menor possivel.

Além disso, como a obra é traçada no estuario amazonico, em Belém do Pará, riba guajarina, patria maravilhosa da alluvião, que, em geologia corresponde talvez ao pergaminho do palimpsesto, cuja escripta de hontem a mão do homem apaga hoje para restabelecer amanhã — nada mais justo que esse nome symbolize o conjuncto do tomo na mais real das allegorias.

Nenhum curso hydrographico do orbe descarrega, no golfo em que se lança, quantidade tão impressionante de massa deltaica como o Amazonas. Essa toalha alluvial transformou, no espaço e no tempo, o vasio estuario em que a poderosa arteria potamica vomitava, no mais curioso e surprehendente systema insular, no mais verdejante e multifario archipelago que se possa conceber. Ha ilhas que recordam bouquets *pela miniatura, e ha ilhas que recordam paizes pela grandeza.*

O plasma literario deste volume pode não conter, como realmente succede, a particula alluvionaria do ouro, mas contém a particula glebaria do estudo, materia que solda as restingas intellectivas, as varzeas da pesquisa, a terra em ser do pensamento.

Assim, o titulo da obra, quando menos, reflecte o ponto geographico em que foi apropriado; corporifica o turbilhão sedimenticio fluctuando na agua; retrata, emfim, o deposito de argillas ou de vegetaes egresso dos máramos andinos a orumo azul do mar.

Alluvião - livro, é, pois, a imagem da alluvião - - terra, sempre contraditoria, heterogenea, feita de folhas, de raizes, de minérios, de despojos, de elementos complexos, em summa, originarios de varios territorios desta ou daquella nação, e que a Natureza, nos seus mil processos transformadores,

lança aqui na corrente caudalosa para, acolá, numa reconstituição topographica, levantal-os de novo.

RAYMUNDO MORAES.

Belém do Pará, junho, 1937.

I

OS SAMBAQUIS

Sambaqui é uma collina artificial de conchas decorrentes dos despojos da cozinha do indio e que se encontra, quando novo, á margem dos rios e dos lagos; e, quando velho, por terra a dentro, no seio das florestas. E' que a terra avançou, deslocando-o topographicamente. Existem archeólogos que acreditam no sambaqui natural, feito pela onda, emquanto outros não creem nisso.

No sul o chamam de casqueiro e ostreiro; de sambagüê em São Paulo; aqui, pelo extremo norte, golfo e Baixo Amazonas, de mina de sernamby. Carlos Wiener, um dos sabios de mais larga visão que eu já li, ao traduzir o marco inicial da vida primitiva do indio americano, examinou os sambaquis meridionaes do Brasil, fazendo em torno desse trabalho curiosas observações scientificas.

Com o choque estabelecido por elle entre as idéas rotineiras da civilização selvagem e os factos

contrarios apontados no seu inquerito, instituiu-se um verdadeiro paradoxo, tanto mais chocante á primeira vista, quanto confirmado por outros documentos mais positivos ainda.

Diz, por exemplo, o eminente professor de archeologia o seguinte nos seus "Estudos sobre os Sambaquis do Brasil": "E' justamente esta a occasião opportuna de expôr, nesta segunda parte de nossa synthese, algumas idéas sobre os principios da archeologia brasileira em opposição aos da archeologia do Velho-Mundo. Divide-se a idade da pedra em dois periodos: o da pedra lascada e o da pedra polida. E' incontestavel que antes de polir uma pedra o esculptor a desbasta. Esse desbastamento corresponde ao primeiro periodo; o trabalho mais artistico do aperfeiçoamento, ao segundo. Ora, para a archeologia americana, esta divisão não pode ser acceita, e eis a razão: acha-se nos sambaquis um numero consideravel de pedras roliças e achatadas de um lado pelo attricto de umas com as outras. Não tememos declarar que, nestes modelos, vimos os mais antigos instrumentos de pedra de que os homens se serviram. O machado, qualquer que seja a forma com que se o apresente, é ainda um instrumento feito de pedra polida e não lascada, pois que, em nossas excursões sobre a costa, encontramos um grande numero de pedras basalticas identicas ás que servem para a fabricação dos "machados". E, mais adian-

te: "Julgamos até que na America A ÉPOCA DA PEDRA POLIDA PRECEDEU POR MUITO TEMPO A DA PEDRA LASCADA". "Já havia muito tempo que o indio não era anthropóphago e tinha completamente abandonado o sambaqui quando entrou na edade da pedra lascada".

Como se vê, são extraordinarios e penetrantes os corollarios da analyse de Carlos Wiener. Se o sabio, no entanto, tivesse vindo por aqui, teria encontrado nas jazidas palethnographicas de Marajó um documento mais positivo ainda dessa involução.

O primitivo HOMEM DO PACOVAL, da nação aruak, deixou atravez da ceramica enterrada nos cemiterios da ilha a prova robusta desse involuir selvagem, pois a louça remota do farelhão marajoára não só é a mais artistica no que concerne ao molde, aos motivos estheticos de belleza plastica, como tambem ao padrão ornamental, onde os caracteres symbolicos, os hieroglyphos, os frisos, as gregas, os mataimes decorativos attingem, envoltos com as caras, caretas e carantonhas, razões mysteriosamente interessantes duma escripta secreta e indecifravel.

Esse attestado apoia em toda a linha as observações de Carlos Wiener, que constatou ter havido entre nós um periodo de pedra polida anterior ao da pedra lascada. Sobre os sambaquis do Pará, os dois paleontólogos que mais se interessaram por

elles foram Frederico Hartt e Ferreira Penna. Das observações dos dois sabios resultaram conhecimentos concretos, ficando provado pelo primeiro que o sambaqui paraense é um despojo da cozinha do indio; e, mais, que o valle amazonico soffreu uma alteração physica e mesológica depois da formação dos sambaquis, donde decorre encontrarem-se hoje taes montes de concha floresta a dentro. Somme-se isto ao desapparecimento do mollusco aquatico, factor da collina conchiliologica, em franca leva migratoria devido ás alternativas climaticas, como o coral em torno das Ilhas Britannicas, e teremos a realidade jungida aos phenomenos geognósticos e atmosphericos.

Embora resultado da mão do homem, como as inscripções rupestres, o sambaqui, no quadro scientifico dos archeólogos está no mesmo plano das jazidas espeleológicas, grutas, cavernas, lapas, antros, muito procurados na decifração anthropogeographica dos ethnólogos, se bem que formados por agentes chimicos ou mecanicos.

II

O PURUSSAURUS

Apesar de remarcado o conhecimento da terra amazonica pela vinda de Agassiz, a verdade é que esse conhecimento é anterior, e data dos primeiros fosseis trazidos da bacia carbonifera do Tapajoz pelo engenheiro militar Silva Coutinho.

Agassiz foi, indiscutivelmente, a corneta scientifica através da qual o mundo naturalistico principiou a ouvir os maiores paradoxos geognosticos e meteorologicos, como, *verbi gratia*, o do periodo glacial no Equador; Silva Coutinho, porém, antes do rebôo singular do sabio suisso, já trouxera alguns fosseis do valle tapajonico das camadas médio-devonianas, documentando assim geologicamente a idade da terra naquellas paragens.

O professor de Cambridge (E. U.), agitando alguns problemas de ordem physica provocou o desmentido dos grandes naturalistas, como é o caso de James Orton, viajante que lhe denunciou co-

mo falsa a theoria das geleiras sob a linha equinoccial.

De taes surtos do famoso ichthyologista irradiados por entre os sabios, originou-se, ninguem néga isso, a curiosidade dos ecélogos, que, isoladamente ou em expedições, começaram a buscar o Rio-Mar.

A banda norte da bacia, zona guyanense, foi então visitada por uma leva de homens de sciencia, inclusive discipulos do proprio Agassiz, que vinham com o designio de corroborar as doutrinas do mestre, atacadas por Haeckel e Darwin, que se collocaram ao lado de Orton. Este denunciára a ousada affirmativa do sabio suisso expondo aos olhos scientificos do mundo uma fieira de conchas marinhas encontradas nas barrancas de Pébas, Solimões. Hartt, Smith, Rathbun, Clarke, Branner, para somente citar os que me occorrem de memoria, descobriram nos taludes ribeirinhos dos rios que descem no Baixo Amazonas dos planaltos guyanenses uma infinidade de molluscos marinhos, gasteropodos, algas e até coraes.

Foi uma revelação maravilhosa, sobretudo se attendermos para o phenomeno metamorphico das rochas nessa região, já de si mirabolante. Isso constatava, apesar da sua molduragem orogenica de alguma elevação, que a plaga era nova, aflorada recentemente dos pelagos oceanicos da era tercia-

ria onde jazera millenarmente. Os positivos documentos assignalavam alli um fundo de mar.

Do lado opposto, no entanto, sul da corda mater que é o Amazonas, onde a terra alluvionaria tem o seu imperio e em cujas dobras ainda mal conseguiu fixar os cursos dagua, encaixar o *canon* dos tributarios, registava-se o contrario, isto é, a velhice da gleba, a antiguidade remotissima da plaga, o que confirma as apparentes extravagancias geologicas de Castelnau.

As provas eram os especimens da fauna paleozoica, os animaes gigantes dum mundo primitivo e hoje desconhecido. No Juruá, ainda agora, de vez em quando, surgem na matta ou nas orlas ribeirinhas esqueletos formidaveis de quadrupedes que recordam a zebra e o cavallo. Nas bordas do Acre, arteria fluvial da margem direita do Purús, Chandless encontrou "restos de uma especie de *Mosasaurus*, que é um genero caracteristico da idade cretacea". O *Dinosuchus terror*, crocodillo gigantesco descripto por M. Paul Gervais, fez parte da fauna amazonica, possivelmente na área dos rios de *agua branca*. No Pauhiny, tributario da esquerda do Purús, G. Gurich descobriu um jacaré fossil de largas dimensões — o *Gryposuchus jessei*.

No leito do Purús Barbosa Rodrigues assignala um grande jacaré de mais de dez metros e uma tartaruga de mais de dois metros, maior que a de * Ameghino no rio da Prata. Eis como o nosso emi-

* Em 1959 uma expedição do INPA achou uma de quatro metros.

nente patricio botanico se refere ao caso: "Entre os chelonios (classificados por elle de *Colossoemys*) viviam nas aguas terciarias saurios monstruosos. Uns não tinham mais que barbatanas; outros, pés armados de gryphos, sahindo do elemento liquido para exercer assaltos em terra. Estes ultimos se achavam muito approximados dos crocodillos dos nossos dias".

O eminente naturalista brasileiro estuda a cabeça do *alligator*, estabelecendo pelo craneo e pelos dentes differença entre este reptil e o *sclerops* de Castelnau. Como se vê, o valle do rio Purús é um dos mais importantes nucleos fossiliferos.

Quem escreve estas linhas delle trouxe, ao tempo em que o navegou, as mais curiosas especies de fosseis: cascos de tartaruga petrificados, cabeças de jacaré, galhos de arvore, sapos, insectos, cobras. Dir-se-iam de cimento armado. O mais interessante porém de tudo isto é que foram encontradas no leito do rio muitas dessas peças em plena transformação. Assim, certos pedaços de pau apresentavam uma extremidade fossilizada e outra não. Cascos de tartarugotas de dois palmos (*cunhamucús*) tinham o peito petrificado, emquanto a carapaça ainda se achava no estado normal.

A abundancia da materia fossil no Purús obriga-nos a transcrever o trecho seguinte de Barbosa Rodrigues: "Creio, entretanto, poder incluir em

um novo genero, distinguindo as especies fosseis das especies vivas; proponho, pois, em consequencia, o genero que chamarei *Purussaurus*, do Purús, rio do mesmo nome, á margem do qual foi encontrado o fossil do saurio, lagarto. As formas deste animal, durante sua vida, devem ter sido muito diversas das do crocodillo ou das do caïman de hoje, um africano e outro americano, porque se os differentes paizes produziram os dois generos, elles devem ser forçosamente da mesma especie geologica, como se observa em todos os animaes de faunas antigas e modernas".

Nestas condições, o Purús resalta na rede hydrographica do nosso aranhol mediterraneo, não tanto pela abundancia fossil, mas pela grandeza desses fosseis, pelos gigantescos fosseis, em summa, documentos que denunciam um mundo animal desconhecido nesta era.

III

OS PERFUMES

Não obstante a gente do amphitheatro amazonico, e principalmente da que morava em Marajó, symbolizada no *Homem do Pacoval*, da nação aruak, possuir, como todas as outras tribus do valle equatorial um vago cheiro a fumaça, advindo por certo do fogo em baixo das redes na maloca, fogo que tem sido o seu lençol, a sua colcha, o seu capote e a sua trincheira contra as feras nocturnas que lhe rondam o somno— essa gente presava e apreciava os perfumes. Especialmente a cunhã. Porque era e é de facto a mulher que se encarrega da parte artistica, da parte elegante, da parte prophylactica, dentro já se vê dos principios rudes e embryonarios dum povo errante, vindo do mysterio com carta de prego para o paiz em que não se morre, região que o selvagem buscava para acampar definitivamente.

Vivendo, pode-se dizer nagua, tomando dois, tres, quatro banhos por dia, a familia do *Homem*

do Pacoval dispunha duma flora surprehendente e variada, quer na parte em que a *hyléa* reveste a terra pelo occidente, quer na parte dos campos, onde a savana se remarca pelos capins cheirosos, pelos trevos, pelas hervas, pelos arbustos.

Apesar da linha floristica norte-sul, que demarca no farelhão marajoára duas provincias botanicas, não só da banda campesina como da banda florestal os perfumes silvestres abundam com a força vitalizante do sol do Equador. As parasitas, os cipós, as folhas, as raizes, as cascas, as epiphytas, dum lado, disputam primazias aromaes ás gramineas, á relva, ao trevo, á onda verde dos prados, de outro.

Baunilhas, cumarús, paus-rosa desta região desafiam as pripriocas, as cecens, as margaridas daquella. Os oleos perfumosos, os balsamos, os leites dalli provocam confrontos com as resinas, os breus, as entre-cascas daqui. Isto sem metter a multidão lacustre dos uapés, dos mururés, de todas as nympheáceas que florescem na agua dormente e que se polarizam com os tuberculos, com os *libers*, com os grelos e os pendões trescalantes da terra-firme.

A gleba toda da grande ilha, da umbella aérea á samambaia rasteira, do amplo chapeu chlorophyllado á haste debil duma flôr do campo, desabotôa no vegetal cheiroso que attrae a abelha e o homem, o passaro e a cunhã.

Assim como a secreção da baleia — o ambar — fornecia o aroma delicado á dama aristocrata da Idade Media, obrigando o nauta daquellas eras a verdadeiros *raids* maritimos para adquirir a procurada essencia — a secreção do sapo cunauarú na Amazonia fornece um dos mais finos perfumes com que se defumavam, em ritual, os paperis da cunhã marajoára.

Ninho de resina odorifera em que o batrachio dorme no ôco dos paus, lembra uma tigelinha de jutahicica e constitue um raro e precioso aroma no largo bloco insular. Queimam-no em caçuletas de barro.

Além desse producto batrachio ainda existem os breus cheirosos, vertidos dos troncos de arvores, cujas exhalações quando queimados recordam os languidos effluvios das oblatas votivas perdidas na atmosphera dos conventos, das offerendas amorosas a ondular no ambiente dos harens.

As resinas que choram no caule dos representantes dos bosques, dos principes arboraes da selva lagrimas amarelas, vermelhas, cremes, brancas, cinzentas, como perolas que brotassem dum verde e cyclopico vegetal, espalham uma serie de perfumes tão exquisitos e caprichosos que dir-se-ia vindos do oriente, originarios dalgum sandalo divino ou das visceras dalgum animal encantado.

Fóra, no entanto, dos aromas da jangla e da savana já referidos, teve ainda o *Homem do Pa-*

coval a japana, a mangerona, a açucena randia, a casca preciosa, a cannela, o araticú, o caapitiú, o camará, a cedrela odorata, o cumacaí, a fava do puxurí, o malmequer do campo, o pau cravo, as cataléas, os catacetuns, a raiz do piraturá, a pataqueira, o pega-não-me-larga, a mão de onça, o uapé e essa extraordinaria e estonteante macacaporanga, cuja arvore é toda uma estrophe de fragrancias, um canto de essencias mesclado de benjoim, de mirra, de incenso; um poema, sem duvida, dalgum perfumista autochtone que versejasse na linguagem subtil dos nardos maravilhosos.

A raspa, a serragem da macacaporanga serve para o celebre cheiro de papel, no qual entram tambem a priprioca, o jasmim e a rosa. Folhas, ramos, galhos, troncos, raizes dessa admiravel essencia trescalam um suave e imprevisto odor.

Posta na roupa branca dos balaios, bahús, commodas, *sachets*, o seu cheiro se impregna de tal forma no panno que, mesmo depois de lavado, ainda perdura.

Completando este scenario vegetal, alça-se nas forquilhas e nos galhos altos da matta uma verdadeira theoria de cipós, de guirlandas, de festões que gritam nas flôres vermelhas o perfume mais violento, nas flôres amarelas o aroma mais doce, nas flôres alvas a fragrancia mais exquisita.

Não incluo na serie o patchuli (*Vetiver*) pela duvida de suas origens, que se diz não serem au-

tochtones, mas da India. Entretanto essa graminea médra no Pará, e principalmente em Marajó, como no seu *habitat*. De aroma delicado, a raiz fina e branca, em pequenos mólhos da grossura de um dedo, posta por trás das telas e dentro dos vasos e jarros decorativos, nas salas, nos gabinetes, nas varandas, espalha um perfume brando e admiravel.

Da mulher selvagem até os dias correntes, os chimicos domesticos do amphitheatro amazonico vivem fazendo combinações de essencias em garrafadas, em cuias, em enveloppes de papel, de maneira a conseguir os mais famosos extractos da flora equatorial. Ralados, macerados, fervidos, atravez dos processos primitivos e embryonarios, em summa, os vegetaes das nossas mattas e dos nossos campos têm alguma cousa de singular e typico na fragrancia com que perfumam a terra.

IV

ALGUNS FRUCTOS ACCLIMADOS

Um dos optimos trabalhos de Jacques Huber foi sem duvida o de estudar os fructos amazonicos atravez da geographia. Apurando a origem de cada um, determinando-lhes em summa a patria, o sabio rasgou novos horizontes botanicos, e, talvez mais do que isso, ethnographicos. Nesse objectivo recorreu, conforme elle mesmo probidosamente declara, á excellente obra de Adolphe Candolle *L'origine des plantes cultivées*. Reforçou com taes conhecimentos de gabinete a sua peregrina observação directa, que é sempre photographica, e chega a ser escandalosa, de perfeita e clara.

Do conjuncto desses estudos surgiu a melhor monographia sobre a materia, monographia hoje estampada num dos *Boletins do Museu Paraense*. Porque a verdade é que o nosso vasto pomar, além dos especimens indigenas, constituiu-se, á semelhança do povo, dos typos mais exoticos, vindos de todos os quadrantes do globo. Os contrabandistas,

os piratas, os frades, os exploradores, atravez do commercio que faziam com o indio nessas primeiras *ciganagens* silvestres, deixavam tambem o fructo antipoda, em semente ou muda, trazido de outros mares e de outros hemispherios.

A *banana*, por exemplo, que representa hoje um exemplar botanico de linhas autochtones, é originaria da Asia, tanto que já houve, segundo João Ribeiro na sua *Historia do Brasil*, uma época pre-bananica, isto é, um tempo em que o genero musaceo era inteiramente desconhecido para aquem dos lindes patricios. As multiplas qualidades espalhadas hoje em larga escala no amphitheatro amazonico, desde a reforçada e nutritiva *pacova* que é o termo tupi, assim como *banana* é africano e *musa* arabe até a inajá miúda e cheirosa, com escala pela S. Thomé, chorona, branca, maçã, prata, mostram que a bananeira, pelo clima e pela terra, fez da planicie um segundo *habitat*. Entretanto ella perde, de certos pontos para o montante na rede hydrographica da Amazonia, os seus attributos delicados, as suas propriedades aromaticas.

Outra fructa que tomou nestas paragens um largo surto foi o *mamão*. Os especialistas botanicos julgam que o Mexico é o seu paiz de origem, embora tal indigenato ainda seja motivo de controversias. Ha o mamão macho e o mamão femea, sendo que o primeiro é esteril. A proposito Roquette Pinto, nos *Seixos Rolados*, conta o incidente da

carica papaya e da *carica mamaya* vindo a furo na *Flora Fluminense,* do frade naturalista Conceição Velloso. Arvore hoje sub-espontanea na plaga paraense, medra com rapidez incrivel.

A carne envolta na folha do mamoeiro amollece, tornando-se macia e tenra. As lavadeiras tiram a mancha da roupa branca com ella, que tambem serve em chá, na pagelança domestica, contra o enjôo. Não ha nausea, por mais rebelde, que não ceda a uma chicara desse infusorio fervido. O fructo, verde ou maduro, em doce ou mesmo comido ao natural, é excellente. Trinta annos para trás o mamão era tido aqui como fructa agreste, indigna de figurar nas mesas ricas.

Na bella monographia intitulada *Os Mosquitos no Pará,* conta Emilio Goeldi que havendo surgido noticias na imprensa de que o mamoeiro (*carica papaya*), conforme experiencias feitas na China, afugentava o mosquito, examinou o caso obtendo resultados negativos. Já o mangericão, tambem plantado especialmente pelo sabio com o mesmo objectivo deu fim satisfatorio contra o *stegomiya,* vehiculo da febre amarella, sem resultado no entanto contra o *culex fatigans,* vehiculo da filariose. Uma das melhores syntheses sobre o mamoeiro encontra-se na obra de Alfredo Augusto da Matta — *Flora Medica Brasiliense.*

A *manga* é outra fructa cuja arvore já tem entre nós ares silvestres. Egressa da Asia Meridio-

nal, os agricultores, por meio do enxerto, criaram-lhe tantas variedades na côr, no tamanho, no cheiro, que é presentemente difficil dizer qual o typo originario do Oriente. No Estado do Pará, sobretudo em Belém, a mangueira é mais de sombra que de fructo. As alamedas paraenses, verdadeiros tuneis de folhagem nas avenidas da capital, são notaveis de penumbras. As raizes, entretanto, que levantam as calçadas, desaggregam as pedras e quebram o pavimento das ruas, estão reclamando um substituto para a arborização urbana. Nenhum em melhores condições que o oiti, já pelo indigenato, já pela belleza da fronde, já porque resiste á poeira, isto tudo sem atacar o calçamento, como succede á mangueira, e, principalmente, ao *ficus benjamim,* tambem importado, cujas raizes equivalem por baixo da terra a uma arvore muito mais ampla que a exposta ao sol. As radiculas, especies de galhos subterraneos, occupam área duas vezes maior que a copa.

O TAMARINDO. Arvore bella, copada, veiu para o Brasil atravez das Antilhas, até bem pouco tempo conhecidas por Indias Occidentaes; dahi o nome de tamarindo: *tamer* — *támara,* e *hindi* — *da India* (Jacques Huber). Egressa da Africa, o continente mais pobre do mundo em fructos, a sua dispersão no globo é hoje immensa.

O ABACATE, de indigenato no Mexico, é um pomo altamente diffundido na Amazonia, onde

medram varias qualidades. No Perú chamam-no *Palta.* Ao tempo dos incas plantavam essa arvore sobre as sepulturas peruanas como reserva alimenticia destinada aos mortos. O polymorphismo de suas folhas mereceu um estudo especial de Jacques Huber.

Tal memoria vem estampada, com a respectiva illustração, no VI volume do *Boletim do Museu Paraense.* A differença, na forma e no tamanho das folhas, é tão berrante que chama logo a attenção.

Accrescente-se ao abacateiro as propriedades medicinaes extraordinarias e teremos então um vegetal acclimado com a nossa mais alta sympathia. Restam ainda novas referencias ao fructo, que é comido como legume e como doce. Do primeiro modo ha quem lhe addiccione azeite, vinagre e até pimenta do reino. Do segundo esmagam-lhe a massa verdoenga e plastica, juntam-lhe assucar, vinho sêcco ou licor, passam-no em peneira fina e servem-no em taças. E' um creme delicioso, tido como aphrodisiaco. Existem abacates de varios feitios e nuanças. O mais commum porém guarda a forma de mamadeira. A respeito deste fructo certo chimico italiano que andou em Belém conta o seguinte caso: "Um abacateiro (*persea gratissima*), tendo, em consequencia de um accidente, perdido — de um só lado — uma parte de sua casca, principiou a produzir fructos sem peri-

carpo, e só voltou a produzir fructos normaes depois de resarcida a ferida por meio de uma camada de cimento". (Dr. G. Martina — *Estudo chimico sobre algumas fructas brasileiras*).

A FRUCTA-PÃO, indigena de Sumatra e de Java, vive na Amazonia desdobrada em duas qualidades: a de massa e a de castanha. Come-se a primeira assada, em fatias, cobertas de manteiga, verdadeiros beijús silvestres; a segunda, cosida, á semelhança da castanha europea. E' sub-espontanea e cresce rapidamente. A entrecasca das duas fornece estopa excellente, capaz de ser applicada em todos os misteres industriaes, inclusive no calafêto das embarcações.

A JACA é outro fructo magnifico. Crescem na Amazonia duas qualidades: a da Bahia, egressa da India; e a do Pará, egressa das Antilhas; esta mais conhecida por graviola. Fructos grandes, verdes, alongados, de pontinhas molles em toda a casca, pesam mais de tres kilos; de polpa branca, sabor acido, seu aroma é exquisito. Optima nos refrescos, excellente nos sorvetes, é um pomo refrigerante que merece a estima collectiva.

V

LUZ E SOMBRA

Não é só a humanidade que tem horror á sombra: as plantas e os bichos tambem. De parte alguns sêres nocturnos, que amam as trevas; e de certos exemplares botanicos afeitos ás penumbras, fauna e flora desenvolvem-se fascinados pelo sol. A claridade magnetica da luz, na alleluia chromatica das tintas, attrae para os cimos arboreos a multidão de vegetaes e irracionaes.

Na Amazonia o phenomeno é commovente. Animaes rasteiros nas campinas, vivendo satisfeitos nos prados, sem a preoccupação inquietante do azul do céu, na selva armam-se, por cyclos millenarios de adaptação, de garras e de unhas para ascender pelo arvoredo ás cumiadas louras onde se espetam as frechas do sol. O mesmo acontece a muitos individuos silvestres, que se metamorphoseam em cipós, e, por meio de espinhos, aculeos, gavinhas e ventosas escalam as umbellas verdes no fascinio do ether radioso. Ratos, sapos, lagar-

tos, pica-paus, tucanos, macacos, cigarras, formigas, preguiças, besouros, cobras, sibilando, cantando, roncando, chiando, batendo, estridulando sobem alarmados com as sombras junto ao solo.

Das parasitas e epiphytas que emigram da obscuridade para as altas forquilhas, e que se desatam marinhando pelos galhos a sugar ou a se balouçar apenas, resulta na matta a impressão commum de cabos e linhas dum gigantesco navio glauco desarvorado, tantos são os filamentos silvestres pendentes e que lembram enxarcias, estaes, adriças, patarrazes, brióes, escotas, rises e amantilhos. Dir-se-ia uma nau fantastica dos deuses autochtones encalhada no mysterio obscuro de parcéis umbrosos.

Os especimens botanicos de porte médio, e que se não soccorrem dos grandes para attingir a luz, espremem-se, adelgaçam-se, afinam-se e estiram-se na ansia angustiada de varar para a amplidão luminosa atravez da cupula da folhagem. Assahyseiros chamados da terra-firme, tristes e sós como espanadores de cyclopes, esgueiram-se premidos por typos de familias vigorosas e elevam o pennacho clorophyllado, num milagre de equilibrio, tal a haste franzina de que dispõe, á verde superficie aérea beijada pelo sol.

Na orla dos rios e dos lagos, onde a jangla é densa, fechada como bastiões de fortalezas erguidas sobre taludes e ravinas, o pavor cósmico da

obscuridade é tão eloquente e forte que todas as arvores da primeira fila ribeirinha se inclinam para fóra numa obliqua estranha ao fio vertical. Desviam a copa da ambiencia opaca assustadas por certo com o tom lobrego da selva, e quebram a perpendicularidade afim de envolver as cabelleiras crespas e desgrenhadas na onda fecundante da luz.

Em nenhum trecho do globo talvez se observe com tanto realismo esse horror da fauna e da flora pela sombra como na hinterlandia paraense; a tal ponto, que a rosa do sol, ao attrahil-as para o ar com o seu dourado poder vitalizante, põe em duvida as leis da gravidade da terra.

VI

RUY, O ADVOGADO

Falando de Exercitos ou falando de Armadas, discutindo direito ou discutindo politica, Ruy Barbosa triturava, esbagaçava, pulverizava o assumpto a ponto de espantar os mestres. Exegeta em qualquer materia, ideal ou positiva, religiosa ou mathematica, lyrica ou naturalistica, foi elle, innegavelmente, quem viu mais longe na America. Tinha olhar de aguia e vôo de condor. O seu horizonte guardava a amplitude de todos os quadrantes da rosa dos ventos. Quando fazia literatura, medindo-se com as maiores cerebrações do continente, seus trechos pareciam de ouro gravados em paginas de aço.

Era senhor daquelle cunho esthetico dos ourives florentinos e daquelle sentido universal da belleza da Renascença. Jornalista, o seu cálamo foi uma clava fulminante. Pensador, chegou ás paragens radiosas das conquistas liberaes. Sociólogo, nelle se via o paradigma. Diplomata, alçou-se á

admiração do congresso de Haya. Jurisconsulto, possuia a definição dos Codigos, a interpretação da Lei e o axioma da Justiça. Humanista, versando quasi todas as linguas, leu no original os Poemas de Homero, as Comedias de Aristophane, os Contos de Boccacio, as maldades de Machiavel, o humorismo de Sterne, as loucuras de Erasmo, as graças de Mark Twain e as sublimidades de Goethe.

Não lhe escapavam os mais fugidios aspectos da vida. Foi tudo com esplendor e espanto. Se lhe davam um aparte referente á côr de um sello ou ao peso de certa moeda, elle deitava abaixo a philatelia, revolvia cachoeirante a numismática e refreava o atrevido que o espicaçára. Ao fazer das paginas literarias, colhia os vocabulos com tanta propriedade, urdia os periodos com tanta elegancia, pureza de estylo e conhecimentos lexicos peculiares ao classico, que os seus capitulos valem por photographias de almas e de paisagens. Tinha qualquer cousa de augure nas arrancadas parlamentares e de propheta nos rodopios jornalisticos. Era tremendo.

Quando por acaso discorria sobre grammatica e philologia, assombrava os especialistas, produzindo monumentos tão altos na materia, que a posteridade vae admiral-os commovida. Mas é preciso deletreal-o com acuidade para que se perceba o advogado, o inexcedivel advogado, o estupendo

advogado, radiante, tenebroso, fazendo jogos floraes com as palavras, impressionando o auditorio com a logica, com a vehemencia, com as lagrimas, com os gritos, com os urros, com as pausas, com a flôr, com o sapo, com a verdade, com a mentira, com o escandalo, com as almas do outro mundo, com os vermes e as estrellas.

Ia do *bas-fond* ao palacio, do deserto á cidade, da planicie á cordilheira, do oceano ao continente, da terra ao céu, do criminoso ao innocente, do bem ao mal para levantar um indicio, fazer uma prova, architectar um documento que servisse ao seu cliente, fosse elle um ser vivo ou um ideal accusado. Remexia o mundo como um trapeiro universal para suspender do lixo uma folha encardida de papel que lhe aproveitasse á defesa. Os eclipses, os naufragios, os terremotos, as pestes, os cyclones vinham-lhe de roldão nos argumentos terriveis. Os santos e os larapios, as virgens e as cortezãs, o conselheiro Accasio e Shakespeare depunham aterrorizados ante o seu verbo apocalyptico. Conclue-se tudo isso das paginas luminosas que elle escreveu sobre Swift, ao prefaciar as *Viagens de Gulliver*. Accusado Swift pelos grandes homens de seu tempo, que o denegriam encarniçadamente no mais arrojado dos combates partidarios, por entre chufas e sátyras politicas, Tackeray, seu contemporaneo e inimigo, despejou sobre a cabeça do sacerdote as mais negras infa-

mias, as mais sinistras calumnias, as mais profundas injurias.

Essas cousas todas fizeram a travessia para a França. Ahi, Paul de Saint-Victor transformou a miseria em verdade, divulgou, propagou a maledicencia até que o veneno se concretizasse num capitulo dessa famosa *Historia da Literatura Ingleza*, bloco de granito cinzelado pelo buril innegualavel de Taine. Genio dialectico, malabarista da palavra, o autor das *Sete Lampadas da Architectura* foi inclemente com Swift. Repetiu, com a aggravante da synthese, com a força vulpina do gaulez, com o odio inexplicavel dos povos separados pela Mancha, tudo de mal que delle já se dissera no Reino Unido. E a civilização teve assim, num drama angustioso, de ver lapidar um innocente após ser coberto por toda a materia escrementicia que a malvadez politica, literaria e religiosa, recolhera das cavallariças de Augias. Ninguem que lesse as accusações de Taine, estribadas nos satanicos pamphletos de Tackeray e Paul de Saint-Victor, deixaria de amaldiçoar os manes de Swift, atirandolhe o supremo sarcasmo, o derradeiro insulto, tão positivos se afiguravam os peccados tenebrosos do autor do *Conto do Tonel*.

Eis que surge porém o gladiador da palavra, o mestre da rhetorica, o esgrimista da logica, o cavalleiro da oratoria que era Ruy Barbosa, convidado a prefaciar as *Viagens de Gulliver*. Advoga-

do de lances ciceronicos no pretorio, Ruy Barbosa antes de escrever as paginas fulgurantes no portico do livro, examinou os autos que levaram á prisão o autor do trabalho. E quanto mais examinava a peça, obra prima de maldade, mais o acicatava o desejo de transformar, aquelle nobre e combatido espirito de Swift, de criminoso em innocente. Tinha, não ha duvida, diante de si um gigante accusador da envergadura de Taine, famoso pela força do argumento, temivel no sarcasmo, desmedido na invectiva. Historiador maravilhoso, pittoresco e dramatico, vendo no homem e na multidão o que elle desejava ver e não a verdade, o perfil athletico de Taine não intimidou Ruy Barbosa, que, depois de examinar folha por folha desse tremendo libello mettido na *Historia da Literatura Ingleza,* levantou o brado reivindicador denunciando o capitulo.

Ha que seguir linha a linha desse prefacio-defesa, cheio de relampagos e trovões, arrasador e retumbante como uma peça de artilharia, para se ter a idéa nitida e perfeita do poeta, do escriptor, do jornalista, do jurisconsulto, do diplomata, do sociólogo, envolvidos, enrodilhados, comprimidos, manietados pelo excelso advogado, caracteristica maior do radiante espirito que foi Ruy Barbosa. O processo Dreyfus, na França, que agitou Paris e agitou o mundo, decorreu com elle em Londres, miseravelmente banido da patria. A sua visada

advocaticia sobre o caso, hoje guardado nas sensacionaes *Cartas da Inglaterra*, recortam-lhe já a figura gigantesca de patrono das grandes causas, das causas universaes, daquellas em que a humanidade, por uma inversão dos acontecimentos e na vertigem colerica dos apaixonados, faz do innocente o criminoso.

VII

ASPECTOS MARAJOÁRAS

O bloco insular marajoára, por motivo de seu tamanho e da sua posição geographica, enquadrado entre o mar largo e a terra continental, alimenta processos curiosos e antagonicos de pesca, desde o trazido pelo advena da conquista, portuguez, hespanhol e hollandez, quando não francez e inglez, pois todos andaram como caranguejos, arranhando nossas costas, no dizer dum inflammado chronista da época — até ao engendrado pelo selvagem, cheio de astucia, revelador da intelligencia mansa do indio, que faz tudo argutamente, meditadamente, sem barulho nem violencia dispersiva, antes prevendo, como um táctico, os pormenores que de certa forma concorrerão para annullar os planos estrategicos delineados pela embiara. De sorte que na contracosta, de Soure a Chaves, onde nadam a pescada e a tainha, o mero e o cação, a rêde de arrasto predomina,

As geleiras lusas que pescam nas enseadas ou rios que desaguam na bahia de Marajó, apanham o peixe na praia ou na tapagem dos igarapés e lagos, quando não o compram de terceiros. Mércam a tainha e a pescada em primeiro logar. Já os vigilengos patricios, pescadores a espinhel em longas linhas de mil anzóes resistentes e marcados pelas boias fluctuantes dos jamarús, *pegam* a gurijuba, a pirahiba, o doirado, a pirapema, a piramutaba, o filhote, a arraia, o cação. Trabalham distante, em geral com a terra alagada no horizonte, e de accôrdo com o fluxo e refluxo das marés. Fundeam nos pesqueiros a jusante de Belém e colhem os espinheis na baixa-mar, para subirem rapidos, na enchente, com o producto da pesca até a metropole paraense, onde o vendem. Isto sem contar a gente do Salgado que se occupa do marisco, do grude e da salga, trazendo além do caranguejo, camarão, caramujo e ostras frescas, a gurijuba, a tainha, ova e carne, salgadas, fóra o grude da gurijuba, que se exporta para o sul e estrangeiro, donde nos reenviam já com outras caras e baptisado com os nomes de colla, gomma-arabica, etc....

Mas ainda ha, na margem oriental do Marajó, o cacurí, que é uma cêrca de talas armada nas praias afim de apanhar o peixe que náda junto á beirada. Despescado na baixa-mar, o cacurí é o apparelho por excellencia para não consumir nem

sobresaltar ninguem, tão seguro é o methodo de se lhe retirar das empanadas as peças lá cahidas. Da outra banda de Marajó, lado de oeste, onde predominam os alagadiços, os igapós e pirisaes, tarrafeia-se, gapuia-se, frecha-se, arpôa-se e entoxica-se a agua dos igarapés e lagos com o timbó, o tinguí e o cunambí, venenos que entorpecem os nadadores, fazendo, ás vezes, quando as cargas toxicas são demasiadas, mortandades tremendas, que infeccionam as aguas com a putrefacção dos cardumes mortos e desencadeiam epidemias terriveis.

Não entram em linha de conta os varios systemas de arapucas mergulhadas, engenhosas heranças do indio, e que abastecem com fartura a mesa do caboclo já civilizado e mesmo do branco, que se pélla por uma trahira, por um jandiá, por um acarí, por um tamuatá. Além desses estratagemas, a gente da orla occidental de Marajó ainda possue divertidos e pittorescos processos de pesca, como, por exemplo, o da noite escura com facho á prôa da canôa, quando a embarcação derivando rente á florola da beirada vae despertando o peixe adormecido e que, espantado, salta e cae no poço da montaria. Tambem o anzol iscado de penna vermelha, numa linha solta na esteira da canôa, engana o tucunaré e outros peixes, que pensam vêr na isca um matupirí nadando.

Salto, porém, deste assumpto variado e sempre interessante, como é a pescaria, para outro mais grave e menos commum, tal o geológico. O que ha sobre a materia é, realmente, quasi reservado, inaccessivel mesmo ao grande publico, de curiosidade á São Thomé, mettendo o dedo em tudo, espiando por quanto buraco de fechadura ha no mundo. Assim, é justo que se divulguem os factos, sobretudo quando os estudiosos se interessam por elles. O nome de Cachoeira, realmente inexplicavel numa planura de alluvião, provém de "um recife de grés vermelho concrecionario, perdido alli no leito do rio (Arary), formando na vazante uma pequena cachoeira que dá o nome á villa. A rocha é o grés ordinario ferruginoso (arenito), que se encontra na vizinhança do Pará e Soure, e é a que tem sido reconhecida na ilha de Marajó, onde os afloramentos de pedra são excessivamente raros". De parte os dois parenthesis, que são meus, a nota aspeada é do grande geólogo canadense Carlos Frederico Hartt, que veiu ao nosso Estado duas vezes.

VIII

COSMOGRAPHIA ANTIGA

Nem sempre o mundo foi uma bola. Os velhos navegantes da Idade Média, geógraphos e cosmógraphos anteriores á Renascença, desenhavam o nosso planeta de varias maneiras. Primeiro a parte solida, a terra-firme propriamente, era figurada por um disco, tendo a agua em volta. Assim a concebiam os poetas da Escola Jonica, segundo Plutharco.

"A vegetação dos tropicos inclinava um pouco para o sul o disco. Nos lindes aquaticos do orbe ficavam o Elyseo, as ilhas dos Bemaventurados, os Hyperboreos e o povo justo dos ethiopes. A fertilidade do solo, a amenidade da temperatura, a força physica dos homens, a pureza dos costumes, todos os bens em summa eram proprios do contorno do disco terrestre." (Alexandre Humboldt — "O Descobrimento da America").

Depois desta figura surge uma outra concepção do planeta. Teria a forma de grande lago, em

torno do qual estariam todos os povos e paizes daquelles idos. O lago era constituido pelo mar Tenebroso, Edrisi, Atlantico de hoje, dentro no qual navegavam os phenicios. Não havia sido ainda descoberto o Pacifico, por Balboa, chamado então mares do sul. Só existia um hemispherio — o do norte. Os homens notaveis daquelles tempos obscuros pensavam contraditoriamente, dizendo cousas hoje que modificavam as de hontem e contradiziam as de amanhã. Isso aliás occorre nos seculos XVI, XVII, XVIII, XIX, e, quiçá, no XX, pois ainda agora se eclarecem e rectificam calculos suppostamente verdadeiros.

Toscanelli, conselheiro e guia de Colombo, em 1474 occupava-se theoricamente dos mesmos projectos do genovez. Dentro nesses planos aponta um caminho a percorrer no futuro descobridor da America: o do occidente. A "Antilha", que segundo o calculo do cosmógrapho florentino, se encontrava a 250 leguas antes de chegar a Cipango (Japão), era o alvo.

Mystico, ás vezes delirante, tudo fazendo pelo catholicismo, o famoso navegador genovez escrevia ao rei Fernando e á rainha Izabel nestes termos: "Já disse que para a execução da empresa das Indias, não aproveitou razão, nem mathematica, nem mappa-mundi: apenas se cumpriu o que referiu Isaias: Nosso Redemptor disse que antes da consumação deste mundo se fará cumprir

tudo o que estava escripto pelos prophetas; o Evangelho deve ser predicado em toda a terra e a Cidade Santa tem de ser restituida á Igreja. Nosso Senhor quiz fazer um grande milagre com a minha viagem á India. Preciso é apressar o fim desta obra, lume que foi do Espirito Santo porque por meus calculos daqui até acabar o mundo só restam cento e cincoenta annos".

Colombo escrevia isto da Jamaica a 7 de Julho de 103. Percebe-se da sua carta que elle estava cumprindo um designio divino annunciado pelos prophetas; e, mais, que se achava na India. Porque é preciso notar, o seu objectivo marinho, a sua projecção pelo oceano não foi em busca desta ou daquella paragem, tão seguro se mostrava elle dos mares, mas sim de chegar ao Levante pelo Poente, isto é, attingir a região das especiarias, navegando ao rumo do sol.

Quando nas suas viagens esbarrou com as ilhas e depois com o continente, que lhe cortavam a rota, julgou ter chegado ao destino que as trombetas santas lhe annunciavam. Ao avistar, já na terceira viagem, a faixa continental da foz do Orenoco, julgou-se no Paraiso, reconhecendo ahi os dogmas da "Topographia Christã", porque a terra, segundo seu "Diario", estava mais proxima do Céu, sendo pois muito mais alta que a da Hespanha, como provava, não com a forma globular,

mas com a de pêra (Navarrete — "Viagens de Christovão Colombo").

Além desse mysticismo de Colombo, a geographia da época era mythica, toda encantada, fabulosa, cheia de surprezas e maravilhas. A Atlantida e a Lemuria presidiam, num tom vago e mysterioso, os mappas mais positivos. Solon espalhara a noticia bebida no Egypto, de fonte sacerdotal, o mytho da Atlantida, que Platão copiára. Não se pode negar, diz Humboldt, a influencia de remotas opiniões geographicas no animo de Colombo. No entanto ninguem mais actuou na sua imaginação que Paulo Toscanelli, astronomo, geometra, que, de Florença, acompanhava a parabola das descobertas ouvindo e lendo o que se dizia das expedições genovezas e venezianas, sem contar o que já vinha dos phenicios. As palavras do sabio florentino, continua Humboldt, encontram-se com ligeiras variantes no "Diario de Navegação" de Colombo". Aquella phraseologia meio real e meio ficticia de Marco Polo, cujo livro consulto, de Cattay, Cipango, Grão Can, etc., fora versada pelo genovez.

Outra cousa que se nota, causando-nos certo espanto, é a maneira por que muitos individuos anonymos da época se transformavam em grandes capitães, indo de fornecedores de viandas a cosmógraphos, de commerciantes de pão e carnes em terra a notaveis navegadores. O maior exem-

plo é o de Americo Vespucio. Vendedor de estivas numa das praças de Castella, metamorphoseou-se, da noite para o dia, num mareante de tão alta envergadura que acabou usurpando os direitos de Colombo. O estreito que afinal veiu a se chamar de Magalhães, affirmam os maledicentes deste seculo XX, já se achava assignalado no globo de Martin Behain, assim como o archipelago dos Açores. Naquelle tempo os medicos faziam o papel de physicos, de astronomos; não só exerciam a medicina junto dos soberanos, como liam as borrascas, os vendavaes, os cyclones nas estrellas. Dahi a fama de cosmógraphos obtida por muitos delles.

Quando se descobriu o Brasil, irmanada á carta de Pero Vaz de Caminha, seguiu outra epistola, attribuida a um certo mestre João. Esse mestre João não era outro senão o physico da capitanea, que lia o temporal no céu, e o rheumatismo na perna de Cabral. O imprevisto de Pigaffeta, quando chegou da primeira viagem de circumnavegação á ilha de Santiago de Cabo Verde e lá lhe disseram os portuguezes ser quinta-feira, emquanto a bordo seria quarta, representa o conhecimento cosmographico de então, pois ignorava-se que um navio andando para oeste, em torno do orbe, acabasse, no fim da viagem, ganhando 24 horas.

Se transportarmos esses exemplos, de varios pontos do globo para a Amazonia, o que se veri-

fica immediatamente é o mytho influenciando na geographia, e, sobretudo, na cosmographia. Na carta de Johannes Blaeu, de 1610, toda confusa e perturbada, apenas se percebe de real a multidão de ilhas, um archipelago anonymo, em cujo centro não se distingue, nem mesmo figuradamente, o farelhão de Marajó. A' grande insula se misturam, erradamente já se vê, muitas quasi do mesmo tamanho. O geógrapho se esqueceu ou teve receio de traçar a linha equinocial, que não figura no plano.

Entretanto o lago Parima, onde a lenda collocára o El-Dorado, já se mostra beirando as corcovas das cadeias de montanha, que são o espinhaço do Systema Guayanense. A fabula, como na cosmographia remota dos povos navegadores, desde a Idade Média aos tempos da Renascença, guia os traços cartographicos dos geógraphos destas paragens, preside-lhes mesmo a concepção de qualquer planta que façam.

IX

O TUPÍ NA GEOGRAPHIA

As tribus marajoáras, incluindo mesmo aquellas que pareciam não ser aruãs na parte occidental da ilha e que habitavam Marajó sob o titulo generico de nheengahibas (más linguas, faladores, mexeriqueiros, como julgam alguns tupinólogos: lingua má, travada, difficil, dura de se apprender e falar, como julgam outros) tinham consciencia da sua situação geographica. Não somente sabiam que habitavam uma grande ilha, mas ainda na foz dum rio formidavel, desaguando no oceano. O nome indigena com que denominaram esse largo bloco de terra desarticulado do continente é um attestado flagrante do conhecimento. Marajó, na lingua tupí, corresponde a *mbará-ió,* que significa ilha tirada do mar e tambem tapa-mar, ou anteparo do mar. *Mbará,* propriamente, equivale a Pará, e traduz-se como rio caudaloso, igual ao mar (Theodoro Sampaio).

Por ahi se vê a propriedade da nomenclatura, e pois a consciencia do selvagem quando baptisou o antigo farelhão com o appellido que representa um facto real de corographia, ou, melhor, topographico. Antes, porém, de continuarmos a mostrar a originalidade, a coherencia tupi na geographia, é necessario, ao tratar de Marajó, que se evoque um pensamento interessante de João Lucio de Azevedo no seu magnifico tomo *Os Jesuitas no Grão-Pará*: "... a historia desta parte da terra brasilica (Pará) de modo nenhum se pode escrever sem a dos jesuitas". De accôrdo, se ampliarmos a idéa do saudoso escriptor para as demais ordens religiosas, visto como antes e depois dos frades da Sociedade de Jesus, aqui estiveram outros missionarios. Entretanto, por uma fatalidade, o primeiro catechista que por aqui andou, Luiz Figueira, irmão de Loyola, após ter subido o curso do Xingú, e antes mesmo que a Ordem se estabelecesse no Pará, foi morto em Marajó pelos aruãs, ficando logo o grande trecho insular ligado á chronica desses frades por um tragico episodio, que seria o inicio do drama desdobrado posteriormente naquelle palco do Novo Mundo.

O sacrificio do vanguardeiro da Ordem não deteve todavia a projecção da Companhia de Jesus nestas plagas. E tempos depois desembarcavam, vindos do Maranhão, os jesuitas Souto Maior e Gaspar Fragoso, que se obrigaram por escripto

e em virtude da celeuma já levantada contra esses padres, a não intervir no negocio referente a indios. Assignaram a convenção conscientes porém de que não a cumpririam. A affirmativa foi uma derivante lançada apenas para conseguir o fim visado, que era o radicamento da Companhia em Belém, e, depois, em todo o territorio paraense. Mal conseguiram o objectivo, voltaram-se para os selvicolas, gerando taes perturbações no espirito das massas, a ponto de somente se restabelecer a paz com a acção feroz de Pombal, chamando a communidade ao reino. Nem o genio de Vieira, nem a protecção dispensada á Ordem, e, muito menos, o cunho de civilização que elles, de facto, imprimiam ao aborigene, conseguiu harmonizar o interesse das partes que ambicionavam ter sob o seu predominio as cabildas paraenses.

E, debaixo dessa capa civilizadora, o que se pretendia realmente, dum lado e doutro, era escravizar o selvagem: os religiosos para as suas missões, os laicos para as suas roças; e este fermento levou a gente jesuita aos maiores azares. O rei portuguez, o papa, o mundo, em summa, ficou hostil aos religiosos que possuiam aquella formosa intelligencia de Vieira, diplomata dos melhores, orador extraordinario e escriptor dos mais perfeitos daquelles e destes tempos. Quem lê hoje suas cartas, evidentemente traçadas sem a preoccupação da publicidade, pois eram particulares e até intimas,

é que percebe, na distancia de dois seculos e meio, a organização maravilhosa daquelle espirito excepcional. Percebe e sente que a sua mentalidade, feita exclusivamente na Bahia, era mais nossa que portugueza. A sua intelligencia é mais brasileira que lusa. No seu escrever não se encontra o vocabulario exquisito dos classicos alheiados da nossa terra e do nosso céu. Ha, em Vieira, uma ambiencia americana onde se illuminou o florão verbal da mais linda, simples e cantante prosa brasileira. No falar do grande jesuita tudo é claro como o sol do continente colombiano.

X

SABIO CONTRA SABIO

A respeito de qualquer motivo scientifico na Amazonia, e muito possivelmente pelo mundo a fóra, os sabios divergem. E' commum encontrar-se um naturalista, a proposito de assumptos interessantes, de idéas contrarias a este ou aquelle collega. Alguns combatem apenas pontos de vista; muitos negam theorias, doutrinas, problemas, emfim, baseados em estudos graves e complexos. Succede ainda, para melhor se avaliar a duplicidade, que varios especialistas dizem uma cousa hoje e negam-na, reformam-na ou alteram-na amanhã. E quanto mais alto é o pennacho scientifico do pesquisador maior é ainda a possibilidade delle affirmar agora cousas differentes das que dissera.

Leia-se por exemplo, o que escreveu James Orton sobre a geologia amazonica: "a mais monotona que era possivel imaginar". Escute agora o que disse Orville A. Derby dessa mesma geologia: " tão movimentada e differente nas tres secções

do baixo, do medio e do alto, que chega a exceder a propria denominação de Maranhão, Solimões e Amazonas". A realidade, segundo o exame actual no panno tellurico da planicie, é que a estructura geologica, de leste a oeste, reponta cheia de variedades, colorida, muito mais complicada que a propria nomenclatura geopolitica. O trecho baptisado por Maranhão é uma terra, o conhecido por Solimões é outra terra, o chrismado por Amazonas ainda é outra terra.

O que se vae descobrindo nos montes e nas baixadas, na pedra e na areia, no menhir e no "dolman" reforma por completo a theoria, a doutrina, a visada e até o sonho entrevisto. Porque os sabios tambem sonham, e com que ronco, meu Deus! Dahi a marcha constante dos conhecimentos, das novas revelações, das descobertas nas grutas, nos páramos, nas encostas, nos abysmos. Os fósseis têm concorrido na materia para uma verdadeira revolução geognóstica. Cada dente, escama, unha, chifre, osso, coral achado nas dobras do chão, representa um deslumbramento paleontologico para o analysta dos refolhos das anticlinaes e sinclinaes. Abrem-se, então, com essas descobertas, horizontes novos sobre a geographia physica, alterada por documentos irrefutaveis, que desenham não somente a physionomia pre-historica da gleba, mas, o que é tudo: quem vivia nella, as arvores que a povoavam, as aguas que a regavam,

Na volta de pouco mais de meio seculo passado Chandless declarava "urbi et orbe" a impossibilidade de se averiguar a razão por que as aguas eram "brancas, pretas e verdes". Volvem-se algumas dezenas de annos sobre aquella especie de queixa, de lamento scientifico, e verifica-se na descriptiva de muitos sabios que o segredo se desencantou, o enigma se decifrou. Isto sem alarde, sem pose, sem barulho. De analyse em analyse, de observação em observação, de experiencia em experiencia chegaram á conclusão os homens de sciencia que a agua "branca" (turva, barrenta, carregada de sedimento), provinha da argilla, alluvião mineral; que a agua "preta" se originava do detricto das plantas, materia humica, florola de terreno mais duro, melhor consolidado já; e que a agua "verde" era decorrente do "plancton" fluvial, clamyde imperceptivel, véu quasi divino á flôr dagua e onde vivem não só os vegetaes pequeninos, algo invisiveis, como tambem os animaes microscopicos, infusorios, alguns phosphorescentes — todos porém coloridos de forma a dar aquelle tom esverdeado a certos rios, principalmente na agua quasi morta da foz.

Emquanto Luiz Agassiz concebe a theoria do periodo glacial no Equador, criando o "drift" imaginario afim de justifical-a, James Orton, annos depois, empunhando uma fiada de conchas encontrada no Solimões, barranca de Pébas, combate

essa doutrina, sendo logo apoiado no mundo scientifico por Darwin e Haeckel.

A atrevida concepção do sabio suisso, depois de examinada por um grupo de alumnos do proprio inventor da these, vindos especialmente da America do Norte, cae em definitivo por terra. E não se levantou jamais.

La Condamine se declara pela existencia das icamiabas, mulheres sem marido na Amazonia, encampando a linda caraminhola de Orellana, que se disse guerreado por ellas na foz do Nhamundá — ao passo que quasi todos os ethnógraphos que andaram por aqui negam a fantasia, tambem adoptada aliás por sir Walter Raleigh, que esteve no Orenoco, donde levou o romance para a côrte ingleza. Nos serões da rainha Izabel, de quem o famoso explorador foi favorito, o drama das indias guerreiras ganhava tons de existencia.

Frederico Hartt affirmou que o estuario amazonico tem a forma funicular, emquanto Wappeaus affirma ter a forma dum sacco; este mesmo ecólogo allemão acha que a planicie equatorial tem o feitio dum frasco florentino, quando o geólogo "yankee" Marbut julga-a parecida a um leque.

Martius classificou scientificamente o assahy do Pará, que vive em touças, amante das beiradas batidas de sol, de "euterpe oleracea". Barbosa Rodrigues contestou, dizendo que essa ordem de pal-

meira pertencia ao alto Amazonas. Os botanicos, em geral, ficaram com a opinião do naturalista bavaro.

Orville A. Derby refere ter observado perto da embocadura do rio Arary, no farelhão marajoára, restos duma hyléa que actualmente se acha sob as aguas do lago do mesmo nome, facto quasi identico ao divulgado por Agassiz, de uma floresta submersa, envolvida em turfa, que ia do Igarapé Grande (Soure) aos arredores da Vigia, atravessando pois a larga bahia de Marajó (antigamente Separará). Entretanto Friedrich Katzer, o eminente geólogo que escreveu um dos maiores trabalhos sobre a terra do Pará, contesta o phenomeno.

Ameghino, archeólogo, anthropólogo, paleontólogo, filho da Argentina, estudando as raças do continente americano, declarou que o berço da humanidade era o pampa platino, opinião negada por quasi todos os sabios modernos, a principiar por Ehrenreich e a terminar por Emilio Goeldi. As referencias de Pedro Lund, a respeito dos esqueletos encontrados na zona da lagoa Santa, Minas, que poderiam trazer probabilidades á theoria do typo autochtone no Brasil, foram contestadas por eminentes archeólogos. Não negaram, é facto, uma rara antiguidade (3.000 annos) a estes despojos, já petrificados e metallizados, sem no entanto con-

cordar jamais com o homem originario da America.

Para não sahir da bitola deste trabalho, ennumerando novos exemplos de sabio contra sabio, terminamos registando apenas dois exemplos de geólogo e geógrapho que reformam as proprias opiniões. Hartt, quando examinou pela primeira vez os sambaquís paraenses, que são, como é sabido, collinas de conchiferos bivalvos e univalvos, declarou que o phenomeno seria espontaneo, e decorria da onda do rio ou do mar, que jogava na praia a carapaça do mollusco morto. De volta porém á Amazonia, e após melhor exame, disse então a verdade, isto é, que o sambaqui representava o despojo da cozinha do indio. Henrique Santa Rosa, a maior figura de geógrapho paraense, no seu mappa do Estado do Pará chama ao rio Guamá, que banha Belém por trás, de rio Guajará.

Já no seu grande livro todavia, "*Historia do Rio Amazonas*", o illustre engenheiro corrige o erro, deixando explicito que Guajará é a bahia formada pelo Guamá, Mojú, Acará, Capim e em cuja borda demora a metropole paraense.

Isto tudo resulta dum indice: o sabio hesita, porque tudo lhe advem da demorada pratica. A sua radiosa sciencia que se vae tornando infallivel nos momentos que correm, provém do empirismo. A astronomia assenta na astrologia, a chimi-

ca na alchimia, a medicina na pagelança. Sem o Centauro Chiron não teria havido Esculapio, nem Ambrosio Paré, nem Hippocrates e muito menos os grandes chimicos e cirurgiões destes dias.

XI

DA CASA DAS CANÔAS AO ARSENAL DE MARINHA

O indice mais claro do labyrintho fluvial que nos rodeia teria sido o curioso departamento que ha cêrca de duzentos annos existiu em Belém: a Casa das Canôas. Esse estabelecimento, mixto de pequeno estaleiro e almoxarifado, ainda era uma especie de estação de caminho de ferro donde partiam e chegavam igarités, ubás, montarias, botes, escaleres, galeotas, barcos, batelões, tudo emfim que coubesse dentro do nome generico de canôa. Era lá que os remeiros descançavam, que os pilotos se refaziam, que os mestres se renovavam, que as velas se remendavam, que os cascos se calafetavam. Mastros, lemes, quilhas, falcas, passavam alli, numa revista technica, por um exame perquirente. Da mesma fórma os ferros, as amarras, as patescas, os ancorotes, os cabos, as linhas.

Para que o homem dagora tenha um sentido aproximado das duas eras, nada mais é preciso

que comparar as embarcações e os pontos em que ellas atracavam. Naquelles idos o contorno ribeirinho de Belém apparecia debruado por uma faixa de lama cinzento-pardo que se descobria na maré baixa, e sobre a qual se levantaram varios trapiches destinados ao embarque e desembarque das mercadorias.

A indicação do ponto em que se construira o estabelecimento aquatico, obra da visão penetrante dos lusiadas, vem referida pelos historiadores de cem annos passados, que se abeberavam na fonte da correspondencia dos governadores do tempo com a metropole, parte da qual se acha estampada nos *Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará*. Do 4.º volume dessa collectanea resalta o seguinte documento: "Senhor. Pela representação inclusa feita pelo Ajudante das Fortificações e obras reaes desta cidade Desiderio de Lages Correa constará a V. Magestade a grande ruina a que se acham reduzidas as duas casas das canôas que V. Magestade foy servido mandar fazer para o bom commodo dellas, e de todos os mais petrexos pertencentes a esta administração supposta pois esta notoria necessidade e o grande prejuiso que se segue a Real Fazenda de V. Magestade desta falta me parecia justo que V. Magestade mandasse reduzir as duas casas de canôas a huã só de mayor grandeza e que tivesse algum armazen suficiente para nelle se arrecadarem as ferramentas, cabos e

cordas, e o mais que declara o dito Ajudante na mesma representação, cuja obra se poderá concluir sem muito custo porque os mesmos materiaes de que se compõem as duas casas arruinadas me parece serão bastantes com pouca differença para a nova Fabrica. V. Magestade mandará o que for servido. Pará, 17 de Agosto de 1755".

Conforme se verifica deste memorial, os estabelecimentos destinados ás canôas iam em plena decadencia naquelle anno da graça de 1755. Naturalmente os caminhos por terra principiavam a se prolongar e a se fazer sentir, diminuindo o influxo e a irradiação do transporte miudo, a remo ou a vela. Por esta nota de Baena, inserta no seu *Ensaio Chorographico sobre a Provincia do Pará*, livro vindo á luz em 1839, tem-se a origem do modesto departamento. Leiamol-a: "Os Armazens de Marinha, são umas casas de um pavimento e Telheiros feitos de boas madeiras de chão e do ar, que mandou erigir á borda do mar em 1729 o Governador Alexandre de Souza Freire defronte do Palacio de sua residencia, denominando Casa das Canôas, e designando repartimentos necessarios, dos quaes uns erão para o conchego dos Indianos remeiros, outros para Armazens de munições navaes, e o resto servia para a construcção e guarda das canôas. Deu-se a esta Casa das Canôas um Patrão-mór com 120$000 réis por anno e um Aju-

dante, que tambem o era das Fortificações, com 46$800 réis annuaes".

Percebe-se por este synthetico relato e pelo officio a S. Magestade atrás citado, que os costumes se modificavam. O trafego aquatico ia deixando de ser, ao redor da cidade, uma coisa imprescindivel á vida como já fôra, embora a topographia permanecesse quasi inalteravel. E' que a floresta se rompia, abriam-se caminhos na matta, as estradas torcicolantes pela selva a dentro conquistavam os passageiros da montaria e da igarité. A necessidade imperiosa da Casa das Canôas, á proporção que o progresso se alastrava pela hinterlandia, atalhando a pé enxuto rodeios enormes criados pela agua, apagava-se insensivelmente. E com a necessidade extinguiam-se tambem alguns aspectos physicos. Creio mesmo que o Ver-o-peso, aberto antes das actuaes obras do porto de Belém, teria sido uma derivante da Casa das Canôas. Construido já debaixo de moldes mais modernos, o abrigo em fóco trouxe, nas suas linhas geraes, o sentido marinho da defesa á onda bravia do largo. Valeu por um signal da gente navegadora da Peninsula, afeita, nas viagens pelo mundo a fóra, a ver os quebra-mares, os refugios das naves, os meios em summa por que o homem defende da furia do vagalhão os seus transportes.

Aquelle quadrilatero embutido na fimbria litoranea, onde o tijuco circumdante da *urbs* era um

factor de atraso irremovivel, denunciava a nova perspectiva do contorno ribeirinho, apesar da influencia perenne da vasa e da alluvião. E aqui é preciso que se rememore, numa alta homenagem de sympathia, o monógrapho benedictino dos tijucos paraenses, Frederico Katzer, geólogo dos maiores que nestas plagas se perderam e melhor estudaram o sedimento transportado pela agua. Trabalho magistral, traduzido do allemão pelo monge Hugo Mense, vem estampado no 9.º volume do *Boletim do Museu Paraense.*

Mas esta outra nota de Baena, publicada ainda no seu livro acima referido, mostra claramente que a reclamação do peticionario de 1755 não teve provimento porque em 1761, seis annos depois, a Casa das Canôas era transformada em Arsenal de Marinha, em cujos estaleiros, até 1821, se construiram uma náu de 74 peças, cinco fragatas de 44 peças, quatro charrúas, quatro brigues e doze chalupas artilhadas. No anno posterior, de 1826, teve inicio a construcção demorada de uma nova fragata que se veio armando até os primeiros dias da Independencia, vaso que eu julgo ser o *Imperatriz Leopoldina,* levado para o Rio e lá incorporado á Armada Imperial pelo Capitão-Tenente Greenfell, o grande marujo que, sob as ordens do almirante Cochrane, serviu o Brasil nas luctas da nossa liberdade politica.

Reavivando estas notas interessantes sobre costumes dos tempos coloniaes, evoca-se, do mesmo passo, a silhueta geographica dos lindes da cidade fundada ás bordas da bahia do Guajará. A muralha de cimento armado que, em parte, occulta hoje a meia lua de lama estendida entre Castello e Val-de-Cães, é uma decorrencia da riqueza da terra. O oleo, o balsamo, a cannela, a quina, o cravo, a salsaparrilha, a resina, a madeira, em primeiro logar; o cacau, a borracha, a castanha, as pelles silvestres, em segundo, representam, num esplendor de solo afortunado, a razão da mudança que se opéra, o motivo da nova mascara do porto. Assim, a Casa das Canôas foi um symbolo da civilização no momento. Nelle se continham o typo do navegante, o typo da embarcação, o typo do chefe do Estado e o typo do mercador. Referindo-o na distancia de 200 annos, depois dos nossos anceios á sombra do pavilhão nacional, é abrir uma pagina de historia paraense e deixar que o sol a illumine em toda a sua plenitude.

A Casa das Canôas, cuja situação os chorógraphos mal positivam no litoral, vem assignalada com rara precisão num panorama da cidade visto do largo. Eis a legenda que copio fielmente: "PROSPECTO DO NORTE DA CIDADE DE BELÉM DO GRAM PARÁ. Tirada por Ordem de S. Excia. o Sr. DON FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO, Capitão General e Governa-

dor do mesmo Estado. Em o Anno MDCCLIII. Explicação (do norte para o sul). 1. Convento de Santo Antonio. 2. Convento de Nossa Senhora das Mercês. 3. O forte das Mercês. 4. Casa do Ex. Sr. Bispo. 5. A Cadeya. 6. Casa das Canôas. 7. Pallacio do Exm. Sr. General. 8. Alfandiga. 9. Collegio dos Padres da Companhia. 10. Caftello do Santo Christo. 11. A Sec. 12. Convento do Carmo".

Erguida sobre espeques fincados no tijuco, verdadeiras palafitas, a Casa das Canôas lembrava habitações lacustres de povos europeus.

XII

GOETHE, NETO DO ADIVINHO

Fechou-se a 22 de março de 1933 o 1.º seculo após a morte do homem que, tendo um sol na cabeça, pedia luz, mais luz no mesmo momento em que sua alma perturbada na agonia de romper o envolucro terreno se alava, numa alleluia espiritual, ás mansões azues do infinito. Era natural, pois, que a humanidade celebrasse o dia gravando-o na memoria dos coevos. E gravou-o admiravelmente.

Naquelle ponto do Planeta em que exista um jornal, esse jornal disse alguma cousa, falou do grande Iniciado, da sua patria, do seu povo, da sua musa, do seu genio. Foi uma apotheose, mais irradiante e mais triumphal que a coroação dos reis e a sagração dos heroes.

João Wolfgang Gœthe, o maior poeta da Allemanha, veiu ao mundo precisamente ao meio dia de 28 de Agosto de 1749, em Francfort. Além de a pino, o sol estava tambem no signo de Virgo,

custando ao recem-nascido abrir os olhos para ver essa atmosphera radiosa. Ao morrer em Weimar, clamava por aquelle clarão em que vagira e abrolhára.

Encerrando o cyclo do 1.º centenario, o seu perfil quasi lendario reponta mais forte, mais humano, mais vivo e eloquente sobre a terra. Figura de contornos lyricos, na juventude, quando estalou a guerra dos sete annos e Frederico, o Grande, invadiu a Saxonia, accentua-se agora em tintas positivas, como se a gloria, para collocal-o na galeria dos escolhidos do Senhor, tivesse necessidade de côres realistas indeleveis. Filho e neto de burguezes, a mãe possuia imaginação, o pae perpendicularidade. Um dos seus avós adivinhava, sendo considerado, pela familia, meio propheta e meio augure, qualidade que transmittia, nos serões domesticos, aos presentes. Herdára, assim, o grande bardo da Germania, tres attributos extraordinarios: a phantasia materna, generosa e delicada; o sentimento vertical do páe, honrado e grave; e a acuidade miraculosa do avô, que via, no cosmorama agitado da Natureza, para além de amanhã, as mutações do porvir.

Feitas as primeiras letras na terra natal, transportou-se Gœthe em seguida para Leipzig, afim de estudar na Universidade. Dahi, a sua projecção foi impressionante. Lendo os classicos, vasculhando a sciencia, estudando as linguas mortas, apprenden-

do musica, ensaiando a pintura, montando, esgrimindo, prosando, philosophando, versejando, namorando, viajou por todas as provincias do pensamento do seculo em que viveu. Da sua primeira grande obra, *Goetz de Berlichingen,* drama em cinco actos, escripto na volta dos 24 annos, ao derradeiro dos seus trabalhos, que foi o *compterendu* que estabeleceu larga discussão entre Couvier e Saint-Hilaire, vae uma festa de intelligencia creadora, impossivel de enquadrar nesta nota de publicista.

Suas *Memorias* demarcam-lhe as etapas; transmittem as singularidades daquella existencia harmoniosa; descobrem as ondulações dum espirito privilegiado; desnudam os caracteres symbolicos gravados no seu peplum de romantico e de sabio; rompem, emfim, numa ascenção solar, o casulo do genio. Não houve aspecto artistico, literario, scientifico, historico, psychologico, na prosa e no verso, que elle não abordasse do nivel superior de quem vê o panorama do alto, generalisando o que alguns particularisam e particularisando o que alguns generalisam.

Chorando no *Werther* e rindo no *Fausto,* a sua imaginação commummente se integra nos incendios brancos e nos glaciaes rubros. Ha uma serenidade de eterna manhã de primavera nas producções de Gœthe, a ponto do mormaço do Equador distender-se-lhe sob o céu frio dos polos, trazendo

um equilibrio prismatico ás suas visadas. Enxergava tudo com os olhos do predestinado. O vermelho Mephistopheles, que porventura concebia, cavalgava a alvacenta montada de S. Jorge. Qualquer cortezã do seu *bas-fond* tinha semelhanças com a vestal do seu paganismo.

A febre que lhe queimava o sangue era algida e o paradoxo rosado. Para se propagar, para se revelar, para se mostrar concentrava-se, alheiava-se, escondia-se. Foi naturalista com o fito de melhor fantasiar sobre os astros. Jornadeou na terra como S. Thiago na Via-Lactea. Ha certa cousa de sagrado nos seus peccados e certa cousa de mysterio nas suas revelações. Nota-se-lhe, de vez em quando, mais poesia na prosa e mais prosaismo nas estrophes. Das retortas chimericas de sua alchimia só appareciam imaginarios metaes doces e brandos.

Imprevisto na concepção, a sua analyse sem rumor ia ao mollusco, ao coral, á cellula, ao atomo. No tombar de Schiler, a dôr lhe transformou as lagrimas em tinta para concluir o drama *Demetrio,* que o infortunado amigo iniciára. Inviolavel como os mythos, de horizontes sem fim, elle vae da metamorphose das plantas á anatomia comparada. Desfolha a rosa e disseca o cadaver ouvindo o cantico duma ronda de anjos. Do problema physico chega ao problema optico. Do systema de Newton passa-se á theoria das côres.

Em cada assumpto que fére, como da vara biblica de Moysés, jorra uma fonte. Mas não precisa de Sinai, nem de trovões, nem de coriscos para gravar a lei nas suas tabuas maravilhosas e multipharias. Se o drama *Cavalgada das Walkyrias*, de Wagner, fosse seu, essa primeira parte theatral do *Anel de Nibelung*, em vez de a galope, iria a passo, na mansuetude silvana de nymphas que deixassem atraz de si os amantes. Seu estylo, chromatico e florido, guardava a esthetica decorativa dos emotivos, que não podem offerecer o vinho das idéas senão pela taça de crystal cinzelada de arabescos.

Neto dum adivinho manso, que não fazia barulho e mal avisava os parentes ao entrever as mortes e os desastres que iriam succeder — recebeu esse condão hereditario, terrivel e perfurante, para as vigilias que surprehendem e desvendam, nas allucinações estaticas, os enigmas do Universo. Tinha lampejos de relampago, e, em vez de adivinhar como o avô, mortes e desastres, adivinhava os probelmas da vida, os electrões, a velocidade da luz, os raios X, o radio, a televisão, o aeroplano, o cinema, o submarino e as novas configurações geographicas do mundo.

Sua alma ao subir ao céu, no dia em que se lhe tombou o corpo na terra, teve seguramente a companhia de Dante e Shakespeare, eleitos pelo

Creador para formarem com elle a mais linda triade de menestreis abeberados nos poemas de Homero...

XIII

UM ILLUMINURISTA DAS SCIENCIAS NATURAES

Dos sabios estrangeiros que andaram na Amazonia destaca-se Emilio Goeldi por um traço fundamental da sua intelligencia: a synthese. Num balanço que porventura se lhe dê na obra, colorida e sadia, resalta essa qualidade, notavel e rara na familia dos naturalistas, sempre inclinada á prolixidade, á redundancia, ao excesso de pormenores. Quem lê Emilio Goeldi tem a impressão de estar lendo um artista da historia natural, cuja face mais relevante é dar, atravez de compacta e pesada materia, um friso luminoso da verdade, um resumo claro de tudo.

Dahi o titulo de illuminurista das sciencias naturaes que tão bem lhe assenta. Zoólogo dos mais identificados com as provincias faunisticas da planicie amazonica, a ornithologia e a entomologia mereceram-lhe attenções especiaes. A descriptiva sobria, que o integraliza aliás com este se-

culo XX, que é o seculo da Synthese, substituto do seculo da Analyse, imprime-lhe uma curiosa caracteristica aos trabalhos complexos porém summarios.

As suas apreciações sobre mammiferos, sobre reptis e amphibios, sobre formigas, sobre myriápodos (embuás e centopeias), sobre ciganas, sobre *lepidosiren paradoxa,* sobre o rato de Natterer, sobre chelonios do Brasil, sobre migrações de borboletas, sobre mosquitos e até sobre aves (não incluimos pela abundancia, as illustrações), para não citar mais, dariam, cada uma, um livro, como fez Maeterlinck com as formigas, com as térmitas, com as abelhas.

Mas Emilio Goeldi era profundamente avêsso ás demasias, aos desbordamentos, ao repetir exhaustivo da maioria dos homens de sciencia; e gastava apenas meia duzia de paginas, quando muito uma memoria, na exposição dos aspectos zoológicos. Agarrava um animal qualquer, revirava-o de encontro á luz, examinava-lhe as asas, o bico, as escamas, o couro, as patas, o rabo, as barbatanas, e, com dois riscos magistraes, fixava-lhe o perfil, a vida, os processos de amar, de procrear e de evoluir. Fazia tudo isso num quadrinho, numa aguarella, numa illuminura de missal. Nas curvas e nos angulos da sua allegoria verbal repontam o ninho e o ovo, a morte e os despojos do bicho descripto. As doze paginas estampadas nos

Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil, de Capistrano de Abreu, e a pedido deste, equivalem a um grosso volume sobre a natureza brasilica, suas terras, seus montes, suas costas, suas dunas, seus homens e costumes. E' um lindo panorama, largo e azul, esculpido numa reduzida moeda de ouro. Reforça-lhe ainda o espirito summario, a perfeição da lingua, se a compararmos á de outros sabios estrangeiros, como John Branner, por exemplo, que até fez uma grammatica do nosso idioma para melhor penetrar os segredos da natureza desta parte da America do Sul.

As syntheses de Emilio Goeldi nos fazem reflectir, pela pressão verbal com que diminuiam o tamanho das narrativas, neste phenomeno contado por Wheeler e referido numa pagina de Mauricio Maetelinck: Em "certas estrellas chamadas *Anãs Brancas*, particularmente no mysterioso satellite de Sirius, um litro dagua, se a agua alli pudesse permanecer no estado liquido, pesaria cincoenta kilogrammas".

Assim são as descriptivas de Emilio Goeldi. Cada linha sua vale, no mesmo assumpto, por cincoenta de outro qualquer naturalista adventicio, de tal modo condensa o relato na precisão do vocabulo, na justeza da phrase, no contorno da imagem. O verbalismo exhaustivo, que tanto dilue, bambeia e agúa o ensaio, a prelecção, a conferencia, o estudo, o livro, em summa, de outros sabios,

não existe na formula expositiva de Emilio Goeldi. Seu pensamento, esplanando qualquer aspecto biologico ou psychologico, evita os desvios fatigantes da escripta. Fere de frente os problemas, dando ao leitor um transumpto que exprime a realidade e não é menos substancial que os gordos volumes alheios. Disso resulta ser talvez Emilio Goeldi o mais lido dos escriptores scientificos perlustrantes da Amazonia.

Classificando-o de illuminurista das sciencias naturaes, faço o maior elogio que se póde fazer a um estrangeiro que lucta não só com a variedade de termos, com a semantica dos vocabulos, como ainda e sobretudo com os segredos da lingua portugueza, flexivel, plástica, sonora e bella, mas cheia de imprevistos mysterios para quem não a ouviu desde ó berço.

XIV

A SONDA ACUSTICA

E' remota a curiosidade humana a respeito do fundo dos mares, dos rios e dos lagos. Vem dos primeiros navegadores, quando mal se arriscavam ainda ás fimbrias litoraneas. A vara foi, sem duvida, a sonda inicial. Depois o homem ideou o prumo, que se compunha duma linha (sondaresa) marcada em pés no primeiro espaço e em braças nos demais. Carregava o singelo apparelho na extremidade um cone de chumbo aberto na parte de baixo, onde se introduzia a cêra ou o sebo afim de trazer ahi adherida a materia constituinte do alveo — areia, cascalho, tijuco, tabatinga, barro.

As sondagens, já em embarcações de alto bordo, cobertas de vela, obrigavam o navio a ferrar o panno, a diminuir a marcha, a atravessar mesmo. Em trechos rasos, o marujo balançava na amurada o prumo junto da ponte de commando, que, inicialmente, fôra a ré e agora é a meia-nau. Ia então cantando a profundidade: dez braças! duas, uma.

Isso, no entanto, não correspondia ás necessidades. Conceberam-se instrumentos como o prumo de córte. Surgiram os de Brooke, Hydra, Fitz-Gerald, Bull-Dog e os de Truman Hotchkiss, Koncicky e Proença, este invenção do 1.º tenente João Justino Proença. Tambem Dupetit-Thouars, Ross, Durmonth Durville, architectaram sondas. A chamada papagaio foi muito curiosa; consistia num escudo de madeira de quatro faces ajustado a peitoral de arame, preso a um fio de aço, cujo chicote se prendia á popa da embarcação. O effeito que o vento exerce obliquamente no papagaio empinado pelas crianças, exercia a agua no apparelho em questão, obrigando-o, pela velocidade do vapor, a mergulhar a determinada profundidade, que, attingida, desengatava o peitoral; o papagaio subia então á tona e agitava uma campainha, aviso á gente de quarto á bordo.

A sciencia experimental, todavia, não parava, e, fundada na velocidade do som da agua, começou a examinar a vibração sonora atravez das massas liquidas, surgindo assim a sonda acustica, instrumento muito mais perfeito que o bathymetro de Simens.

Quando o *Artabro*, da expedição Iglesias, cahiu nagua na Hespanha, tive occasião de ler a descripção da sonda supersonica (Atlas Werke) que esse barco traz a bordo. Faz por *segundo* de 7 a 15 sondagens. Commentando-se aqui, em rodas mari-

timas, as sondas acusticas de dois paquetes da importante empresa britannica Booth - Line & Comp., solicitei ao seu distincto gerente em Belém, sr. Athaualpa Purcell, que tambem é um dos mais finos chronistas da imprensa paraense, permissão para ver o apparelho do *Hilary*, então no porto.

Um pequeno machinismo encerrado num tanque dagua, aliás sem contacto directo com aquella em que o paquete navega, envia o ruido ao alveo; outro machinismo recebe o éco e regista a altura da onda sonora numa fita de papel iodado, pouco mais estreita de palmo, na qual o relêvo bathymetrico se grava de perfil na proporção de *noventa e seis* sondagens por minuto. Todos os movimentos do terreno sobre o qual se movem as toalhas fluviaes ou marinhas são annotados, quasi mathematicamente, ahi, dando a impressão dum *film*. Depois que se examina essa fita de papel acode-nos á lembrança o aspecto porventura descortinado dos nossos rios quando lhes observamos de bordo os taludes marginaes. O relêvo tellurico do beiço do barranco é o mesmo do surprehendido na tira de papel.

Quem já verificou o effeito da erosão alpestre produzido pelo vento e pela chuva, pela humidade e pelo calor, como por exemplo na serra do Ererê (veja-se a reproducção de taes aspectos no IX volume do *Boletim do Museu Paraense*, trabalho do geólogo Friedrich Katzer, traducção do

monge Hugo Mense), julga descortinar o mesmo phenomeno no leito do Amazonas. Os castellos, os plinthos, as torres, os minaretes, as escadas, os balaustres, as cupulas, recortados nos páramos por effeitos erosivos, resurgem no thalvegue amazonico por effeito das correntes. O que os aliseos e as chuvas fazem á face do planeta, gastando a pedra e dando-lhe as mais curiosas figuras, a ponto de emprestar aspectos de ruinas, como succede ás Sete Cidades de Piracurúca, no Piauhy, incluidas hoje na lenda da Atlantida — fazem as correntes no fundo do Amazonas.

As surprezas que as sondas acusticas, usadas aliás pelo mundo afóra ha mais de um lustro, andam espalhando no meio da praticagem fluvial, são das mais altas e vivas. Basta dizer que ellas acabam de quebrar o padrão das maiores profundidades no Amazonas. Obidos e Parintins, referidos nas geographias como logares mais fundos, desencantaram-se e cederam a prioridade a outras paragens, como a enseada do Cararaucú, a ponta do Remanso e o meio-rio fronteiro á serra da Velha Pobre.

Na extrema occidental da bahia de Marajó, região do Capim e Palheta, limite com as zonas do Tocantins e rio Pará, este ligando os canaes de Breves — é sensacional o alveo pelos resaltos de pedra ahi observados. Ha logares, remarcados pela crista da vaga, apenas com o fundo sufficiente

para que um transatlantico não encalhe na baixa-mar. Pouco adiante, rumo dos Estreitos, eleva-se do leito uma torre ameaçando a quilha dos navios; mais além, pyramides, agulhas, plinthos trabalhados pela agua. No seio duma curva, no curso dos Macacos, ergue-se um obelisco, certamente de grés ferruginoso, que é a rocha encontrada pelos geólogos no delta. Todo o scenario do fundo parece provir da pintura dum genio amalucado, que criasse no leito da bacia hydrographica o panorama mais original.

Ao confluir o rio Negro no Amazonas, ponto em que este passa a se chamar Solimões, patria do rebojo, reino do remanso, onde os caudaes *branco* e *preto* se repellem — alteia-se uma theoria de agulhas de pedra, por cima de cujos picos passam os navios galeando, adernando, guinando.

Tapanã, perto do Pinheiro, affirmava-me o sr. Athaualpa Purcell, lembra no thalvegue as ruinas dum castello feudal. Era, pois, ao se descortinar o relêvo bathymetrico da Amazonia, um verdadeiro deslumbramento. Dir-se-ia uma lente voltada para baixo, espiando o pelago, sem deixar de surprehender o menor accidente. As futuras cartas do Amazonas, com esse processo de entrever o canal, vão exprimir a perfectibilidade. A' flôr dagua todo o segredo do abysmo liquido se quebra com a sonda acustica; todo o mysterio de Neptuno e de Amphitrite, nas suas grutas de pedra, nos seus pa-

lacios de coral, nos seus terraços basalticos é desvendado por uma pequena machina que o homem do seculo XX, insatisfeito com o que já viu acima da vaga, inventou para ver por baixo.

O apparelho, no entanto, obra de H. Huges & Son Lmtd., London, por muito que registe do fundo amazonico, não substitue o pratico. Porque a navegação, no nosso mediterraneo, é toda feita pela terra. De bordo, só quem sabe precisamente onde está o navio é elle, que conhece a costa em que navega, pelas pontas, pelas reentrancias, pelas clareiras, pela copa das arvores flanqueadoras das amuradas. O rumo da travessia é tirado pelo contorno ribeirinho, ás vezes por duas ilhas que abrem ou fecham o horizonte nas bahias. As singraduras de 24 horas representam pois um verdadeiro mataime de mil directrizes, embora oscillando nos mesmos quadrantes, com a prôa em baixo do sol poente, quando se vae para Manaus, ou com ella embaixo do sol nascente, quando se regressa para Belém.

Picotando sonoramente o fundo do labyrintho hydrographico afim de lhe revelar melhor as saliencias, a sonda acustica não presta largos serviços apenas á cartographia, mas á geologia tambem. Accentue-se ainda o seguinte: não haverá mais surprezas em materia de bancos e corôas de praias e restingas. As encalhações futuras não serão por ignorancia. Se as houver, têm que ser at-

tribuidas á illusão de optica, falsa perspectiva, erro visual no calculo da estima. Invenção da intelligencia destes dias, esse apparelho representa o olho cyclópico do homem devassando todos os recantos sombrios do fundo; é um lampejo sonoro perscrutando, como a lampada de Aladino, os mais perdidos e mysteriosos recessos aquaticos.

XV

PARAISO DOS ENTOMOLOGISTAS

A Amazonia é o paraiso dos entomologistas, tantas são as qualidades de insectos que a habitam. Os sabios deslumbram-se com esse povo minusculo de todas as côres e de todos os feitios. Não se conclua, no entanto, destas affirmativas, pela impossibilidade do homem ahi viver. Ha logares, sobretudo em certas quadras de Belém ou de Manaus, em que os mosquitos são raros, invisiveis mesmo em varios pontos enxutos. E' que a evolução prophylactica vae-se fazendo sentir de accôrdo com os processos modernos, simples e logicos. O mata-mosquito fiscaliza os quintaes, as calhas, os telhados, revirando latas, extinguindo poças, telando tanques, emquanto a engenharia sanitaria drena os charcos, limpa as valas, desobstrue os corregos, secca os pantanos, clareia e abre emfim as áreas palustres. Mal os poderes publicos se descuidam porém desta assistencia imprescindivel, o carapanã invade as residencias e impede qualquer

trabalho mental de estudo ou meditação á noite. E' como se fossemos transportados aos cursos famosos do mosquito no Alto-Amazonas, onde a *praga* tem o sentido flagellante da Biblia.

Os rios de agua preta, em geral, produzem menos carapanãs que os rios de agua branca, embora Wappaeus registe o contrario. A *anophelina*, transmissora do impaludismo, que só ao cahir da noite e ao romper do dia procura o sangue, seu principal alimento (tambem gosta do mel e fructos assucarados), faz concorrencia á moroçoca, de grande ferrão, doloroso e tremendo e ao *culex fatigans*, cantador irritante, que transmitte a filaria, alerta durante o tempo em que o sol não se faz ver. O *stegomyia fasciata*, vehiculo da febre amarella, quando ha fóco, é outra *praga* da bacia amazonica. Wappaeus, na sua *Geographia do Brasil*, englobou todos os mosquitos na formula generica de carapanã - *Culex amazonicus*, traduzindo assim a maneira geral do povo da planicie, que a todos os mosquitos chama carapanã.

Em alguns trechos da rede hydrographica, ao começo da vazante, até mesmo a bordo dos transatlanticos que trafegam no Rio-Mar. Uma arvore feia marca, nas beiradas aquaticas em que médra, o apparecimento dos mosquitos: é o tachizeiro. Vegetal entanguido, sem grande copa, suas flôres, parecidas ás hortencias, na coloração e no tamanho, transformam pela belleza as ribas amazonicas em

vastos jardins. Pois bem, mal se desfolha a derradeira flôr do tachizeiro, facto que importa ainda na subita parada da vazante, acaba o carapanã. As barracas, os barracões, que viviam defensivamente fechados durante a noite, abrem-se alegres. Os moradores vêm para o terreiro já então sem um mosquito.

O tachizeiro além de marcar o apparecimento e o desapparecimento dos culicideos, ainda é um reino de formiga. Da cópa á raiz, o insecto, que deu ou tomou o nome á planta, alli vive, tornando impossivel a subida de qualquer animal nesse especimen botanico.

Ainda ha, no entanto, no valle, uma outra arvore equivalente a um formigueiro: é a embaúba (cecropia), que reponta tambem na margem dos rios, sobretudo na convexa. Ôca, chamada pelos indios de arvore da trombeta, é furada pela formiga na parte mais delgada do cerne e invadida. Os mirmecólogos affirmam que a natureza dispõe as cousas desse modo em defesa do proprio vegetal, que seria assaltado e sacrificado por outro genero de formiga mais destruidor e malefico se o que surgiu em primeiro logar já não estivesse providencialmente installado.

Quando chegam as periodicas alagações amazonicas, as formigas de fogo imprevistamente sem terra em alguns pontos das varzeas, se congregam em bolas e ficam fluctuando presas ao galho, tron-

co ou ramo que se mantem fóra dagua. Nestas condições, o que os entomólogos observam, é que só no genero formiga, tanto faz olhar para o solo, como para o alto da selva, ou para a massa potamica, essa qualidade é abundante. Ha que ser um genio, pois, afim de ver tudo e de tudo falar na Amazonia a respeito de insectos. Os entomologistas são obrigados por isso a restringir seus estudos, especialisando-se neste ou naquelle ramo.

Emilio Goeldi, além dum bello trabalho sobre mosquitos, examinou com viva attenção as borboletas, que, na época da postura, têm cyclos migratorios dentro dos proprios valles fluviaes em que vivem, subindo por uma banda do rio e descendo por outra. Wallace e Bates, em profundas observações, surprehenderam, atravez das borboletas, o mimetismo. Os dois sabios verificaram a simulada adaptação desses insectos ao solo e á selva, no feitio e na côr, de modo a se defenderem do inimigo pela rapida metamorphose. Porque a transformação nos animaes provém do terror. A' aproximação de um adversario provavel elle se apavora e se transfigura. Isto mesmo succede ao homem, que fica livido e sem pinga de sangue quando sente o perigo.

A abundancia das tucandeiras, jacinas, jaquiranaboias, cigarras, grilos, abelhas, térmitas, arrasta o nosso pensamento para a obra magistral de Felix de Azara, *Viagens pela America Meridio-*

nal, em cujas paginas sobre insectos no Paraguay e lindes de Matto-Grosso se registam minucias bem semelhantes ao que ocorre por aqui. Castelnau, apesar de famoso na materia entomologica, restringiu-se a examinar algumas especies apenas, tão vasto é o povo. O trabalho de Augusto Forel, escripto a pedido de Emilio Goeldi, serve sobretudo para revelar o mundo fantastico desses bichos no Brasil. As térmitas, formigas brancas da sciencia, e geralmente por nós conhecidas pelo nome de cupins, determinaram aquella observação de Humboldt, referente ao papel na Amazonia, onde, diz o sabio, não se encontra um documento manuscripto de mais de cincoenta annos.

Maeterlinck cita, n'*A Vida das Térmitas*, o seguinte caso: "Em 1840, um navio negreiro capturado e desmastreado, introduz em Jamestown, capital da ilha de Santa Helena, a *Eutermes Tenuis*, pequena térmita do Brasil com soldado nasicórneo ou de seringa que destroe parte da cidade...". O cupim antecedeu o homem na terra de muitos milhões de annos. Não resiste ao sol, sendo paradoxalmente, como é, das regiões equatoriaes. Mas, em materia de insectos, poucos logares no mundo levarão a palma a Amazonia, terra para elles privilegiada, tal o calor e a humidade. Dahi as especies mais curiosas e imprevistas. No assumpto arachnideo é extraordinario o numero de exemplares que fazem a seda para colher a victima, pa-

ra se defender, para morar, para atacar. As teias de aranha que chamam a attenção dos entomologistas no buraco dos paus, nos galhos, nas cavernas rochosas, equivalem a um verdadeiro turbilhão de animalculos.

O que eu desejo frisar, no vasio destas linhas, é a facilidade que os especialistas na materia encontram aqui, a proposito de insectos; isto de fórma a lhes parecer a Amazonia um verdadeiro paraiso. Só a respeitavel familia ichthyologica poderá talvez concorrer neste recanto do globo com a entomologica. Mas se Agassiz se espantou com os peixes, Forel não se espantou menos com os insectos. A cada passo se esbarra com as lagartas de fogo, com os tracuás, com os bichinhos emfim desconhecidos e que nos devoram o livro, a mesa, a casa e a vida se não reagirmos. A flôr é rara na Amazonia por causa da saúba, que destroe principalmente as roseiras, reduzindo numa noite a hastes nuas um jardim inteiro. O combate que o homem vem dando ao insecto nestas paragens ainda está longe de corresponder ás necessidades. Eis a razão por que os entomologistas encontram dentro de nossas casas, de nossos canteiros, de nossos campos ou de nossas florestas o seu Paraiso.

XVI

O CANAL

O canal a que me reporto nestas linhas é o phenomeno remarcado pelo fio mais profundo e largo duma passagem aquatica, trate-se de barra, bahia, lago, estuario, golfo, rada, porto ou caudal. Não me refiro portanto aos estreitos, aos furos, aos paranás, que muitos escriptores, diccionaristas e geógraphos chamam canaes, como *verbi gratia* o do Cassiquiare, o de Igarapé-Miry, os de Breves, no archipelago das Ilhas de Dentro, encravado entre o bloco insular de Marajó e o sul da bacia.

Porque a verdade é que o leito dum rio não é plano; o alveo duma bahia não regista o mesmo fundo; o thalvegue dum estuario tem varios relêvos. Só o exame bathymetrico da actualidade, por meio de sondas acusticas, algumas super-sonoras, consegue dar uma idéa das alternativas, dos movimentos, dos altos e baixos que existem no solo por onde deslisam as correntes.

Dito isto afim de esclarecer o assumpto que se vae ventilar, chamo a attenção dos leigos na materia para o caso especialissimo de hydrographia na rede interior de nossas aguas: o CANAL. Sendo a parte mais profunda dos alveos, é, em todas as regiões do globo, a mais propicia ao navegante, a que melhor ampara o marujo, auxilia a navegação, ajuda emfim a singradura nas derrotas fluviaes e marinhas.

Na Amazonia, no entanto, curioso paradoxo, o CANAL, por um desafio á razão, é um flagello. Flagello terrivel, visto como destroe a terra e empobrece o homem. Toda a angustia das gentes que vivem, desde os primeiros dias da descoberta, numa constante migração dentro do valle, mudando-se dum lado para outro, de baixo para cima e de cima para baixo — provém do CANAL. Balanceie-se, numa estatistica cyclópica, o contorno ribeirinho das varzeas e dos *firmes,* das ilhas e das peninsulas, e veja-se o drama tenebroso que traz o CANAL para a beirada quando elle a morde. Trechos immensos do litoral que se ampliava e florescia secularmente amparado nas praias, nos baixios, nas restingas — sossobram tocados pelo CANAL, que tem alguma cousa de perigoso e fatidico. E' um cataclysmo! Residencias sombreadas de pomares, fartas de hortas, coloridas de jardins, de terreiros alegres e convidativos, cheias de xerimbabos, findam a sua missão propiciatoria desde

que o CANAL dellas se aproxime. O talude é um indice. Assim que elle começa a ser roido, na borda dos rios ou no panno a pique dos igarapés, a desgraça vem perto. Depois o barranco derrete-se, escorrega e róla para o seio das aguas como que engulido pelo mysterio. Cacauaes enormes, de existencia maior de seculos, taes os da costa de baixo de Obidos, entre os quaes avultava o chamado Imperial, somem-se, no lapso de alguns annos, logo que o CANAL se acérca das terras em que elles medram. Ilhas innumeras, povoadas e risonhas, nada soffreram emquanto o CANAL não lhes lambeu as orilhas. A do Muratuba, pouco acima da foz do Trombetas, constitue um dos melhores exemplos. Toda plantada de roças e arvores fructiferas, verdadeira allegoria da fecundidade tellurica na Amazonia, os caboclos, já meio civilizados que a povoavam, viram-se forçados a abandonal-a ao aproximar-se o perigoso devastador chamado CANAL. No tempo em que o phenomeno andára divorciado de suas margens tudo corria bem; veiu vindo, veiu chegando, porém, subtil e silenciosamente, até que principiou a esboroar o beiço do barranco, a escaval-o como se fôra um sapador feroz; e de grão de argilla em grão de argilla, por tres ou quatro annos de assaltos, a cheia finalmente a devorou. Engliu a mais rica talvez das insulas alluvionarias do Rio-Mar. Ainda hoje, quando se passa de noite naquellas alturas, parece ver-se

o phantasma da ilha errando como um navio mal assombrado.

A pobreza da Amazonia, da muralha andina á marema atlantica, origina-se do CANAL. E' elle o inimigo invisivel e poderoso dos nucleos agricolas, dos estabelecimentos ruraes; é o adversario que arrebata as economias, o trabalho, os haveres do homem da planicie. Fazendas, seringaes, *sitios*, aldeias, villas, cidades, foram e são victimas do seu contacto destruidor. De subito um campo feito a braço desapparece. Ruas, praças, pontes das *urbs* roceiras na hinterlandia imprevistamente começam a sentir-lhe os effeitos diabolicos. Muros, fachadas, telhados de habitações manifestam qualquer symptoma de fraqueza pelos ruidos singulares. Vigia-se. E' o CANAL flagellante e sinistro que se vem encostando á fimbria litoreana. Dahi a dois, tres, cinco annos, o marulho potamico, á maneira dum dragão fabuloso, enguliu tudo.

Muitos logares importantes da Amazonia, de quatro seculos passados, hoje são apenas tradicionaes. Figuram na memoria publica como uma névoa num panorama. Nova Colonia, Manicoré, Cametá, para não citar outros, têm os seus dias contados. Terra nenhuma sob a linha clara do sol do Equador, mesmo protegida por aquella maravilhosa engenharia hydraulica da Hollanda, consegue fugir ao imperativo destruidor do CANAL. Porque elle é, sejamos justos, uma funcção aleatoria

da propria terra. Se esta ainda é frouxa, mal tecida, mal batida, mal plasmada, e, por isso, mal segura, impotente pois para fixar os proprios lindes — quanto mais os do CANAL, que lhe soffrem a acção reflexa, abrindo, encostando, estacando, de accôrdo com a resistencia marginal.

A famosa *terra cahida* dos geógraphos inespertos, não é uma determinante geral da erosão; nem se effectiva e apparece em todos os pontos da planicie, mas só e exclusivamente onde flue o CANAL. Os que observaram com ligeireza o caso na Amazonia não viram o motivo desses esboroamentos de taludes, a razão da agua roer e desmoronar as ribanceiras, o fundamento emfim da *terra cahida,* que é o CANAL. Somente quando elle lambe a orla ribeirinha com sua lingua demolidora, carregada de detrictos sedimenticios, de massa alluvionaria proveniente da *agua branca* (nos rios de agua preta e verde não existe o phenomeno) é que se remarca o facto singularissimo da margem naufragar com o nome de *terra cahida.* O CANAL é o agente, unico responsavel pelo desastre. Sem elle, todas as beiradas amazonicas permaneceriam se dilatando, se estendendo, se ampliando numa perenne conquista geológica, numa vasta projecção tellurica, dentro de cujas linhas constructoras em breve a planicie teria enxotado de seu collo toda a agua mediterranea.

XVII

ÁS PORTAS DO ELDORADO

Quem vem do Sul, olhando a terra do mar, montanhosa primeiro, cheia de dunas depois, e, por fim, escondida sob a flora ribeirinha, tem a impressão segura das modalidades telluricas que dividem o paiz nesses trechos magnificos de paisagens diversas, de climas variantes, de costumes antagonicos; apenas o que não é capaz de suppor, atravez de taes aspectos da natureza, é que o espirito da raça seja uno, vivo e exaltado desde as coxilas gaúchas até as planicies paraenses. O mesmo amôr á bandeira, a mesma fé nos destinos nacionaes, o mesmo orgulho de sermos brasileiros e termos nascido sob a luz propiciatoria do Cruzeiro. O milagre da nossa nacionalidade unificada aos assaltos de francezes, hollandezes e inglezes, e aos influxos do portuguez, do indio e do preto, deriva da varinha de condão dalguma fada magnanima, que desejou fazer um povo formidavel no sul do continente.

É' verdade que nós, do extremo norte, só agora começamos um trabalho de transição para empolgar, de facto, nas letras, nas sciencias, na fortuna e nas artes o logar que nos compete e pertence, afim de que no praso de 25 annos (tempo em que as populações se dobram no Brasil) o Pará esteja, sem rodeios, inteiramente entregue a seus filhos. O espirito generoso de nossa gente, e, sobretudo, confiante na sua força de vontade, na segurança de que ao primeiro desejo tudo lhe virá ás mãos, trouxe a indifferença pelos postos de destaque. Accresce ainda, para aggravar este estado chaótico e diminuir porventura as cousas feitas, e foram muitas, que o primitivo chronista destas plagas, com rarissimas excepções, foi reinol. A idéa de se engrandecer projectando as epopeias lusas em todos os quadrantes da terra de Santa Cruz, levou os conquistadores egressos da Peninsula, frades, soldados, commerciantes, piratas a contarem as façanhas em alleluias vivas á sua raça.

Desde o *raid* cametauára até Quito, feito de dois annos executado pela resistencia do caboclo tocantino e attribuido exclusivamente a Pedro Teixeira, quando foi um nosso patricio, coronel Bento Rodrigues de Oliveira, que levou a expedição a bom termo, porque sabia navegar, falar e commandar — até ás descobertas parciaes, projectadas nos tributarios ainda por bandeirantes

destas zonas — que tudo é levado em conta ao advena e aos filhos de outros Estados. O nordestino, realmente, povoou a Amazonia, mas quem a desbravou, criando nas cabeceiras dos rios lindos *sitios,* estancias magnificas de pomares e roças, fomos nós, do Pará, sobretudo os cametaenses, que são os phenicios do Equador.

Agora é que a historia vae abrindo estas notas de claridade no emmaranhado dos chronicões para deixar ver a verdade; de sorte que só daqui para diante se pode restabelecer o facto real, dentro de molduras fieis, para emfim negar esse espirito de negligencia, senão de preguiça, que os maldizentes nos attribuem. O braço paraense, neste afan de dar uma prova sociologica, para não dizer anthropogeographica da sua iniciativa, retoma, retardadamente já se vê, a prioridade de tudo, cioso de que amanhã a cidade que floresce sob o céu azul do Equador venha a ser o maior emporio da civilização brasileira nestas bandas do Brasil.

XVIII

O GATO ENCYCLOPÉDICO

E' lamentavel que Alexandre Humboldt não tenha visto e percorrido a Amazonia Brasileira. Mais exquisito é ainda que se não haja levantado na sua indole indagadora a curiosidade pelo rio que corta a America do Sul, de oeste a leste, como um encantado alfange de prata. Que não diria o genio allemão do estuario da maior corda liquida do planeta, do largo e curiosissimo delta, do saco sensacional em que se lança essa torrente antes de ser engulida pelo oceano? Que horizontes novos não se abririam ás sciencias naturaes se a sua visada penetrante surprehendesse o plasma alluvionario que anda construindo o maravilhoso archipelago numa zona que já não é rio mas que tambem ainda não é mar?

Imaginação radiosa, fecundada por um scenario cyclópico, toda se illuminaria ao esplendor panoramico da luz sobre o verde, maxime quando o sabio investigasse a planicie do oriente para o

occidente, de baixo para cima, e constatasse novas perspectivas geologicas, outros fluidos magneticos, esquecidas dobras do céu, torcidas e abrasadoras linhas do Equador thermico já flectidas para o norte; além dos mil motivos adstrictos ao seu olho geographico, afeito a descortinar num segundo, como a luz lampejante dum pharol, o objecto envolvido na treva.

Apesar no entanto da sua larga obra, Humboldt é mais admirado que conhecido, sobretudo no Brasil. Citam-no profusamente sem o ler. Pouca gente lhe abre os livros. Os jornalistas e escriptores, em geral apressados, referem-no de segunda mão, attribuindo-lhe phrases que não poderia ter dito dada a sua sabedoria em todas as provincias da historia natural. Uma dessas phrases é esta: "A Amazonia será o futuro celleiro do mundo". De vez em quando a ouvimos rangendo como um refrão axiomatico, sem se saber da pagina, do capitulo, do livro em que veiu a lume. Que Humboldt tenha escripto que a depressão amazonica será o derradeiro reducto da humanidade, o ultimo recanto da civilização, comprehende-se. E' um pensamento cosmographico, que se baseia de certo na theoria solar, na perda calorica do grande astro, e pois no resfriamento da terra, que se aquece e vive da luz do sol.

Como a Amazonia é uma das regiões do globo que se acham sob a linha do Equador, e, portanto,

uma das ultimas a arrefecer, é obvio que Humboldt, numa resultante cosmica, e atravez do mundo sideral, prognosticasse para a Amazonia um dos derradeiros abrigos do homem. Quanto ao celleiro do mundo é natural que qualquer individuo, medianamente armado de conhecimentos climaticos, ponha em duvida a pseudo-sentença humboldtiana, porque sendo o genio germanico um especialista em materia geologica (escreveu antes de vir para a America uma obra sobre os basaltos do Rheno) e o vidente da geographia botanica, fundada por Warming, sabia que o trigo, impossivel de medrar na planicie amazonica, faltaria a esse celleiro. E como celleiro sem pão não é celleiro — claro que o ennunciado lhe foi attribuido por algum delirante homem de letras.

Filho dum major do exercito allemão e mãe franceza, calvinista, Humboldt nunca esteve na escola, fazendo os estudos preliminares, com seu irmão Guilherme, mais velho dois annos, em casa e sob a disciplina dos maiores professores teutos. Emquanto Guilherme foi um menino prodigio, philologo, conhecendo o grego e a sua historia ainda de calças curtas, Alexandre teve a projecção natural das intelligencias normaes, só abrindo as asas depois dos vinte annos. Veiu da França para a Venezuela, primeiro Estado americano em que aportou, trazendo em sua companhia o sabio francez Aimé Bonpland. Tinha então trinta annos. Era

bello e mundano. Demorou nessa expedição, atravez de varios paizes colombianos, cêrca de um lustro, tanto quanto gastou Darwin na sua viagem á volta do mundo no "Beagle". Alexandre Humboldt representa, sem duvida, a mais alta expressão scientifica do seu tempo. Sabia tudo. Razão por que seus patricios aristocratas, sem poder diminuil-o na mentalidade, appellidaram-no na Allemanha de Gato Encyclopédico.

Sendo o maior dos viajantes, via a pedra, a arvore, os rios, as estrellas, a flôr e a propria terra por entre os phenomenos geographicos. Schiller o atacou, Goethe o defendeu. Da sua amizade com Berthollet veiu fatalmente a classificação de "bertholletia excelsa" para a castanha do Pará, por elle baptisada. Galgou cinco vezes os Andes. Além do volume sobre a "Geographia das Plantas", escreveu o da "Plantas Equinocciaes". Fez estudos sobre o bocio debaixo dos tropicos, signal remoto da molestia que havia de glorificar Carlos Chagas. O Mexico, paiz dos seus grandes amores, erigiu-lhe uma estatua. Cinco nações americanas do sul reverenciaram-lhe a memoria, de tal modo se constituiu elle o cantor da plaga e da gente colombiana. A "Historia da Geographia do Novo Mundo" é das obras que produziu a mais interessante para nós, incluindo mesmo o "Cosmos". Um dos seus biógraphos, attendendo aos sentimentos estheticos do sabio, pergunta se elle teria sido mais visual que

auditivo; se as côres o seduziam melhor que os sons, tão imaginosa e pannejante lhe fôra a arte dentro dos dois aspectos.

De estylo brilhante e de caracter firme, constituia uma figura singular na polarisação dessas caracteristicas, que em geral se repellem na vida. Os psychologos observam: o artificio verbal e a belleza da forma são falliveis nos sentimentos puros. O homem que se não preoccupa com a phrase, segundo os analystas da alma, é, por via de regra, o de melhor, o de mais rijo caracter.

A descripção de Humboldt da pesca do puraqué na bacia do Orenoco, feita por meio de cavalhada, li-a reproduzida ha pouco e sem a menor referencia da origem, no livro dum viajante que desceu o Araguaya. Apesar da alegria com que volveu á Europa, depois de cinco annos na America, levava no rosto as marcas da bexiga, num braço o signal da paralysia, e no coração a saudade das mulheres que ficaram. Depois da viagem ao Novo Mundo, Humboldt andou pela Russia e pela India encalçado por uma pomposa comitiva scientifica.

Os intrigantes feudaes odiavam o republicano que elle era; suspeitavam-no mesmo de atheu; e, por isso, chamavam-no de Gato Encyclopédico. Sem embargo desse odio que lhe votava a nobreza, affirma um seu panegyrista, possuia na Allemanha milhões de vozes que lhe falavam carinho-

sa e ternamente. Gastando a herança nas expedições scientificas, o rei da Prussia Frederico Guilherme III mandou-lhe dar uma pensão annual do Estado. A grande patria do eminente naturalista berlinense reconhecia no filho extraordinario uma expressão cyclica da raça. Tolhido pelas patrulhas portuguezas que vigiavam as fronteiras occidentaes da Amazonia Brasileira contra os hespanhoes, que pretendiam baixar para estender o dominio de Castella, deixou de ver a terra do Cruzeiro, os seus homens, os seus phenomenos, os seus problemas, a sua natureza, em summa. A porta que lhe fechamos no rio Negro por injuncções politicas inevitaveis na época, abrimol-a hoje na mentalidade nacional, no espirito publico da nossa gente, com a seguinte glorificação: chrismamos o maior dos naturalistas patricios, o grande bahiano Alexandre Rodrigues Ferreira, que escrevera navegando nas aguas mediterraneas da Amazonia a "Viagem Philosophica" — de Humboldt Brasileiro.

XIX

AGUA MORTA

Um dos capitulos mais interessantes das *Leituras Geographicas* do illustre professor Raja Gabaglia, é, sem duvida, aquelle denominado *O Phenomeno da Agua Morta,* em que a embarcação fica repentinamente sem velocidade e sem governo, consoante succedeu tres vezes ao *Fram,* no outomno de 1893, ao largo da costa da Siberia, defronte da peninsula de Taimir. Nos *fjords* da Noruega o facto é commum e accentuado, conforme se lê no livro de que me occupo. "Quando um vapor cae na agua morta, dizem os navegantes da Escandinavia, o melhor a fazer é parar a machina por um instante, e, depois que as vagas de separação (?) desapparecem, andar bruscamente a toda velocidade para vante".

O monographista Jules Richard, de quem o autor das *Leituras Geographicas* copia a informação, cita M. W. Ekman, declarante de "que perto da ilha Vancouver, além de outros logares diante das embocaduras de grandes rios das duas Ame-

ricas", o phenomeno é commum. Reporta-se ainda o especialista ao incidente contado por Plinio, de que o imperador Caligula, na viagem de Astura para Antium, havia se atrasado devido a um dos barcos da frota ter ficado parado e não poder avançar. Encontrou-se, então, uma rémora, curioso exemplar ichthyologico munido de ventosa na cabeça, preso ao leme. Quando o peixe foi tirado e levado á presença de Cesar, com grande espanto deste, o poder do animal desappareceu e o navio pôz-se a andar. O director do Museu Oceanographico de Monaco, divulgador desta pêta scientifica, mistura fabulas a episodios reaes, invadindo pois o terreno da lenda, sempre maravilhoso e ingenuo. Não era preciso tanto. De parte o depoimento falso de que o navio perde a velocidade com os propulsores em acção, vela ou helice, e, portanto, os movimentos, isto pela circumstancia de não se lhe vêr mais os bigodes no talhamar, os outros pormenores hydrographicos são rigorosamente verdadeiros.

O facto é frequente na vasta rêde potamologica do Pará. E por um paradoxo da lympha, a *agua morta* só existe junto da *agua viva.* Trate-se das planuras marinhas ou das toalhas fluviaes. Junte-se-lhe ainda este notavel contraste: é o recorte da terra, na apparencia alheia aos acontecimentos, que determina a *agua morta.* Porque, em seguida ás enseadas, reconcavos, golfos, bahias, percorri-

dos pela corda fluvial ou pela maré atlantica, quando a agua, na trajectoria concava que leva abre um angulo com a terra — é que se estabelece a agua estatica, se não a dynamica, animada em sentido contrario, refluxo produzido pelo volume aquoso projectado diagonalmente ao eixo da corrente.

O melhor documento do phenomeno, na Amazonia toda, constata-se no porto de Obidos. Mal o navio *que sobe* penetra nas aguas da cidade, perde o governo. O borbotão de espumas, que se lhe deslocava á prôa, desapparece num ápice, como se a nave tivesse parado. Se levava guinada para a margem, ou seja para boreste, ao entrar nesse novo trecho liquido, vára o barranco. E' que o apparelho dirigente do vapor perdeu a acção, e, pois, o controle da manobra, em virtude de lhe faltar a resistencia das columnas dagua que deslisam ao longo do casco. A circumstancia de ter o navio passado de uma corrente contraria de quatro a cinco milhas para uma superficie inerte, que augmenta para uma, duas e tres milhas favoraveis á proporção que o barco avança — géra a inatuação do paquete ou *gaiola* sobre a massa liquida. A porta do leme, que vinha recebendo dum e doutro lado a pressão hydrica deslocada com a marcha, fica, de repente sem attrito da lympha, cuja directriz se inverteu em virtude do recorte marginal. Com os gualdropes bambos, por motivo da falta de resistencia do leme, o vapor, como um monstro ferido,

mostra-se tonto, desorientado. Se tiver duas helices, corrige a guinada, tocando as machinas uma atrás outra adiante; se apenas uma, tem que andar a ré e fundear *ex-abrupto* para evitar abalroamentos ou quaesquer sinistros.

O caso registado na costa da Noruega decorre do desenho irregular da terra, do mataime tellurico, das reentrancias e dos cabos que bordam a beirada. De sorte que o fluxo e refluxo da maré determina em cada angulo morto da corrente a *agua morta,* inexplicavel e fabulosa para quem a vê de relance e do largo, não porém para aquelles que a observam de perto, cem, duzentas, trezentas vezes. Sempre que um navio em viagem, costeando as margens do Amazonas, affluentes e defluentes, penetra de subito num remanso, consequencia dos taludes que avançam e recuam, perde o governo sem, no entanto, perder a marcha (que deve ser o caso do *Fram*), succedendo commummente enfiar-se matto a dentro ou virar rio abaixo, por falta de acção no leme. Foi a *agua morta* que produziu o phenomeno, porque assim que o navio a sulca, na parte jusante das praias em meandros regulares dos cursos amazonicos, ella é effectivamente parada, ganhando velocidade favoravel, ao arrepio da corrente, á proporção que se aproxima da ponta montante, abaixo da qual se estabelece o angulo estático, dentro de cujo ambito a agua viva cria a *agua morta.*

XX

O NOVO PHAROL DO FRECHAL

Agita-se novamente o caso do balisamento na bahia do Cussary, altura de Monte Alegre, zona do Baixo Amazonas. O problema é tanto mais delicado quanto preso á questão geologica. Tratado na volta de trinta annos passados, resultou no maior fracasso na materia. E' que o local então foi mal escolhido, isso porque toda a região que emmoldura aquella bacia é de terreno alluvionico, derivante pois da sedimentação fluvial, da vasa e dos detrictos carreados pela corda potamica. Sem falar nos bancos e nas ilhas que lá se formam e desapparecem como por encanto, a fimbria em volta da bahia é toda frouxa, com os taludes lavrados em solo pós-quaternarios.

O pharol do Frechal, como se chamou a balisa collocada na ilha do mesmo nome, erguia-se pelo montante do farelhão hoje destruido e que se desmanchava naquelles tempos aos effeitos da corrente. A agua lambia, numa erosão monstruosa,

pelo fio do canal que lhe passava junto, o sector da ilha em que collocaram a torre luminosa. O beiço do barranco mordido pela torrente, que descia sob a força dos repiquetes, desaggregava-se dia a dia no maior desgastamento possivel. A bahia do Cussary, aberta no Amazonas num dos pontos mais batidos pelos aliseos, não somente é rasa devido a sua largura ,como revessa ao navegante por motivo da alternativa constante dos canaes, que ora se encostam ás margens continentaes, ora se afastam para o largo. Isto pela simples razão da curva do rio, que faz alli um arco accentuado para o sul de quem sobe, expondo a costa do Cataú á furia dos ventos que avançam de leste.

Em todo o percurso do grande caudal, desde o sopé dos Andes ás maremas atlanticas, não ha um ponto como o da bahia do Cussary, onde a vegetação ribeirinha se resinta da violencia das correntes aéreas, que retorcem as arvores, inclinam os arbustos, arrancam as gramineas, varrem as plantas, devastam os ninhos, deixando a impressão por alli da passagem commum dos cyclones, ou, pelo menos, dos tufões. O friso vegetal da beirada é rachitico, meio anão, doente, sem viço nem belleza, tal o castigo que Euro, num arranco de gigante, inflinge nos arredores. Tanto a volta do rio que tem, naturalmente pela força dagua, pelo impulso das descargas egressas dos cimos, de riscar o canal, cavando o alveo das derrotas, como a venta-

nia do oriente, que nesse local flagella de verão a planicie, rasgando a selva das margens; tanto uma como outra, diziamos, concorre para que o roteiro, principalmente quando elle é feito ao largo, como agora, offereça ao navegante a mais delicada singradura, quasi tacteante, mais adivinhada que entrevista, cheia de perigo, sem defesa nem amparo, nem ponto de referencia, tal o fumo dos campos, a cinza dos aliseos, o zunir e o tropel do vento.

Balisar pois aquelle trecho, zurzido pelos elementos desconnexos e enviezados é o desejo de quantos sobem e descem a verde explanada. Entretanto, de tal forma aleatorio se nos apresenta o problema integrado na caracteristica amazonica, de alteração e recomposição a todo o instante, que é preciso logo antever o futuro. O pharol só pode ser provisorio, levantado com o destino fatal de uma nova mudança amanhã, logo que o canal-mater se mude e o logar, hoje firme, volte a se esfarelhar, a ruir, a se dissolver na toalha barrenta do Amazonas.

XXI

OS FÓSSEIS

Emquanto os sabios giravam em torno de aspectos cosmographicos, no tratar de materia positiva, como é a geologia da Amazonia, a confusão foi completa. A identidade das camadas telluricas do amphitheatro paraense não somente era deficiente e falha, como possuia mesmo tons de fantasia, notas de lenda e de fabula. Só depois que Frederico Hartt, á frente duma expedição scientifica, positivou o fóssil no collo da terra da planicie é que se vem fazendo estudos regulares no campo paleographico e da estratigraphia. Quando Agassiz, em 1865, esteve no valle em companhia da esposa, redactora do celebre *Journal* que denegriu o caboclo, nada se desvendara ainda nesse sentido. Para certos sabios a nossa terra era incognita... E' que as investigações, sem as bases tectonicas, e, sobretudo, paleontologicas se tornavam improficuas. Só depois que a sciencia moderna, fundada por Elias de Beaumont, invadiu os espiritos per-

quirentes destes dias, é que a verdade começou a surgir.

A concha, a alga e o coral marinhos fossilizados e perdidos nos taludes litoreanos da nossa rede hydrographica, quando achados nas dobras do chão, constituiram verdadeiros lampejos na treva geologica. Ratificava-se desse modo a objecção de James Orton, que denunciara como falsa a theoria glacial no zero das nossas latitudes. A grande planicie em que habitamos fôra mar. Os infusorios e as baleias, no plancton e nos pélagos profundos, já derivaram e nadaram onde hoje a alluvião morena das varzeas alteia o collo fertil. Apesar de algumas buscas no Solimões e no Maranhão, por gente que depois de remontar do Pacifico a annuviada cordilheira do occidente vinha em seguida remexer a verdoenga *montaña* cisandina, foi no Baixo Amazonas que se constataram as melhores provas dos cyclos da terra; por ellas se tem alcançado dados seguros sobre os phenomenos de remotos deslocamentos do solo, além da transformação das pedras metamorphicas.

Os relêvos orogenicos, ao norte e ao sul do Rio-Mar, e para aquem das fronteiras politicas do Pará, foram os mais bem observados pelos especialistas. Os barrancos do Maecurú, Curuá, Trombetas, Tapajós, Xingú e Tocantins, escavados e observados em indagações minudentes, revelaram, num clarão prehistorico, a geographia immemo-

rial. E a faisca foi o humilde fóssil. Pincaros, abysmos, florestas, campinas, ventos, estrellas, na grandeza maravilhosa de seus contornos, não têm o condão preciso, quasi mathematico, de assignalar um tracto de terra, denunciando-lhe a idade, como a concha dum mollusco ou o fio longo duma alga em estados fósseis. A identificação das especies zoologicas e botanicas petrificadas ou apenas estampadas nos graptolitos, nesta ou naquella camada de terreno, rememora immediatamente a éra em que taes animaes e plantas existiram na superficie do globo. Fóra destes principios geológicos em que se balanceiam os millenios sedimentaes, confirmados na paleontologia, tudo é obscuro e negativo.

Darwin, na sua grande obra *Viagem dum naturalista á volta do mundo* constatou, pelos fósseis, que depois do apparecimento da cordilheira dos Andes, esta submergira e emergira no oceano varias vezes. As conchas marinhas, nos cimos e nos flancos dessa muralha gigantesca, denunciavam as eclosões e os mergulhos. O mesmo phenomeno por aqui. Os coraes encontrados soterrados na borda medio-devoniana dos tributarios, abrem visadas edificantes na velha e perdida physionomia da planicie, de tal modo o polypo coralino só vinga numa determinada profundidade da agua salgada e crystallina, de temperatura suave, circumstancias ao presente alheias a estas paragens.

Ora, se taes condições geographicas e atmosphericas, necessarias á vida do calcareo roseo desappareceram no momento em que se o acha no solo, é obvio que antigamente o clima era outro, outra a agua e a profundidade outra. São os fósseis que nos levam a estes raciocinios logicos e indesviaveis.

XXII

INFLUENCIA HUMANA, CLIMATICA E ANIMAL

De um balanço porventura dado nos chelonios amazonicos, incluindo mesmo os egressos do Atlantico, aquelles que viviam nas costas e estuarios de rios paraenses, apura-se este desolador resultado: algumas especies extinguem-se e outras rareiam. Será somente o homem destruidor o culpado desse phenomeno? Parece-me que não. Temos que metter em conta o agente mesologico. Tanto a flora como a fauna são resultantes da ambiencia, oscillam com as gradações atmosphericas. As plantas e os bichos sobem para o Equador ou descem para os polos de accôrdo com a temperatura reinante. E como é patente que, em qualquer parte do globo a influencia climaterica não é firme, segue-se que as arvores e os bichos emigram conforme as variações do meio.

Quando a Inglaterra foi um paiz tropical, os coraes, hoje impossivel de alli subsistirem, a ro-

deavam. A paleontologia é que nos conta isso. Na Amazonia, evidentemente soffrendo ha longos annos de uma reacção climatica, que altera os panoramas da flora e as familias da fauna, os lamellibranchios vão desapparecendo após o sumiço dos grandes animaes como o *mosasaurus*, o *dinosuchus terror*, o *gryposuchus jessei*, que já fizeram parte da nossa bicharada.

Além da influencia astronomica, concorrem para essas alternativas climatericas as reacções occasionadas pelas correntes aéreas, pelos rios pelagicos, pelas erosões, pelas chuvas, que, modificando o conjuncto physico da terra, modificam tambem insensivelmente o nosso ambiente, e, pois, as condições do *habitat* de determinadas arvores, de determinados quadrupedes, de determinados peixes, de determinados chelonios. A tartaruga do mar, por exemplo, que subia o estuario tocantino e proporcionava, com o seu casco maleavel e bello, um trabalho artistico e rendoso aos antigos moradores, sumiu-se. Os nossos avós, que lhe fabricavam da carapaça o pente, a piteira, o cofre, o castão e toda uma série emfim de objectos de luxo, e utensilios domesticos, tiveram a industria morta pela fuga do animal.

Assim succede ás familias de bivalvos, abundantes ha tres seculos, nos idos da conquista. Quando Hartt andou pela segunda vez nestas paragens, ha meio seculo talvez, notou que uma coi-

sa era consequencia da outra, isto é, que em virtude da transformação physica do valle, o clima se alterava e as especies da fauna e da flora tendiam a emigrar. O peixe-boi tambem rareia. Certos molluscos extinguiram-se.

Não se pode esconder que o homem é um grande culpado dessa destruição feroz; mas atrás delle, invisivelmente, ha um destruidor maior: o ambiente, melhor, a natureza, que vae criando propriedades hostis a este ou áquelle sêr na retirada perenne de condições propiciatorias á vida. Foi o que aconteceu á tartaruga do mar.

Em compensação, a tartaruga dagua doce, chamada *yurára-assú* entre os indigenas, apesar de não exhibir, é verdade, as qualidades magnificas de transparencia na carapaça, apresenta uma carne fina e delicada, saborosa, macia, superior á do porco, e tida aqui como a melhor das brancas do amphitheatro. Conhecida por vacca da Amazonia, ella symbolisa o grande manjar dos moradores da planicie.

Mas, as suas propriedades alimenticias e generosas contrastam com o seu aspecto singular e prehistorico. Remarcando algo do jacaré pela cloaca, possue igualmente semelhanças, pela cabeça, com as aves e os sapos. Maxillas sem dentes, como o bico de um rapinante, tem, ainda, como este, tres palpebras; anel esclerotico em torno dos olhos; e um pescoço comprido parecido ao de cer-

tos voadores. O aspecto é paleozoico, á feição da cigana, que traz garras nas asas.

Integrado com o calor, inimigo do frio, esse reptil é tão agil nagua como preguiçoso em terra. De cerebro reduzidissimo, a sua força muscular é assombrosa. Mutilado, membros amputados, suffocado, vive durante horas escandalosamente sem cabeça. Alguns gaviões da planicie, para comerem-no, levantam-no nas garras quando ainda o chelonio é tartarugota (cunhamucú) e deixam-no cahir sobre pedras, até que se lhe rompa o escudo.

Desovam nas praias e a eclosão dos ovos se faz pelo sol, em covas fechadas, no tempo do verão, setembro e outubro. Botam de 60 a 130 ovos de cada vez no buraco que abrem com as patas dianteiras. Feita a postura, recompõem o receptaculo com a propria terra retirada e batem com o peito, para nivelar o monticulo. O vento, depois, uniformisa a superficie da areia, sem deixar vestigio da operação.

Entretanto, o caboclo, apesar de não haver indicio apparente, quando lhe quer tirar as posturas, sonda a praia com uma varinha pontuda. Onde esta entra, signal de terreno fofo, tem ovos. Assim devastam as ninhadas. Sempre que as tartaruguinhas logram escapar e romper a casca do ovo na cova, saem dalli em busca da agua. Com as carapaças mal consistentes, levam a gemma do ovo, como um coração amarello, atravessado no peito.

E' uma reserva alimenticia que a natureza ahi collocou para a defeza da especie. Os urubús, os jacarés, os surubins, as pirahibas, substituindo o homem, as devoram. Mas a odysséa deste chelonio não finda nisto. Existem ainda a *batição* e a *viração,* dois processos terriveis de captura que concorrem para a extincção da tartaruga no valle.

XXIII

DO MIMETISMO AO AUTOCHTONISMO

E' curioso que Bates e Wallace, os primeiros systematizadores da theoria do mimetismo na Amazonia, não reparassem no papagaio; e fossem achar na borboleta os principios mimeticos de que certos sêres se servem defensivamente para a transformação momentanea e subita, identificando-se ao meio ambiente e ajustando-se á tinta local do ponto em que o perigo os ameaça. Que as borboletas impressionam melhor talvez no caso pela variedade de côres e pela adaptação occasional ao tronco, ao galho, á herva, ao solo —é um facto que não se pode esconder. Nenhuma dellas porém se amolda ao "habitat" como o papagaio á fronde em que pousa e vive, escondendo-se das vistas alheias.

Verde, semelhante á folha, perde-se na redoma esmeraldina das arvores á feição de um tufo nascente de grelos. Adapta-se e some-se nas cupulas arboreas com esse encanto mysterioso e pagão

que resumbra da hyléa. E só é descoberto pelos caçadores em virtude do caracter bulhento, que o torna ruidoso, principalmente nas comedías, onde disputa resingando os fructos aos companheiros; quando não, nos "barreiros", em cuja chaga tellurica se encharca gulosamente daquella terra salgada, vestigio do oceano remoto na hinterlandia. Fóra disso o papagaio ainda se denuncia ao inimigo pelo nervosismo, pela constante agitação, pela inquietude perenne, a tal ponto que os naturalistas o comparam pelo movimento ao macaco, tanto os dois se mexem, saltam e pulam. E de admirar pois que Alfredo Wallace, o criador da Zoo-geographia, e Walter Bates, o famoso entomologista profundamente enfronhado na avi-fauna desta plaga, não surprehendessem, em prol do mimetismo, a confusão das tintas do papagaio com a chlorophylla dos altos zimborios tutelares. Se assim fosse, as observações dos dois sabios teriam principiado seguramente por especies ornithologicas.

A razão porém destas linhas não é de historia natural, mas de historia social. A sciencia aqui annulla-se ante a parabola anthropogeographica do indio. No rememorar dos aspectos ethnographicos do Brasil sempre se estranhou o fraccionamento das tribus dentro das proprias raças; e, mais ainda, a multiplicidade de malocas dentro das tri-

bus, signal seguro duma involução irreprimivel, que leva o povo colombiano ao desapparecimento.

Nunca se pensou entretanto que isso proviesse de uma simples contenda domestica levantada por causa duma ave... Quem conta o caso ingenuamente referido neste trecho é um velho chronista dos tempos coloniaes. Na verdade, outros historiadores, com igual rosario e identica estamenha daquelles idos, attribuem a dispersão indigena ao furto duma cunhã, acontecimento que singularmente repete o da guerra de Troia, originado no rapto de Helena, mulher de Menelau. O grosso dos publicistas daquella época insiste todavia em affirmar que a briga selvicola determinante do fraccionamento amerindio do sul foi devida a um papagaio. Disputado por duas esposas de guerreiros tupis, irmãos ainda por cima, a contenda principiou. A mulher do mais velho achara o "louro" implume na matta. Criara-o, engordara-o, perfilhara-o. A mulher do irmão mais moço fôra no entanto a educadora. Mestra do papagaio, ensinara-o a falar cousas bonitas, cousas sensacionaes. De sol a sol a professora impenitente articulava os vocabulos tupis da sua predilecção de maneira que o discipulo, no poleiro, os repetisse claramente. "Poranga, cunhantã, curumim, tupã, cariua", foram palavras soletradas de vagar até o bicho reproduzil-as cheia e sonoramente.

te outros horizontes aos sêres deste seculo. Os sabios que andaram na Amazonia, dos maiores do universo, mal levantaram o véu dos problemas lacrados no segredo colombiano.

XXIV

PERO VAZ DE CAMINHA

Pero Vaz de Caminha, o nosso primeiro homem de letras, aquelle que inicialmente pintou, numa carta ao rei D. Manuel, a fecundidade da terra brasileira e a belleza das nossas indias, é geralmente conhecido por escrivão da frota de Pedro Alvares Cabral. Entretanto não o era. Nem sequer fazia parte do rol de equipagem da nau capitanea, em que viajava como simples passageiro rumo do Oriente. Destinado a Calicut, onde iria exercer a funcção publica de escrivão duma feitoria a se criar, o titulo certamente que lhe davam a bordo misturou-o com os reaes tripulantes a ponto de o julgarem parte da guarnição. Dahi o confusionismo que se estabeleceu em torno de sua figura immortal.

Esse confusionismo se divulgou até hoje, tempo em que historiadores de nota, jornalistas e pedagogos ainda chamam Caminha de escrivão da armada.

Felizmente Capistrano de Abreu, o grande Capistrano, não deixou passar em branca nuvem taes cochilos. E desfaz assim o engano, pondo em pratos limpos a personalidade de Caminha. Não se limitou todavia o famoso escriptor brasileiro a esclarecer o officio do passageiro que viajava a bordo do navio de Cabral; foi ao pae de Caminha, ao neto, ao genro. Contou onde nascera o celebre epistologapho, o ponto em que morreu, e como as cousas se passaram; quem era e porque fôra escolhido para aquella incumbencia. Esbagaça emfim a vida do famoso Caminha. Tritura-o, arrasa-o, redul-o a poeira. Dir-se-ia um allemão fazendo a biographia de qualquer sujeito, sem escapar um numero, um episodio, uma aventura. Sabe-se então que Pero Vaz de Caminha, antes de ser nomeado para Calicut, exercia o cargo de MESTRE DE BALANÇA DE MOEDA, no Porto, profissão, consoante a exegese de Capistrano, que lhe deu essa maneira de tudo comparar e miudadamente observar, menos as cousas marinhas, que ignorava, e as cousas do céu, tambem vedadas á sua fallencia astronomica.

Rareia-lhe a technica maruja das manobras, as estrellas, o sol, os phenomenos em summa da atmosphera, tão abundantes na carta de mestre João (este, sim, tripulante da frota), e que escrevera tambem com data igual á enviada a Lisboa pelo falso escrivão.

E' bom notar que a carta de Caminha foi declarada apocrypha pelo historiador argentino Luis L. Domingues, num artigo publicado em "La Bibliotheca", de Buenos Ayres, por volta de 1897. Nesse artigo porém o critico chama a Caminha de secretario de Cabral, o que ainda é peor talvez que chamal-o de escrivão. Além das notas directas sobre o primeiro colorista da nossa plaga, Capistrano dá outras informações interessantes sobre o genro do epistológrapho, pessoa que vagamente figura no final da carta ao rei D. Manoel nestes termos: — "E' pois que Senhor, é certo que assim neste cargo que levo como em outro qualquer outra cousa que de vosso serviço for, Vossa Altesa ha de ser de mim mui bem servido, a ella peço que por me fazer singular mercê mande vir da ilha de S. Thomé Jorge d'Osouro, meu genro, o que della receberei em muita mercê". Era o indulto pedido ao rei D. Manoel depois de atordoal-o com o esplendor da descoberta.

Deste genro de Caminha ,ainda consoante documentos de Souza Viterbo examinados na busca de Capistrano, diziam o seguinte: "Cerca de 1491, Jorge d'Osouro foi juntamente com outros apossar-se á força de uma igreja, erradamente considerada vaga, e accusam-no de ter roubado pão, vinho e gallinha e outras coisas que poderiam valer mil e trezentos reaes. Pelo mesmo tempo deu feridas em um clerigo "scilicet", uma pela cabe-

ça, e outra pelo pescoço e tres feridas pequenas pelas costas". O genro, como se vê, era um estouvado, valentão e bohemio.

Quanto a Caminha, verifica-se ser elle um destes intellectuaes que fazem a delicia dos soberanos atravez da historia, da graça e da anecdota. Commensal talvez de D. Manoel (a intimidade da carta dá a entender isso), assim que se tratou de uma nova investida ás especiarias, investida que secundasse no Oriente a proveitosa expedição de Vasco da Gama, lembraram-se, entre o pato no arroz e a trouxa de ovos da mesa daquelles idos, de melhor collocar Pero Vaz de Caminha, que se nos afigura assim uma especie de fiscal de consumo, salvo melhor juizo.

Organizada a expedição cabralina, lá seguiu o amigo de D. Manoel. Ia sem duvida muito recommendado ao almirante, tanto que viajava no capitanea e assistia ao conselho de capitães, vedado a um leigo que não fosse tão distinguido. Tendo aquelle genro degredado na ilha de S. Thomé, Caminha lembrou-se de aproveitar a descoberta para solicitar alviçaras. Feita a missiva, escripta com a tinta da alegria e atravez dos vidros côr de rosa dos oculos de Pangloss, arriscou o pedido com que fecha a carta: a volta do genro para Lisboa.

E seguiu o seu destino. Pouco tempo depois de ter deixado o Brasil, uma tempestade reduziu a

frota, perdendo-se a nau de Bartholomeu Dias, que naufragou com outras tres embarcações.

Por fim aferra a armada em Calicut, onde se ia fundar a feitoria, que, de facto, se fundou e da qual era escrivão Pero Vaz de Caminha. Os arabes negociantes no logar, enciumados com os adventicios recem-chegados, revoltaram-se e assaltaram o novo estabelecimento portuguez, matando quasi todos os lusos encontrados na feitoria. Como o Samorim, sultão da localidade, não désse satisfação do incidente, Cabral, ainda ancorado no porto, bombardeou Calicut arrasando-o e incendiando-o. Não se sabe ao certo se Caminha pereceu á mão dos infieis (como se chamava na época a quem não era christão) ou se victima do fogo da esquadra. A verdade é que o escriptor da carta que primeiro deu noticias da nossa patria alli desappareceu. Para o posto que o grande Caminha occupava no reino, MESTRE DE BALANÇA DE MOEDA, foi nomeado um seu neto, menino de cinco annos, tal era a deferencia do soberano pelo morto.

Grande parte da mentalidade brasileira desta época refere erradamente o caso de Caminha baseada nos mais eminentes historiadores. Se começamos não sabendo o papel que desempenhava o primeiro chronista nacional, aquelle que tão gratamente pintou o scenario da costa patricia, então era melhor enforcar o officio. Graças porém á

rutila e coeva intelligencia de Capistrano a lebre foi corrida. Mas faltam outras. Como, por exemplo, a do ACASO ou não da descoberta. Da propria carta de Caminha os exegetas tiram argumentos pró e contra a these que sustentam.

XXV

CARTA DO OUTRO MUNDO

Meu caro Santanna Marques:

Foi com profunda saudade e viva recordação que folheei hontem o *Estado*, em edição de anniversario, 52 paginas, onde se desdobra o cunho lampejante de sua penna, a reflectir um conceito de Goethe, o neto do adivinho. Na minha mente passou, numa projecção kaleidoscópica, toda a galeria de jornalistas, politicos, militares, artistas e homens de letras que agitaram a campanha memoravel de civismo em prol de Nilo Peçanha, guardião da democracia e um dos athletas que sacudiram as instituições da 1.ª Republica.

Nesse tempo V. não se emplumára ainda no chantcler dagora, que faz nascer o dia ao som do proprio canto; pintainho sem crista nem esporões, mal ciscava a minhoca literaria no terreiro remexido pelos gallos de Apollo. Eram os albores da revolução triumphante de 1930, da qual fomos os

vedetas e sapadores na redacção do orgão que acaba de fechar o cyclo aureo de 26 annos.

Dez mezes de luctas tremendas, furiosas e alegres. Ao raiar da aurora, mal repontava no oriente o clarão do sol, nós jogavamos pelas columnas do *Estado*, sobre o adversario, o que nos vinha á mão, literariamente, já se vê: pedra, caco de garrafa, cisco, ovo podre, esterco, o diabo! Duas passeatas populares levaram ao jornal que V. hoje secretaría com tanto brilho e prosperidade, applausos e palmas, discursos e solidariedades. A mim um orador arrebatado, em surto demosthenico, entregou a leaderança da imprensa paraense, canudo symbolico que me tem custado caro...

Havia tal repercussão na alma nacional do que nós affirmavamos, que o meu grande amigo Justo Chermont, vigorosa intelligencia de parlamentar, arguto psychologo, ductil diplomata, antes para me accender a labareda reivindicadora no coração, que, de certo, para me agradar, attribuia, em epistolas a mim enviadas do Rio, um condão virgem nos meus artigos e nas minhas chronicas. Em geral — frisava o eminente senador — são os periodicos da provincia que transcrevem o trabalho dos jornalistas cariocas, emquanto que com V., concluia, é o contrario, são as gazetas da metropole que transcrevem os seus. E juntava os retalhos comprobatorios. Pode V. calcular, subtil San-

tanna, como eu me enchia de dedos. Era quasi a gloria. Mas não ha bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe, lá diz a sabedoria popular. Nem as rosas de Malherbe tiveram vida mais curta que a minha satisfação.

Lembra-se V. do Penna e Costa, talento rompante, que vivia ás turras com os padres, confrarias, irmandades e conventos, não escapando sequer um sacristão? Muito bem! Como eu reservasse methodicamente, em minha residencia, da 1 ás 3 da tarde para fazer o editorial de duas columnas, que, sob minha assignatura abria religiosamente o *Estado*, prohibi que nesse intervallo se dissesse que eu estava em casa. Uma vez, porém, chega o Penna e Costa. Quebrei a ordem. Recebi-o.

Já no meu gabinete, disse-lhe, sem cerimonias, estar terminado o artigo diario que seria estampado na manhã seguinte. O meu preclaro confrade apanhou numa das estantes qualquer volume e sentou-se, até a conclusão da descalçadeira vehemente que eu alinhavava contra o sr. Arthur Bernardes e contra o coronel Libanio (desavergonhado director da Recebedoria de Minas, que só dava dinheiro aos nossos adversarios), bodes espiatorios da minha loquela pamphletaria, rubra e dramatica. Penna e Costa não lia, porém, o livro aberto, consoante me garantiu depois: espiava-me. Concentrando minha imaginação na invectiva,

cheia de cobras e lagartos, nem lhe reparei na attitude sonsa e bisbilhoteira.

Prompta a catilinaria em que se reaffirmava, destemida e galhardamente, que nós, nilistas, preferiamos Fernando de Noronha ou fôrca a receber um nickel sequer do sujeito que infamára o Exercito dizendo que o compraria — deixei a visita e fui mudar de roupa para sahir. Ao regressar encontro o Penna lendo o que me acabára de fugir do lapis. Sahimos. Travou-me do braço o amigo, e, confidencialmente, segredou-me: "Sempre suspeitei do que acabo de descobrir: tú não passas de *medium inspirado*. Nem é tua mão que corre sobre o papel nem é teu pensamento de dita. Ages inconscientemente. Varios espiritos se servem de ti como simples apparelho transmissor". Fiquei anniquilado. Ninguem pode calcular, meu devoto irmão Santanna, não só o susto que raspei, como o desapontamento que soffri. Quasi desmaio.

De facto eu já havia lido no *Animismo e Espiritismo* que determinado camponio americano terminára, com a mesma belleza, o mesmo estylo e o mesmo humor um romance de Dickens, inglez que V. conhece muito. Imagine, pois, a angustia dolorosa em que fiquei ao verificar, com provas de além-tumulo, a minha inferioridade mental, o meu triste e secundario papel em materia de letras. Simples apparelho! E mais: joguete passivo de espectros politicos, que viviam me atirando contra

o sr. Bernardes. A policia nos vigiava. Desd'ahi que, ao me sentar na banca para redigir uma linha que seja, tenho logo a impressão da minha irresponsabilidade, visto não passar de machina, movida por quanto fantasma vive na solidão etherea.

Quem será agora a alma do outro mundo que me inspira esta carta? Ignoro. Bem que olho em torno a ver se pilho o sujeito. Em todo caso, se um fino humorista do calibre de Dickens não se diminuiu em pegar na destra grossa dum rude camponez da terra do pavilhão estrellado, segundo Aksakof, não haverá nada de mais que qualquer outro finado de remarcada estirpe guie a minha mão e narre factos joviaes que me não occorreriam sem estar sob o alvedrio da gente do paiz das Sombras. Que acha? E para que esta epistola, como aquella de S. Paulo aos Corinthios, cresça aos seus olhos christãos e tenha maior valor, lembro-lhe a possibilidade de ser obra de Sterne, ou de Swift, ou de Mark Twain ou de Machado de Assis. Minha é que não é.

Pretenção de quem assigna, dirá V. eruditamente, por attribuir semelhante chlodra a esses magnatas da ironia e do sorriso. Considere, porém, encantador Santanna, que eu não influi com a mais ligeira virgula para esta exótica missiva; considere ainda que muitos desses pensadores foram descuidados no genero epistolar, como ao presente succede aqui. Se porventura o scepticismo não lhe

admittir taes individualidades, por estranhas ao meio physico (cosmico ficaria mais bonito, hein?), fóra do meu ambiente, alheias ao clima, á chuva, ao vento, ao sol da planicie, emfim, insinúo então, com toda a reserva, um nosso collega, o chorado escriptor coronel Emiliano Frade, em cuja graça philosophica e receitas domesticas, nós todos bebemos vastos conhecimentos na vida.

Et nunc et semper.

XXVI

INDIOS PRETOS E LOUROS

A coqueluche amazonica nestes annuviados dias de 1937, em que as potencias se entreolham de dedo no gatilho, é falar de Fawcett, o explorador inglez que pretendia descobrir a Atlantida nos sertões de Matto Grosso. O caso inverteu-se, confirmando o proverbio de que um dia é da caça outro do caçador. De sujeito que procura uma cidade no meio da selva Fawcett passou a ser procurado. A hinterlandia toda está sendo espiada a ver se alguem encontra o vedeta da Grã Bretanha na floresta americana. Vivo? Morto? Tuchaua? Prisioneiro? Ninguem sabe. O que eu garanto e juro é que o caso não é virgem, tanto parecem gostar os indios, melhor, as indias, dos inglezes. E' o cachimbo, de certo, o cheiro do tabaco e do sarro.

No rio Branco, ha uns vinte annos, ancorou um. Fidalgo, rico, mandou ás favas as *ladys* londrinas e abarracou-se com uma tapuia que era mesmo um louvar a Deus de gatinhas. Exigida a

sua presença na capital do Reino Unido atravez de precatorias, o subdito de S. M. Eduardo VIII tirou a tanga, vestiu uns pantalões, e marchou para a bruma e para o *fog* por causa dum inventario em que lhe tocavam montes de libras esterlinas. Pois bem, o dito patricio de John Bull foi á metropole da Inglaterra, deu tudo que lhe tocava, e voltou patriarcalmente para a sua tanga de pennas a ver os seus xerimbabos e a sua roça. Não será o caso de Fawcett? O rabicho em maloca, solidificado na mão da onça, na priprioca, no péga-não-me-larga, no cumarú e na baunilha, é de rebimba...

Para quem tem roido a banda podre da vida concretizada naquelle frio do Tamisa, nas *toilettes*, no protocollo, obrigado a mudar de traje seis vezes por dia, a não dar uma risada em publico sem ser preso, e chega aqui de repente, onde só se anda nú e não existe frio — o alegrão não é deste mundo. Deu o fóra no quartel (Fawcett era do Exercito), na corneta, na ordem do dia, na meia volta, na continencia e haja dormir até a senhora sua sogra, com uma cuia de mingau de arroz com castanha, acordal-o para o *breakfast*. Vidão! Lá uma vez por outra, quando lhe dá na telha, caça, pesca, rala sua mandioca e mais nada. E vem dahi a razão porque varios ethnologistas affirmam que na Guyana ha uma tribu loura, branca, de olhos

azues. Todavia, apesar da batida que se tem dado atrás dessa raça ariana no Novo Continente, ninguem a encontra; apenas um ou outro tapuinho branco, cabellos de ouro, olhos de saphira, perdido nas tribus. São os Fawcetts, que embora regrados e retrahidos sob o céu plumbeo de Londres, aqui, ao calor da luz do Equador, revelam-se de uma fertilidade de ratos.

Do lado de lá da bacia amazonica, nos cafundós do Madeira, pelo Guaporé acima, é o contrario que se vê: apparece indio preto que não é graça. Ha quem diga existir tambem por alli uma nação de aborigenes negros. Não ha nada disso, porém. O motivo *africandó* é o mesmo da Guyana. A carapinha é um derivado. No tempo da escravtura, tanto de Minas como de São Paulo, os captivos desertavam e vinham fundar os seus mocambos perto das malocas. O resultado era indio cafuso á bessa. Villa Bella, no Guaporé, hoje em decadencia, foi uma cidade prospera e quasi somente povoada pelo *afro* fugido á vara do feitor paulista.

Em toda essa região encontram-se nas malocas typos de mulatos escuros, pelle carregada, filhos de preto egresso do ergastulo das fazendas dos planaltos. Foram os mocambeiros os autores daquella tonalidade epidermica e daquella pimenta do reino na synagoga indigena. Fechando, pode ser que eu me engane, mas pelo tempo, Fawcett já

deve ter, nada menos de quatro *cunhantans* e quatro *curumins* louros. São portanto inuteis estas buscas que tanto constrangem a austeridade e o bem estar de um coronel inglez...

XXVII

SÃO JOÃO

Segundo o padre Severiano de Rezende, no seu lindo livro *O meu Flos Sanctorum,* foi um milagre o nascimento de S. João Baptista. O pai deste santo, Zacharias de nome, era um sacerdote já velho; sua esposa tambem. Ambos haviam mandado ás urtigas o amor. De repente, no templo, apparece-lhe o archanjo Gabriel, assistente do throno de Deus e avisa-o do nascimento do celicola. "Bem velho estou já, disse elle ao enviado celeste, e minha esposa vae avançada em annos; quem me garante o que acabas de dizer?". Gabriel então declarou que cumprira ordens apenas; nada tinha com o milagre caso se realizasse ou não; e, abrindo as asas refulgentes no ether, voou. Quando o menino nasceu, Zacharias perde a fala e não ouve, exactamente no instante em que a esposa, inspirada celestialmente, escolhe o nome do Precursor. Os parentes não queriam a denominação. Ninguem na familia se chamava assim...

Consultado Zacharias, que jazia taciturno e macambuzio de parte, este pegou num estylete e escreveu: "Seu nome será João". Foi o sufficiente para lhe voltar a palavra, e a começar a ouvir tudo em redor como antes. Vê-se, pois, que a vida do grande santo destinado a baptisar Jesus, iniciava-se com pormenores miraculosos e confusos a ponto de uns o julgarem o propheta Elias e outros o proprio Messias. Envolto em pelles de camello ia elle um dia pela estrada, quando, perto das margens do Jordão, avistou uma pessoa. Estremeceu. Elle, que era um verdadeiro leão pregando no deserto contra os poderosos, quasi tem um deliquio. Reconheceu, todavia, sem nunca tel-o visto, o Redemptor. Seu coração batendo apressado denunciou o Divino Mestre. Alçou a direita e apontou com o dedo Jesus á turba que o acompanhava. De seus olhos corriam lagrimas. O seu verbo ficou electrizante, a sua physionomia carinhosa e meiga. Invadiu-o a alegria. "Elle é o cordeiro que tira os peccados do mundo...", affirmou designando Jesus.

Eis ahi o santo que a humanidade catholica festeja e reverencia. E talvez porque S. João vivia agrestemente pelos bosques, além de ter baptisado Jesus, o mundo christão, e sobretudo nós, paraenses, festejamol-o com passagens de fogueiras, banhos cheirosos, sortes, fogos, balões, tocatas e paparocas, certo em attenção aos gafanhotos que

o santo comia, ás achas de lenha que elle accendia, ao seu pifaro de canela de veado, etc., etc. A familia paraense dedica ao celicola particular estima, naturalmente porque a devoção é leve e o rito grato a todos. E por entre a novena e a dansa, nas igrejas e nos terreiros, nos quintaes e nas salas, além dos bolos e das cangicas, aflora na imaginação ingenua dos catholicos o perfil fascinante de S. João, sempre devotado á sua nobre missão de pregar o banho cheiroso entre nós, com hervas, cipós, folhas, trevos, jasmins e rosas.

Não ha casa paraense que não tenha no dia do santo as suas corôas de pataqueira destinada ás donzellas, ás crianças e até aos machacazes. Os fogos de bengala, as pistolas, os balões fazem parte da noite alegre. Um pouco barulhento talvez o santo, algo pyrotechnico, padroeiro do tiro e do ronco, mas casadouro que é uma belleza. Os namorados o adoram e promettem-lhe mundos e fundos ao saltar as fogueiras de mãos dadas com a escolhida do seu affecto. Em geral não pagam a promessa e se esquecem do apoio que o celicola lhes dá no momento da onça beber agua...

XXVIII

A EXPEDIÇÃO IGLESIAS

A Amazonia é o paraiso dos naturalistas. Para ella se volve o olhar de todas as raças adiantadas. Bates viveu cêrca de nove annos em Teffé e onze no valle. Humboldt, que não conseguiu forçar as portas do Baixo Amazonas atravez da Venezuela, chegou até S. Carlos, no rio Negro. Spix e Martius mexeram e remexeram a planicie. La Condamine, Orton, Chandless, Gibbon, Ladario, Cruls, Adalberto da Prussia, Coudreau, Branner, para não citar muitos outros que se identificaram com a natureza e por aqui morreram obscura mas gloriosamente. Em Manaus reside uma das maiores individualidades nacionaes de homem de sciencia: Adriano Jorge. Medico, cultura solida, é, sem favor, um sabio que honra o seu paiz e a sua raça atravez de todas as provincias da intelligencia. Todos esses vultos, animados pelo toque superior de desvendar os segredos da Natureza olham, penetram, devassam as hypotheses.

Além das figuras isoladas, no entanto, aqui estiveram missões que traziam especialistas afim de, irmanados, levantar a cortina fabulistica de varios problemas universaes. A missão Morgan, a missão Schurz, a missão Rice, a missão Rondon, mais ou menos equipadas e apparelhadas do que havia a esse tempo de perfeito no mundo scientifico, subiram Amazonas e tributarios para a analyse do indio, da terra, da agua, dos ventos, das linhas isothermicas.

Era para vir no *Artabro,* trazendo na testada dos homens de sciencia o capitão Iglesias, uma nova expedição mandada pelo governo hespanhol. O iman que a attrahia não seria mais a fabula do El-Dorado dos seculos XV e XVI, quando a gente de Castella, no heroismo das descobertas, andou revelando á humanidade as rechãs do Novo Mundo. O que fascina actualmente o grande povo peninsular são as descobertas scientificas, os problemas da Historia Natural, mais ou menos latentes no fundo da hinterlandia amazonica.

Objectivava o grupo egresso do Mediterraneo, das ourelas de Valencia, onde cahiu nagua o *Artabro,* ter voz no cabido em que assentam as altas mentalidades da terra. Trazendo na chefia da missão a singular individualidade do engenheiro Iglesias, bandeirante dos ares, geógrapho, typo completo emfim de nauta e explorador, era de prever um largo successo no terreno concreto da verdade. O

desejo dessa victoria seria o do povo, melhor, da raça hespanhola.

O capitão Iglesias encarnava a figura representativa desse desejo. Significava o anceio vivo de alguns milhões de criaturas; symbolizava a alma da gloriosa nação que andou, de braço dado ao pequenino e formidavel Portugal, completando a cartographia do globo. E' o espirito sonhador da patria de Ibanez e Unamuno reflorindo na imaginação de Iglesias, o audaz argonauta das nuvens. A cavallaria do oceano de Ojeda, Pinzon e Ponce de Leon se transforma nas montadas do devassador dos problemas scientificos. Não mais o imperialismo territorial, sim o imperialismo da sabedoria.

As paginas memoraveis que a missão Iglesias vinha escrevendo no palimpsesto amazonico, apagando hoje o que hontem se gravára, remarcaria o rejuvenescimento dum povo que não deseja ser apenas poderoso, forte, rico pelas armas e sim tambem pelo pensamento, pela meditação, que resolve e decifra os theoremas. Reproduzir-se-ia depois de seculo e meio na Amazonia, o que se deu no Paraguay com o capitão Felix de Azara, que, vindo numa simples commissão de limites, voltou á patria coberto de laureis conquistados nas paginas das *Viagens pela America Meridional,* obra cheia de sabedoria, e que é citada pelos maiores naturalistas da terra.

A melhor prova da armadura em que se abroquelava a missão Iglesias seria, de certo, o *Artabro*, a cujo bordo os expedicionarios cortavam o Atlantico para depois subir a maior corda fluvial do orbe. Navio em forma de hiate, todo de aço, de uma só helice, consoante a experiencia dos nossos *gaiolas*, é uma joia de architectura naval hespanhola. Mede entre perpendiculares, 52 metros e 20; bocca, 10 metros e 80; cala, carregado, 2 metros; desloca 800 toneladas; velocidade, 9 nós; raio de acção, 3.000 milhas. Carrega dois botes automoveis para 34 pessoas cada um; dois botes a remo com apparelhamento de velas; cinco embarcações miudas e mais duas balsas *Carley* para 25 pessoas. Tem o *Artabro* a bordo, como as montanhas nos flancos, todos os climas.

Por intermedio de correntes frias, geradas especialmente, os refeitorios, a casa das machinas, o alojamento dos officiaes, o rancho e os paióes registam o calor conveniente. Avaliemos a delicia de uma temperatura entre 15 e 20 graus em plena faixa equatorial. Télas millimetricas nas portas de tambor e nas vigias evitam o carapanã. A agua, mesmo destinada ao serviço sanitario, é filtrada. Uma onda supersonica, sob a quilha, regista as alterações bathymetricas desde meio metro até 500. De machinismo turbo-electrico, suas installações Diesel são identicas ás do gigantesco transatlantico *Normandie*. O machinista não é

quem faz andar avante ou a ré o navio, mas o proprio commandante.

O telegrapho que hoje se usa no passadiço das embarcações para ordenar ao mecanico que toque atrás ou pare, está ligado ao propulsor, de sorte que o capitão ou official em manobra, não ordena esta ou aquella medida, executa-a logo como se fosse o machinista de quarto. Conduz ainda o *Artabro* uma caldeira a vapor destinada a queimar lenha nos portos em que demora. A ré carrega um guindaste apropriado a levantar os hydro-aviões dos expedicionarios, que são dois; a meia nau, outro guindaste para o serviço de carga. Todo o talhamar foi construido de forma a poder quebrar gelo nos mares frios, o que indica futuras expedições polares.

Eis em linhas geraes o *Artabro*. Esta pequena maravilha naval espanta os proprios technicos pela maneira por que os constructores aproveitaram o espaço mettendo numa área reduzida um mundo de machinas, dois hydroplanos, onze embarcações miudas, fóra instrumentos, combustivel, armas, etc. A maior projecção scientifica da missão Iglesias seria a geographica; pretendia assignalar o manadeiro do Orenoco, e rectificar, em caso de erro, as nascentes do Amazonas. Além disso, almejava o proposito de estudar a meteorologia, o magnetismo, a geologia, a mineralogia, a botanica, a zoologia, a therapeutica indigena, os dipterios

hematogafos, os venenos selvagens, o paludismo, a tripanosomiasis, a dermatologia, a ethnographia e a anthropologia. Trazia, para isso, pessoal habilitado.

Como se vê, o grupo explorador visava apenas a sciencia. Tocaria em Belém, Manaus, Teffé e Iquitos, entrando no Içá e outros rios. O valor do capitão Iglesias, a sua clara intelligencia, o seu amor aos aspectos scientificos e aos problemas de interesse universal, assignalariam, nos tres annos de estudos dentro do amphitheatro amazonico, uma era memoravel. São os seus attributos, por nós já conhecidos, que nos levam a estes corollarios de viva confiança.

Infelizmente o communismo conflagrou a nobre patria do Cid, impedindo que a expedição Iglesias desvendasse, nas aguas e nas terras de varias nações que se debruçam na grande bacia mediterranea, problemas e enigmas que ainda continuam lacrados para a sciencia.

XXIX

CONTRASTES MARAJOÁRAS

Um lado da ilha de Marajó é das gramineas e o outro das nymphéas. Da canarana, que médra deste lado em qualquer baixada, deixando ver-se em véus verde-cinza, á victoria-regia, que mẽdra do outro, em familias de charões verde-glauco, floridas de branco numa noite e roseo na seguinte, a vegetação se polariza nos typos de terra arenosa e arida e nos typos de terra gorda e humosa, deixando claro, no exame que o olho educado na botanica fizer, que as plantas de um litoral são differentes das do outro. Mesmo o perfil do homem vaqueiro do lado do oriente, costumado á sella, denunciando ethnicamente o aruã, mais vivo, mais intelligente que o mesmo aruã afeito ao banco da canôa e ao remo da orla contraria — transmitte o colorido variado das raças que, á sombra protectora da flora, soffreram o mais cruel captiveiro.

Escravizado por uma liturgia que o selvagem suppunha festiva, sem inquirir jamais do traço

subjectivo do culto, que elle não podia entender, já pela differença de linguagem, já pelos mysterios dos ritos, logo que lhe pesava o ergastulo fugia deixando o vacuo da falta do braço, que embora revel e irregular, sem a disciplina do homem civilizado, ainda assim fazia falta pela absoluta ausencia do trabalhador rural que cuidasse das roças, dos engenhos, dos rebanhos. Os missionarios sempre tiveram as mais fundas desillusões com os selvicolas porque viam errada a approximação do indio, attrahido apenas pela abundancia alimentar dos mosteiros rudes e do tom alegre dos sinos, dos canticos, das dansas, e da propria cerimonia da missa, que seu espirito barbaro nunca penetrou religiosamente, senão como um acto commum de movimento social.

Se a divindade entre os povos cultos age mais pelo terror que pela fé, existindo sujeitos que só falam em Deus e nos Santos quando surprehendidos pelas tempestades, pelos trovões e pelas faiscas electricas, com muito mais razões entre os selvagens. Só a manifestação violenta dos elementos que fulminam uma arvore, descobrem a maloca, carbonisam um animal, destroçam uma flotilha, valia para o aborigene como um ser superior. O Deus manso, que faz milagres demorados, sem a prova sinistra do fogo, da agua ou do vento desencadeados no instante, sempre foi incomprehendido pelo homem criado no meio da Natureza,

afeito á defesa dos mais imprevistos inimigos, costumado a não se expor nos mais simples actos da existencia. No andar, no remar, no falar, no caçar, no pescar, possue os attributos que o defendem de qualquer surpreza, de tal modo elle é silencioso. Mal se ouvem as suas passadas, o seu jacuman, o seu murmurio, a sua batida á embiára, em terra e na agua. Tão discreto, que se preoccupa sempre com a direcção da brisa, não vá levar-lhe a voz que o descobrirá.

XXX

JOÃO LUCIO DE AZEVEDO

Já lá vão alguns annos, telegrammas de Portugal nos deram a triste nova do fallecimento de João Lucio de Azevedo, o maior historiador que o Pará já teve e um dos tres Joãos que faziam parte da firma A. Berneaud & Cia., desta praça. Os outros dois chamavam-se João Affonso e João Borges. Prosador da mais alta linhagem, estheta de remarcados preceitos, João Lucio não entretinha contacto com as correntes literarias da nação que o hospedára. Foi um mimoso solitario da Fortuna. Sua prosa cheia de belleza, gemea da illustração, tinha o fascinio das letras de cambio, tão corrente e bem acolhida se apresentava aos eleitos do Senhor. Só os artistas e os eruditos lhe podem apreciar os rythmos verbaes e o lampejo da cultura. Estylo sonoro, musical, attinge por vezes aquella grandeza symphonica e orchestral do orgão no côro das igrejas.

O Paiz da Cannela, como por vezes elle proprio classificava o verde amphitheatro amazonico, repetindo o falar ingenuo dos chronistas dos seculos XVI e XVII, infiltrou-lhe, além dessa sensibilidade chromatica, melodiosa e reboante na descriptiva, a theoria dos aromas silvestres que se respiram nas suas paginas perfumadas a baunilha e a cravo, a cumarú e a pau-rosa. Entretanto, faltou-lhe, de certo, o segredo nativo de Porto Seguro, desse querido e patriotico Varnhagem, para augmentar e requintar as historicas essencias de seu uso com as resinas, os balsamos, os musgos, os trevos, as raizes, os leites, os breus, os cipós, as cascas de que se servia o autor da *Historia Geral do Brasil.* Na ambiencia paraense em que desenvolveu a sua mentalidade dir-se-ia lhe terem falhado alguns segredos da Natureza.

Não foi, pois, um adaptado integral, capaz de esquecer a paisagem e os symbolos lusitanos pelas allegorias e o folk-lore do povo que o acolhera. Por isso os seus deuses eram mythologicamente estrangeiros, oriundos do Olympo grego ou romano, com o emblema adventicio das fabulas immemoriaes. A nossa lenda, restricta ao Novo Mundo, envolta na theogonia autochtone, cujos deuses nús não sabem ainda se coroar de rosas ou roçagar o manto de seda, desencantava-se na fantasia ibera de João Lucio. Vindo mocinho para este recanto do continente, não lhe succedeu o mesmo que suc-

cedera ao padre Antonio Vieira que, trazido criança para a Bahia, fez a sua ambiencia literaria no berço de Ruy, sendo um classico portuguez em moldes americanos, emquanto que João Lucio era um classico brasileiro em moldes europeus. Desde os primeiros trabalhos na imprensa de Belém, que a sua organização fôra attrahida pela historia. Esmerilhava os seculos passados, restabelecia a mascara ethnica dos povos, alargava os horizontes anthropogeographicos e ajustava os pontos capitaes dessa curiosa geographia de Ratzel.

Quem lhe balanceia a obra desde os *Estudos da Historia Paraense* até os seus grandes livros *Os Jesuitas no Grão-Pará* e *O Marquez de Pombal e a sua Época*, verifica o evoluir do seu espirito, a ascensão de sua intelligencia, a força com que a perfectibilidade alargava a copa daquella arvore literaria para a meditação e a pesquisa. Apesar das minudencias com que estudou a politica e os negocios da Companhia de Jesus aqui, foi um indifferente á planicie. Do seu talento literario nos restam alguns livros, mas da sua actividade commercial de armador e banqueiro não ha uma lembrança que lhe atteste a passagem, o vestigio, a sombra sequer. A fortuna que adquiriu levou-a para esse famoso *jardim á beira-mar plantado.* Recapitulando o poder de suas imagens e a formosura verbal de sua narrativa, estrellada como uma noite escura do Equador, rememoro-lhe tambem a psycho-

se, a palestra, a inquietação, a ansia de abandonar a plaga que lhe encheu a arca de ouro e o cerebro de sabedoria. Tinha-se a impressão, quando se lhe ouvia a conversa distrahida, os monossyllabos fulminantes, de que a sua estada á margem da bahia de Guajará equivalia a um desterro. Mostrava-se um expatriado ancioso por volver ás rechãs da outra banda do mar, onde Camões imprimira os *Lusiadas,* idealizando a ilha dos Amores. A saudade, aberta em letras commovidas e magneticas, andava-lhe escripta no coração.

Com elle falei, com elle troquei idéas, com elle ventilei pontos obscuros da nossa geographia. Socio de uma grande casa armadora de Belém, á travessa Marquez de Pombal, commandei varios navios dessa frota magnifica. Ao tempo — só hoje ligo as linhas desse livro em ebulição — já lhe trabalhava no cerebro o assumpto que havia de florescer pomposamente n' *Os Jesuitas no Grão--Pará.*

Qualquer cousa da hinterlandia constituia para elle motivo de mil perguntas, isto numa época em que eu não escrevera ainda uma linha para jornal. Mal me distinguia a entrar nos armazens da firma, chegava-se logo a mim e ia puxando conversa sobre flora, sobre fauna, sobre aguas, sobre igapós, sobre lendas, como se a minha pessoa fosse um tomo vivo de consultas. Isto com tanta insistencia e tanta demora que um dia o chefe do

trafego da Casa, João Borges, antigo capitão de navios a vela, veiu ter onde nós estavamos, e, de physionomia sisuda, perguntou-me se já assignara o expediente (estava eu de partida no *Rio Afuá*). Quem respondeu foi João Lucio: "Elle vae assignar já". Ao que retrucou João Borges: "Não sei que prazer vocês têm em conversar besteiras".

As besteiras que o velho mareante ouvia, eram mais ou menos estas: "Então o bôto tucuxy auxilia os naufragos, levando-os para terra?". "Você acha que o Tocantins não é affluente do Amazonas?". E outras mil perguntas de caracter faunistico, botanico e geographico, desapparecimento de ilhas, *sacados* que se abriam, praias que se formavam.

Sobre o delta do Amazonas, certa occasião, perdemos horas. A cada resposta minha elle tinha sempre um argumento contrario, que me atrapalhava ás vezes as definições, os corollarios descriptivos, obrigando-me a novos exemplos, a mais fortes surtos de raciocinio. Só depois percebi que elle não conversava com o commandante dos seus navios, mas com a testemunha visual dos phenomenos amazonicos. O que o seu espirito desejava, na troca de idéas, era apenas o meu depoimento. Ouvia-me como se ouve um viajante que traz noticias do outro hemispherio, que vem da India, da China, da Africa, abarrotado de novidades.

Quando porventura eu lhe tocava em pontos alheios ao seu inquerito, logo atalhava com esta phrase: "Só me interessam as cousas do sertão", como chamava á hinterlandia. Hoje, que tudo se me aclara quando o evoco, é que lhe percebo a penetrante argucia no indagar de certos problemas. Escutava-me sem duvida sobre cousas da Amazonia como quem escuta um technico, ou, mais rudemente: como Apelles escutava o sapateiro no assumpto botas.

XXXI

LENDA E TRADIÇÃO NOS MERCADOS

Quem percorre o Brasil, de norte a sul, e vae visitando um por um dos mercados das metropoles patricias, ao chegar a Belém fica assombrado com a abundancia de fructas. Ha realmente logares, como por exemplo Manáus, em que se vê grande quantidade de pomos, porém limitada á laranja, á banana, ao abacaxi. Fóra disso póde-se encontrar alli alguns finos e delicados, todavia em numero reduzido. Em Belém todas as fructas da planicie, acclimadas e nativas, são abundantes, capazes de abastecer esquadras, de serem vendidas ás toneladas.

Desde o bacury, dádiva celeste, até aos taperebás, ás tangerinas, aos uxís, aos umarís, ás sapotilhas, aos ananazes, ás bananas, ás mangas, aos abacates, aos mamões, ás laranjas, aos araçás, aos abricós, ás jacas, aos cupuassús, ás pupunhas, aos abius, ás melancias, aos cajús, aos melões, ás goiabas, aos assahys e ás bacabas, os varios mercados

da capital andam entulhados delles. Parece incrivel que se consuma tanta fructa, pois os aparadores publicos permanecem repletos dessas joias botanicas oriundas das *rocinhas* da cidade e dos *sitios* dos arredores. Os frugiveros aqui podem viver como no Eden vivia nossa mãe Eva e nosso pai Adão. E se, como é provavel, não encontrarem a maçã, é só substituirem-na pela sapotilha, que ainda ganham na troca.

Ao lado, porém, desta multiplicidade de fructos, os nossos mercados se destacam, principalmente o Municipal, de Belém, pela multidão de bichos. Junto do macaco, do tucano, da paca, do mussuan, do perú, da jacamim, encontram-se a giboia, o periquito, a tartaruga, o bemtevi, a garça, o mergulhão, o tatú, que sei eu? O sujeito que começar a ver e a tomar nota daquella pittoresca fauna presa fica admirado da variedade de animaes. E' o paraiso amazonico offerecendo-se em revista.

Entretanto, não finda ahi a nossa riqueza. Entremeando a fructa e o bicho reponta a flora em seus milhares de aspectos. O pau, a folha, a raiz, o tuberculo, o cipó, a casca, a resina, a cêra, o oleo, o espinho, o leite, o ámago, a essencia, a fava, a amendoa, a fibra, a palha, tornam os nossos mercados valiosas succursaes das casas de pagés. Havia mesmo dentro dos seus muros, cathedratico nessa especialidade, formado em botanica, o dr. Raiz, peso pesado em toxicos, em aphrodisiacos,

em entorpecentes, em plantas que attraem, em ervas que repellem, em gramineas que derreiam. Nem Martius, nem Spruce, nem Barbosa Rodrigues, nem Huber conheciam tanto pau, tanto caroço, tanto *liber*, tanta liana, tanta fibra, tanto cipó como esse conceituado Dr. Raiz, que fechava as feridas, levantava as espinhelas, abaixava os calombos, sarava as fistulas, recolhia as hernias. Bastava um raminho, uma gotta, um fiapo, uma folha.

Qualquer naturalista que venha dos centros mais cultos do mundo, se tiver um cicerone que faça o que fez, no Rio, Baptista Pereira, com Kipling, não precisa entrar na floresta para conhecer, além da flora e da fauna, todos os mysterios, todos os segredos, todos os deuses, todos os rumores, isto é, o proprio folk-lore nas suas multiplas bellezas. Os mercados paraenses, por entre as maiores preciosidades, não mostram apenas o que se vê, mas o que se deduz. Uma cuia conta uma lenda, uma tala sopra uma historia, uma casca narra um episodio, uma flôr refere um drama.

No mercado chamado de ferro, que é o do peixe e dos mariscos, avulta uma variedade ichthyologica capaz de fornecer elementos climaticos, geologicos, hydricos, tanto pela côr como pelo feitio, pela maneira de viver e pela maneira de ser pescado. Assim o méro, o filhote, a gurijuba, a tainha, o tucunaré, a piramutaba, o mandubé, o jandiá, o

mapará, o aviú, o caranguejo, o camarão, a ostra, o caramujo, apesar de amontoados alli para a venda diaria, contam cada qual a sua desgraça e a sua felicidade. Toda a tradição porventura narrada no livro de barro marajoára, ou nas inscripções rupestres das itacoatiaras, aflora das cousas que se vendem nos mercados do Pará. Só na familia dos chelonios, do pequenino mussuam á grande tartaruga, quanta cousa nos costumes desses animaes e nos habitos do homem para apanhal-os, comel-os e conservar-lhes a carapaça.

O curió, o bicudo, a patativa, o yrapurú, cantores alados envolvidos na chronica alegre dos sêres da planicie, representam anecdotas, fabulas, tradições, tão pittorescas, tão do genio da população paraense, que prendem o espirito mais duro e grave. Não finda nisto porém a cultura que nos trazem os nossos mercados, fóra do alimento que nos proporcionam. Ao lado da gaiola, do abano, do chapeu, da gurupema, do paneiro, os entorpecentes e os venenos dizem cousas maravilhosas na industria, na pesca e na historia.

Quando chegar aqui um homem estrangeiro, que pretenda saber, nada de excursões ao bosque, nada de viagens a Marajó, nada de itinerarios ao reino das icamiabas. Levem-no aos mercados, mostrem-lhe um jaboty, e contem-lhe como esse malandro foi á festa no céu carregado por um uru-

bú. Aquelles quadradinhos do casco são o melhor documento da quéda e valem pelo concerto que a mãe dos bichos fez na carapaça dessa nossa raposa...

XXXII

FABULARIO EM MARCHA

Apesar do Brasil ter sido chamado a terra dos papagaios, e a Amazonia repontar num reino faunistico dos mais importantes do orbe, o nosso fabulario é mofino. Poucos bichos falam de maneira a se lhes prestar a devida attenção. O jaboty é um delles. Não só fala como ensina, como intriga, como logra. Sobrepuja na carreira o veado, na força a anta, na agilidade a onça, na intelligencia a raposa. Habita a terra-firme, no seio da floresta, onde come e scisma sem grandes pezares nem grandes alegrias. Humilde por natureza, não apresenta differença entre o estado silvestre e o estado domestico; apanhado pelo caçador, seu *genio* continua resignado, afeito como sempre foi aos azares da sorte. Da familia dos chelonios, é o unico sem duvida que não sendo amphibio, náda galhardamente e não se aperta nos naufragios.

Todos os lances da sua existencia mais ou menos pittoresca remarcam-se-lhe á sombra augusta

das arvores fructiferas: castanheiros, taperebazeiros, jutahizeiros. Padrão dessa finura que já o levou ao céu na costa do urubú, os especialistas documentam-lhe a ascensão cerulea pelos remendos na carapaça, toda dividida em quadrinhos amarellos, signaes evidentes da desventura. Volvia, contam os antigos, duma farra no Paraiso quando o urubú, meio tonto, o deixou cahir lastimavelmente em terra. Espatifou-se-lhe o casco em pedacinhos. Por felicidade a *mãe dos bichos,* que passava na occasião, tudo concertou. E' possivel que outros animaes julguem exaggerada a influencia do jaboty na planicie. Mas não é. Pau para toda obra, assim que um recemnascido principia a choramingar, arranjam um jabotyzinho do tamanho duma concha de mão, e mettem-no com a criança na banheira. Dentro de poucos dias verifica-se a transformação do bébé, que passa a ser uma flôr: calado, quieto, manso como o companheiro.

Os criticos só lhe conhecem uma falha: o medo do taperebazeiro; porque este pau, aliás sem formiga, quando quebra não apodrece, antes enraiza, grela e floresce de novo, retendo tentacularmente o prisioneiro que lhe ficou debaixo dos galhos. No terreiro das malocas, se não dos *sitios* e vivendas do caboclo meio civilizado, esse chelonio não chega para as encommendas. Os *curumins* não o largam e os machacazes fazem delle banco. A femea, jabota, muito saborosa e apreciada na ali-

mentação indigena, tem um figado de se louvar a Deus; apenas antes de a matarem, atiram-na tres vezes ao ar afim de que a viscera se dilate. O carumbé, que é o macho em toda a plenitude, apesar de não exceder a cincoenta centimetros, revela uma força respeitavel, pois carrega na costa, a andar, um homem de oitenta kilos.

E como a fabula não se escreve para cogitações demoradas, e sim para irradiar num lampejo a summula dos acontecimentos, nenhum bicho como o jaboty espalhou, nestas rechãs ensolaradas, conceitos mais severos e reaes. Lento, pacifico, resignado, possue um caracter semelhante ao do tapuio. Come quando pode, marcha quando é possivel e bebe quando o Senhor é servido. Fatalista por indole, não força a mão para avante ou para trás. "O que é nosso está guardado", lá diz elle confortadoramente.

Desde Esopo a Lafontaine que a fabula possue o dom singular do aviso. Em muitos perigos mal desenhados no horizonte, os monologos do jaboty, os seus dialogos, os seus conselhos, as suas sentenças lembram erros politicos, religiosos, commerciaes, artisticos. Verdadeiro e mesmo extraordinario, é natural que lhe repontem das allegorias ditos axiomaticos dignos de exame.

Os vagos fabulistas amazonicos ainda não exploraram em massa as virtudes e os vicios zoologicos de fórma a applical-os vantajosamente á tur-

ba malta; do proprio jaboty mal tiraram mofinos paradoxos adaptaveis ao theatro realista da humanidade. Entretanto a numerosa fauna destas plagas, posta a falar, reportaria a vida presente ás épocas em que os animaes trocavam idéas; e, mais do que isso, talvez: envolviam-se radiosamente nos mythos solares, como a anta e o jaboty, aquella na figura de Venus e este na figura do Sol. E' do presumptivo percurso sideral dos dois que se vê o tapir enterrando o kágado nas quadras em que a Papaceia surge á bocca da noite, acontecendo o contrario quando a estrella d'Alva desaparece ao romper da aurora.

Hartt, que estudou o nosso fabulario com aquelle carinho do homem de sciencia, narra, no VI *Volume dos Archivos do Museu Nacional,* os seus processos subtis afim de escutar do tapuio humilde, canoeiro, remeiro ou pescador, as historias roceiras do valle. Qualquer viajante que trafegue dos confins cizandinos ao estuário, sem a preoccupação visivel de arrancar a lenda do caboclo, obtem delle a narrativa pittoresca e fica sabendo, atravez do folk-lore, peripecias da vida dos animaes, do que gostam, como amam e como criam os filhos. A simplicidade verbal do tapuio reflecte-se na prosa fiel de Frederico Hartt.

Na aposta do jaboty com o veado, para ver qual dos dois chega primeiro, reponta uma singeleza que interessa logo os mais alheios a episo-

dios dessa ordem. A proposito das onças mortas pelo kágado, o sabio americano constata que as duas referencias da fabula parecem ter a mesma significação astronomica. "Na primeira parte o sol descamba para o occaso, surgindo outra vez illeso, porém a lua, intentando seguir o exemplo, é extincta". Embora saibamos que estes mythos solares vieram de longe, na retentiva e na memoria dos povos que invadiram a Amazonia, a verdade é que o caboclo paraense é um enamorado quasi mystico do firmamento. O céu estrellado em noites altas e profundas, merece-lhe a deferencia, attrae-lhe a vista, magnetisa-o e domina-o. Surgem assim dessa encantada contemplação os parallelos entre astros e quadrupedes, entre cometas e aves, entre estrellas e aranhas, entre via-lacteas e rios.

Sente-se, no entanto, que a nossa variada fauna ainda não fala como era de esperar de bichos tão matreiros. Um ou outro animal mais *sahido* diz cousas aproveitaveis ás carapuças, sem todavia conseguir aquelle epigramma destruidor e fulminante dos bons tempos de Phedro. E' que a fabula entre nós marcha devagar. Plaga resplandescente de deuses autochtones, de lendas maravilhosas, de mysterios estonteantes, falta-lhe talvez os grandes psychologos, capazes de levantar, pelos habitos, pelos caracteres, pelas physionomias faunisticas uma escola em que os bichos se adestrem a discutir, a sentenciar, a dizer, emfim, o que pensam a

respeito da verdade e da mentira de modo que os homens apprendam e se guiem pelos apologos, pelas parabolas, pelas allegorias, pelos symbolos, pelas maximas decorrentes da lingua de ouro dum pirarucú ou dum carachué. Foi-se aquelle estribilho mecanico da conquista, em que se ouvia de aves analphabetas, este refrão: "Quem passa, meu louro? E' o rei que vae á caça". Ha urgencia pois não só de bichos letrados como de bichos philosophos, que ensinem a multidão a atravessar a vida por entre conceitos moralistas apprendidos na busca do melhor fructo, do melhor capim, da melhor erva, da melhor comida, em summa. Mesmo as verdades crueis não doem, segundo os especialistas, quando concorrem para elucidar as massas. Calcule-se o que não sahiria dum dialogo entre o peixeboi e o puraqué, ou duma péga entre o macaco e a cotia, ou ainda de um arranca rabo entre a piranha e o tatú. Ponhamos por isso o nosso fabulario em marcha. Que surjam os apologos luminosos, com a nota moralista da fabula, afim de que a gente saiba por miudo de todos os phenomenos da vida.

XXXIII

OS MONDONGOS

Quem lê a ilha de Marajó no original, que é como quem diz auscultando-a *in loco*, levantando-lhe emfim o véu mysterioso de todas as provincias da Historia Natural, tem, por vezes, espantos com certas designações, com certos vocabulos, com certas expressões alli reinantes. Tal é o caso do *Mondongo*. Em nenhum ponto do amphitheatro amazonico, do mar aos lindes peruanos, do Systema Brasileiro ao Systema Guyanense, se encontra semelhante palavra para definir o alagadiço ,a baixada, o charco, a terra ensopada e em floração nova, onde habitem os reptis e as aves aquaticas — senão alli. O tupi, nas suas innumeras modalidades verbaes, possue para designar a floresta alagada o termo *igapó*, usado em todos os quadrantes da planicie onde se fale a lingua dos nossos maiores; e para os pantanos que se vão transformando em restingas, com a ajuda do sol e das plantas aquaticas, a designação de *pirisaes*, que é a

gleba mal recoberta ainda de vegetaes palustres, desde o *piri*, que dá o nome á zona, até a seriúba da marema atlantica, com escalas pela canarana, pelo mangue, pelo aturiá, fóra as mongubas que os cercam como um friso alto de copas verdes.

O vocabulo *mondongo* apenas se ouve em Marajó, e isso mesmo para determinar o seu quadrante noroeste, que é o sector mais baixo da ilha, derradeiro lance da terra surgida dos pélagos. Como repontou semelhante denominação extranha áquelle recanto, meio cosmico e de aspecto sombrio? Segredo. Primeiro a julguei oriunda do continente negro, tanto me parecera semelhante a camondongo, a mocambo e a outras sonoras expressões africanas. E muito embora certo de que não era tupi, tal a resonancia agreste do vocabulo, procurei-a nos glossarios dessa lingua. Theodoro Sampaio, Stradelli, padre Carlos Teschauer S. J., José Verissimo, não mencionam. Vicente Chermont de Miranda, Bernardino José de Souza registam-na, sem comtudo a definirem. Abrindo-se, porém, o *Diccionario* de frei Domingos Vieira, lá se encontra o seguinte: "Mondongo. S. M. Miudos de rez de porco". Como se vê, é portuguez authentico.

Apenas, consoante succede a innumeros vocabulos, por influencia não só da semantica mas do ambiente, a parabola glottica alterou-lhe aqui a definição, talvez por uma forte analogia entre os miudos do porco e os miudos da terra, que são

aquelles banburraés marajoáras. Porque, de facto, os mondongos lembram em realidade as visceras da gleba expostas ao sol. A palavra veiu, indiscutivelmente, na lingua dos primeiros conquistadores lusos, porqueiros e bucheiros dos conventos de além mar, que povoaram o farelhão no seculo XVII. Com a projecção dos rebanhos do lado oriental para a outra banda da ilha, onde a canarana que tanto attrae o gado medrava e medra, os fazendeiros foram forçados a ver, a meditar e a classificar aquelle trecho mal sahido dos pélagos.

Sem o segredo lexico da *lingua geral*, falada no valle, e querendo talvez dar ideia da estancia rustica daquelles pontos perturbados, chaóticos, mal definidos ainda á face do orbe, visto como, sem serem mais rio ou lago, tambem não eram terra ainda — baptisaram-na de *mondongos*. Entretanto é bom insistir, a designação permaneceu na ilha apenas. Nem no Baixo Amazonas nem no Alto se a houve applicar pelo caboclo para substituir o *pirisal* ou o *igapó*. A expressão parou e morreu em Marajó, e isso mesmo num quadrante — o de noroeste. E' natural, pois, que os homens dagora, obstinados em repor as cousas nos seus devidos logares e termos, esmerilhem nas chronicas daquellas éras as palavras que nestes dias afloram como enteadas do nosso linguajar brasileiro, todo mesclado de significações que cantam aos nossos ouvidos tapuios.

XXXIV

HOLLANDEZ, PEDRA-POMES E CAVALLO

Por uma fatalidade historica desdobrada em varios pontos do Brasil, aquillo que succedeu no Amazonas a respeito dos hollandezes, succedeu no Pará tambem. As grandes tribus aborigenes, de renome e de prestigio, tanto no alto da planicie como na foz do Rio-Mar estiveram francamente contra os lusos e ao lado da gente egressa dos Paizes Baixos, adivinhando talvez no batavo aquella bravura e aquelle fogo do almirante Tromp quando este içou no mastro do traquete de suas naus uma vassoura como symbolo da limpeza com que havia varrido dos mares a armada ingleza. O hollandez attrahia o selvagem brasileiro por essas affinidades de audacia e ainda de nomadismo, mas, no fundo inconsciente das raças, pela origem lacustre.

De parte o clima, a bruma do norte, as duas terras novas são identicas e veem surgindo, á vista de ambos os povos, do seio pagão das aguas. A

verdade é que Ajuricaba e sua gente estiveram no Amazonas ao lado delles na lucta contra o ibero. No Pará, embora se tenha perdido o nome do tuchaua que animava, dominava e arrastava os aruãs contra os conquistadores originarios da Peninsula, o facto positivo é que esta formidavel nação indigena andou de mãos dadas aos hollandezes contra os lusos. O bloqueio continental da Europa, concretizado na invasão de Junot em Portugal e consequente fuga de D. João VI para o Brasil, determinou, depois da chegada do principe na America, a incursão á guyana Franceza, e, pois, uma certa *revanche* ao despotismo de Napoleão materializada na posse de Cayenna, que, depois de tomada, levou nove annos em poder do marido de Carlota Joaquina.

Em virtude desse golpe de força extenderam-se sentinellas e batalhões por onde houvesse possibilidade de uma reacção de Bonaparte, impotente no caso devido aos cruzeiros inglezes. Em Chaves, durante esses nove annos de posse de Cayenna, permaneceram regimentos aquartelados, promptos no acudir de qualquer movimento de hostilidade ou de reivindicação do corso francez, embora a atitude lusa não fosse imperialista, mas, apenas, como depois se evidenciou, apropriada ás negociações de paz futura, quando se tivesse de trocar esta por aquella presa. O logar, em Chaves, em que se achavam esses quarteis, bem como a primi-

tiva igreja e ruas inteiras de casas, jaz ao largo do porto, afundado pela erosão da onda e do vento, de tal modo o vagalhão e o aliseo solapam e roem a terra, para onde erradamente se pretendia mudar a capital paraense.

Entretanto, existiam certos phenomenos nos lindes ribeirinhos da cidade que acode hoje pelo nome de S. Antonio de Aruãs, que causavam estranheza, obrigando os moradores a pensarem no caso. Era commum nesse tempo se encontrar boiando no litoral daquella *urbs* grande quantidade de pedra pomes, sem que ninguem soubesse explicar de onde vinham, visto na Amazonia, e até mesmo no Brasil, não haver noticias de vulcão em actividade. Somente depois, com a chegada dos exploradores egressos dos páramos andinos, se explicou a razão daquella pedra na foz do Amazonas: ella originava-se do alto Putumaio, onde as crateras da Colombia vomitavam nos rios que desaguam na *montaña* turbilhões de lava, de detricto, de escória, que vinham rio abaixo parar e encostar na praia com o fluxo da maré atlantica. Alguns navegantes que volviam das encostas cisandinas narravam o facto, contando como a corrente do Içá-Putumaio se perturbára de lama e enxofre por dias seguidos.

Em 1820, ha um seculo e tanto, pois, custava um boi em Chaves 4$000; uma vacca 2$000; um cavallo manso, 4$000; um potro, 1$600; e uma

egua, de $640 a 1$000, tal foi a abundancia cavallar alli de cem annos para trás. Disso resultou matar-se em Marajó, só para extrahir-se o couro, milhares e milhares de animaes. Proveiu, então, uma peste horrivel na cavallaria da ilha, que havia attingido a um milhão de animaes. O quebra-bunda devastava os rebanhos, quer nas manadas rusticas, que viviam livres nos pastos agrestes, quer no animal de sella, domestico, com forragem especial nos estabulos mais ou menos grosseiros. Desde esse tempo nunca mais medrou, como antigamente, a raça cavallar em Marajó. Vem dahi, pois, o boi-cavallo, o boi de sella nas grandes caminhadas. Não só o bovino é mais resistente e commodo, pelo vagar, como ainda imposto em virtude do cavallo ter quasi desapparecido com a peste.

XXXV

A POROROCA

Antigamente a agua era serena, quiéta, mansa. As canôas a vela e a remo navegavam sem o menor perigo. A Mãe d'Agua morava com a filha mais velha, a Bahia de Marajó, casada com o bôto Tucuxy. Uma noite, na occasião da janta, ouviram-se gritos no terreiro; os cães latiram, as gallinhas cocorocaram. O que é, o que não é? Tinham furtado a *Jacy*, canôa de estimação da familia. Depois de haverem remexido céus e terra, sem encontrar a veleira, a Mãe d'Agua convocou todos os filhos: Repiquete, Correnteza, Estoque, Rebojo, Remanso, Vazante, Enchente, Maré Morta, Maré Viva. Tratava-se de metterem a pique a embarcação desapparecida.

Lavrada a sentença, passaram-se annos sem que a *Jacy* fosse encontrada. Ninguem a via. Por certo se achava escondida em logar onde não chegavam aquellas forças dynamicas da Natureza. Chamaram-se então todas as figuras domesticas,

além das já convocadas, para um grande conselho. Reunida a tribu, na qual surgiram parentes longinquos, taes os lagos, lagôas, igapós, igarapés, *sacados,* rios, barras, bahias, sangradouros, enseadas, angras, rádas, golfos, fozes, canaes, estreitos, paranás, corregos, poções, peráus, foi discutido o caso, ficando provado ser necessario criar um elemento mais poderoso além dos que já existiam e que fosse, algumas vezes no anno, procurar a canôa furtada.

O marido da Bahia do Marajó lembrou-se de fazerem a pororóca, umas tres ou quatro vagas fortes, que entrassem por quanto buraco do litoral houvesse nas redondezas e fossem quebrando, derrubando, escangalhando, naufragando, espatifando tudo encontrado ao largo e pelas beiradas, até destruir a *Jacy* e o ladrão que a levara. Ficou então incumbida a cassula da Mãe d'Agua, a Maré de Lua, rapariga travêssa, namoradeira, dansadeira, brigadeira. E de repente, nas syzygias de equinocio, dos novi e plenilunios, meia duzia de vagalhões tremendos, empurrados pela formosa cunhantã, surgiram em certos logares, invadindo rios, repartindo ilhas, derrubando barrancos, afundando barcos, ameaçando *gaiolas* e afugentando paquetes. Era a pororóca. Mas sempre que a Maré de Lua vai ver a familia, na época das quadraturas, quando ella, cassula, está de folga, a conversa

é desanimadora. Ninguem sabe da *Jacy*. "Pois então continue arrasando tudo", diz a fungar damnado o bôto Tucuxy. E' por isso que a pororóca não se acaba.

XXXVI

VICENTE JOANES PINZON

Ao iniciar estes commentarios sobre a grande ilha da foz do Amazonas, logo me assaltou o desejo de verificar o motivo porque a designavam por Marajó e Joanes. Quanto ao primeiro, evidentemente tupi, não me foi difficil obter a origem atravez dos glossarios especialistas. Quanto porém ao segundo, que a principio se me afigurava facil, o caso fia mais fino, tal o mysterio que rodeia a designação. Alguns chronistas, que repetem como gramophones quanta asneira grossa se diz a proposito das cousas mais graves, alludem aos indios joanes, aldeados na antiga povoação desse nome. Entretanto, e como é sabido, toda Marajó e mui principalmente a banda oriental era habitada pelos aruãs, sendo que alguns historiadores falam numa tribu sacáca em Monforte, como tambem se chamou Joanes, onde tem hoje um pharol e é celebre por ter sido ahi que, pela primeira vez, desembarcou na ilha de Marajó o chefe dos jesuitas

Antonio Vieira. Indios com esse nome é que nunca existiram.

Topando eu com a baronia de Joanes, dada por Affonso VI e cassada por D. José, pensei estar na pista do facto, quando logo constatei que foi a ilha que deu nome á baronia e não o Barão á ilha. Depois deste lampejo de alegria na busca, voltou o caso ao tom sombrio do sigillo. Corri atrás dum 24 de junho, em virtude da ilha já se ter chamado de S. João, e saber eu que era praxe entre os navegadores, sobretudo latinos, assignalarem as descobertas com o nome do santo do dia. Nada, entretanto. O dia de S. João consigna em Manaus o principio da vazante e no alto Amazonas o tempo das friagens; no vasto farelhão marajoára remarca apenas as fogueiras tradicionaes do santo.

Pensei nalgum hollandez, porque a ilha esteve, num certo periodo, sob o dominio dos Paizes Baixos. Nada. Todos os navegantes daquelles idos em que a Hollanda varria os mares com as vassouras hasteadas no tope do traquete de suas náus, diluiam-se no drama das batalhas navaes entre a foz do Xingú e a foz do Araguary. As tomadas e retomadas de fortalezas e embarcações no estuario, entre a gente da *Occidental praia* e a gente dos nevoeiros e brumas do norte da Europa, não abriam brecha para se divisar um Joanes que botasse nas costas, novo Atlas americano, o grande bloco insular de Marajó. Até que me detive nes-

se Vicente Yanez Pinzon, que estivera na ilha antes de Cabral aportar o Brasil. Não poderia ser delle o nome? João Ribeiro chama-o de Vicente Janes Pinzon. Ora, de Janes para Joanes, falta apenas uma letra.

Continuei pois na batida, caçando um sujeito que devia ter sido o motivo da ilha se chamar Joanes. Berredo, Porto Seguro, Humboldt, Baena, João Ribeiro, Pigafetta, João Lucio, Ferreira Penna, Reclus, Couto de Magalhães, Rayol, Padre Vieira, Alves de Souza, Dejard de Mendonça, F. Denis, Gonçalves Dias, Aires do Cazal, Padre Simão de Vasconcellos, Adriano Jorge, Carlos Teschauer, S. J., Barbosa Rodrigues, José Verissimo, Paulino de Britto, Wallace, Raja Gabaglia, Inglez de Souza, Orville Derby, Spix, Olavo Nunes, David Peres, Humberto de Campos, Henrique Santa Rosa, Ignacio Moura, Theodoro Braga, Tavares Bastos, Paul Le Cointe, Martius, Barão Homem de Mello, Gastão Cruls, Carlos D. Fernandes, Acylino de Leão, Carlos de Vasconcellos, Vicente Chermont de Miranda, Jayme Aben-Athar, Lemos de Britto, Alexandre Rodrigues Ferreira, Frederico Hartt, Kratz, Huber, Goeldi, Orton, Ehrenreich, conego Bernardino de Souza, Wappeaus, Agnello Bittencourt, Silva Coutinho, Heliodoro de Britto, Santanna Marques, Ladislau Netto, Agassiz, Stradelli, La Condamine e muitos outros foram consultados, até que lendo a *Corographia Paraense*,

de Ignacio Acyoli Cerqueira e Silva, de 1833, pouco mais de um seculo atrás, se me deparou na Descripção Historica uma nota registada na pagina 165 intitulada Vicente Joanes Pinzon, referente á derrota desse navegador. Não estará aqui a chave da denominação de Joanes? Parece-me. E até que se esclareça melhor e se prove em contrario, eu fico por ella; isto é, que Joanes vem do seu primeiro descobridor Vicente Joanes Pinzon. Seja que Joanes represente uma corruptela de Ianez ou Janes e não Ianez, a verdade é que cem annos atrás se denominava Joanes ao descobridor da foz do Amazonas, e, pois, da ilha que ficou sendo Marajó ou Joanes.

XXXVII

PEIXE QUE MARCHA A RE'

O Paraiso da ichthyologia universal é a Amazonia, em cujas aguas Agassiz registou 2.000 peixes diversos, mais de que em todo o Atlantico e o duplo do existente no Mediterraneo. Assim, era natural que ahi se encontrasse o quasi fabuloso *gymnotus electricus,* chrismado no valle ensolarado e verde do Equador com o nome rebarbativo de puraqué. Constituido de materiaes identicos aos da pilha de Volta, á feição, pois, de baterias electricas transmissoras de choques violentos, capazes de abater os fructos das grandes arvores ribeirinhas e fulminar ainda os maiores animaes que porventura se arrisquem ás lagôas — o curioso especimen da nossa fauna potamica, parte integrante da familia das enguias, vive envolto num halo terrorista.

Humboldt narra, num surto dramatico, os episodios de uma pesca de puraqués feita no Orenoco por meio de cavalhada, e da qual varios des-

ses quadrupedes, aggredidos pelo *gymnotus electricus*, foram sacrificados immediatamente ao toque do peixe. Perigoso e temido, não ha desvão aquatico na bacia do nosso amphitheatro em que o monstro, mascarado de ophidio, não tenha feito victimas. Colorido num verde-azeitonado manchado de amarello, medindo cêrca de metro e meio ameaça, com o ligeiro retesamento muscular, quantas vidas se lhe aproximarem nas zonas lacustres, nos igapós, e nos igarapés.

A historia sinistra em torno delle, criando o pavor collectivo emmoldurado no folk-lore maravilhoso das lendas, é mais positiva que imaginaria, tão fataes são os casos constatados. Mas, apesar de suas raras caracteristicas physiologicas, vistas e examinadas pelos ichthyologistas e mesmo pelos sabios em geral, ha mais uma observada por mim nos aquarios e que se me afigura de todo o ponto original: é a faculdade que possue para dar avante e a ré como num barco a vapor. Trazendo por baixo do corpo, em direcção longitudinal, transparente membrana que se parece á quilha dum navio, assiste-se, atravez das caixas de vidro em que elle náda decorativamente nas salas da planicie, um exquisito movimento rotativo dessa membrana, movimento recordante das grandes descobertas mechanicas, em que a rosca do parafuso suggeriu a helice propulsora dos transportes maritimos.

Quando o puraqué marcha avante, hirto, inflexivel, a impressão visual que se recebe é a de um apparelho helicoide a lhe virar debaixo do peito. Logo que esse apparelho se immobiliza, o peixe se immobiliza tambem. Subito o animal marcha a ré, como um vapor tocando atrás, e verifica-se então o parafuso enrolando a espiral em sentido contrario. Esses dois impulsos, sem que a enguia se volte na agua á direita ou á esquerda, como é commum e se observa nos outros peixes, augmenta-lhe a singularidade, já mirabolante com o alto poder electrico.

Como é possivel, a esta ou aquella pessoa que ainda não viu o puraqué num tanque de vidro, julgar que se trate dum movimento alheio ao do parafuso na membrana que se estende sob o ventre do *gymnotus electricus*, e que lembra duma embarcação a quilha que tivesse effeitos helicoides, reaffirmo tudo o que disse atrás, observação colhida de *visu* e não atravez de leituras. Declarando que o peixe marcha a ré, não consignei que este ou aquelle representante da fauna icthtyologica não marche tambem.

XXXVIII

O PORTEIRO

Ha talvez um vago e fugidio interesse na devoção por S. Pedro. Chaveiro do céu, senhor portanto da entrada no Paraiso, o pensamento collectivo, a proposito duma problematica escalada até os primeiros degraus do throno de Deus, logo se volta para o celicola que permanece de guarda á grande e marchetada porta. Sobretudo os brasileiros, e, particularmente, nós paraenses, damos uma profunda importancia aos porteiros. E' claro que S. Pedro não pode e não deve, sem um grave castigo divino, ser comparado aos porteiros de repartição que detem as partes á entrada das secretarias e gabinetes do Estado. Mas não se pode, pelo habito constante de lidar com os porteiros deste valle de lagrimas, verdadeiros portentos na resistencia que offerecem ao contacto com as autoridades, deixar de render um grande apreço ao porteiro do céu, embora saibamos que o trato do santo é cheio de affecto e carinho pelos peccadores que lhe che-

gam do planeta mais ou menos desconfiados com a longa travessia cerúlea.

Simão Barjona se chamava S. Pedro antes da graça divina. De coração rude, era pescador em Cafarnaum. Pescador panema, raramente trazia peixe em condições de satisfazer á freguesia. Sósia de Christo, a sua apparencia suave e branda confundia-n'o com Jesus. E só depois que este lhe declarou que elle seria a pedra sobre a qual se construiria a Igreja Catholica é que todos principiaram a lhe chamar Pedro. Negando Jesus tres vezes, num destes apertos politicos em que o Diabo os arma, logo que o Mestre redivivo volveu a apparecer-lhe, após a crise tormentosa em que o negára, seu coração captivo fez-se firme e declarou tres vezes que o amava. Recebendo o Espirito Santo nessa fervorosa e devota reverencia, Pedro ascende aos pincaros da emoção, galga espiritualmente a sublimidade do seu fadario na terra, e, por entre os males mais tristes, vae conquistando as almas.

Envolto num vasto poder e revestido de magestade, marcha para cumprir as palavras que ouvira do Senhor. Depois de muito caminhar chega a Roma e funda, emfim, a Igreja, apascentando as ovelhas na Cathedral do mundo. De cidade em cidade, de villorio em villorio, de burgo em burgo elle envia os Evangelhos. E o pescador da Galiléa irradia pelo universo a fóra. Sua barca humilde e

meio furada transforma-se num symbolo augusto. Na hora triste do martyrio, quando a mão sacrilega lhe purificava e crystallizava a alma generosa e santa, ao lembrar-se que negára o Mestre, exigira no supplicio que lhe infligiam, que o collocassem de cabeça para baixo, não se julgando digno de ser crucificado como fôra o Nazarethno.

Embora seja Bom Jesus dos Navegantes o padroeiro dos maritimos, não ha marujo que não tenha por S. Pedro uma grande ternura e uma grande adoração. Basta a lembrança de sua barca, de suas redes, de seus remos, de seus milagres na colheita do peixe, para que os homens do mar vivam integrados na fé com que rezam ao grande Apostolo. Além disso, como referi atrás, elle é o porteiro do céu, o chaveiro da estancia divina, e, pois, um santo respeitavel por todos os titulos. O dia 29 de junho, reverenciado com alegria pela familia christã, rememora sobretudo a fundação da Igreja sobre a pedra annunciada por Jesus, pedra que é o mesmo Pedro. A parabola que a christandade desdobra sobre a face do globo desde o alvorecer da sua maravilhosa basilica, não cessa de levantar as suas agulhas para o azul do firmamento. Os carrilhões e os sinos que dobram e repicam naquellas torres sagradas, annunciam, dia a dia, a grandedeza da fé e o amor da humanidade.

XXXIX

ARVORE DA TROMBETA

O sr. Carvalho de Britto, cidadão mineiro, declarou ha tres annos que ia fundar em Belem uma fabrica de papel. Escorada em 5.000 contos de machinas modernas, a empresa, além de repontar num halo promissor, conduz a certeza de que um emprehendimento desse genero, nesta Nova Orleans da Amazonia, não pode deixar de reflorir no lucro do milhão futuro, tal a abundancia da materia prima nestas paragens. Em preços então ninguem poderá concorrer com ella, visto as plantas de que precisa para o artefacto viverem em multidão á ourela dos lagos, rios, igarapés, queremos dizer, á mão. O nosso mundo vegetal, por via de regra dissociado, congrega-se em familia quando se trata daquelles destinados á pasta de papel e que se chamam aninga e embaúba.

A primeira, aninga (*Montrichardia arborescens* Schott. Araceas), é uma qualidade de arum gigante, de caule escuro, fusiforme, alto de 4 me-

tros, sem galhos, com um tufo verde de folhas em coração no tópe. Medrando em sociedade, forma verdadeiras paliçadas no beiço dos taludes e ravinas. Constitue renques de estacas vivas destinados pela natureza a reter o plasma tellurico que levantará o collo da terra. Suas fibras claras e longas como crina de cavallo, depois de maceradas e submettidas á lavagem chimica, dão folhas sedosas, finas e bellas de papel.

Entretanto, a arvore por excellencia no assumpto é a embaubeira (*Cecropia,* Moraceas), da qual se contam mais de dez typos na planicie, e, em vez do tijuco onde prolifera a aninga, vive na meia lua das praias, sobre o rebordo da areia fina, formando cyclopicos diademas de folhagem. Existem a *Cecropia paraensis,* a *palmata,* a *robusta,* a *scabra,* a *sciadophylla,* além das que não me occorrem no momento. Umas têm as folhas todas verdes, outras chlorophylladas por cima e branco-gesso por baixo. Os feitios em trevo e em estrella abrem logo contrastes, mesmo no espirito mais ignorante em botanica, de modo a se perceber de longe a variedade. Seu perfil recorda um candelabro que tivesse a parte alta em tons esmeraldinos e a haste e os braços barrados a cal. Viça em toda a parte. E mal se abre um roçado na hinterlandia, ella surge logo trazida nas asas do vento e no bico dos passaros.

Conhecida como arvore da trombeta, os indios fazem della instrumentos de musica. Dentro de seus ramos mora a formiga de fogo. Os selvagens comem-lhe os fructos e os caboclos extrahem-lhe o carvão. Além disso, é a madeira que dá o maior rendimento de cellulose, que é a base do papel. Fóra das florestas infindas, dos campos, dos igapós, as baixadas paraenses vivem fartas de outros individuos floraes apropriados á massa, e que só esperam pela mão do homem. O junco, por exemplo, dos nossos pirisaes, para logo alludir a um vegetal de pennacho, é o celebre papyro, venerando religioso das margens do Nilo, em cujas dobras abertas e polidas numa calandragem primitiva, os egypcios escreveram as mais remotas façanhas pharaónicas e os mais lindos relatos sobre as pyramedes, transformando assim o caniço aquatico em documento precioso. Nestas condições, o sr. Carvalho de Britto encontrará no Pará, se ainda estiver nesse proposito industrial, os mais exquisitos especimens para a sua futurosa industria.

XL

O REINO DOS PHANTASMAS

A *urbs* guajarina é o Reino dos Phantasmas, tantos e sensacionaes têm sido os casos de almas do outro mundo registados aqui. Alguns, tumultuosos, outros pacificos. Seja por uma questão geographica, seja por uma attracção que os fieis exerçam no espaço, seja ainda pela attitude da sociedade, alheia a exageros religiosos, sempre contraproducentes e até fataes aos extremados, como no caso actual da Hespanha, a verdade é que, nesta minha gloriosa cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará tem-se visto cousas do arco da velha.

Ha muitos annos, o Homem da Sobrecasaca Preta apavorou a zona então chamada dos Quatro Cantos. Foi um numero! Espantou a patrulha de cavallaria, deixou sem fala alguns policias e fez fugir a botas de sete leguas uma orchestra bohemia a pau e corda. Das oito da noite em diante, até o gallo annunciar o sol, as visagens montavam guarda na casa mal assombrada. Assobiavam, gemiam,

soluçavam, gritavam, batiam, riam-se, apedrejavam. O povo, curioso por saber o que significava tudo aquillo, apinhava-se nas adjacencias do predio, commentando malignamente o motivo de tal hostilidade da gente do Paiz das Sombras. Dinheiro enterrado? Mula sem cabeça? Complicações do pae do filho de Zebedeu? Mysterio. Ninguem sabia. Os moradores da residencia alvejada só inspiravam respeito.

Depois veiu o caso do João, phantasma quasi jovial, domestico nos serões memoraveis da senhora Prado como o fôra Katie King no lar de William Crookes. Os jornaes da epoca discutiram o acontecimento atravez de minucias technicas, recapitulando, em balanços historicos, as materializações analysadas por Aksakof com o espirito de Yolanda e a celebre d'Espérance, que, em vez de cahir nos transes do somno magnetico, corporificava os espiritos em estado lucido. Communs nesta capital todas essas maravilhas narradas no *Depois da Morte*, de Léon Dénis, a noticia atrahiu do Rio de Janeiro o sr. Frederico Figner e esposa, que vieram identificar a filha fallecida. Viram-na, abraçaram-na, beijaram-na e regressaram. O attestado é valioso. Pae e mãe não permittem especulação em torno dum ente querido. Sombria a doutrina de Alan Kardec, a parte experimental, aberta no pittoresco e no tragico, corre parelhas

com os *Contos Phantasticos* de Hoffmann e as *Historias Extraordinarias* de Poe.

Assim, o que encanta o meu impressionismo seduzido pelo theatro é, sem duvida, o colorido sobrenatural, a face dramatica do rito romanescamente estereotypada na obra de Van Der Naillon: *Nos templos do Himalaya.* Tudo isso, no entanto, amalgamado em lances que lembram o pesadelo confuso nos sonhos agitados, começa a aflorar em descriptivas scientificas. Os sabios constatam com angustia, de certo, os phenomenos de levitação e trespasse, que violam as leis de gravidade e quebram os axiomas physicos, embora affirmem, atarantados e deslumbrados, desconhecer a origem dessa força imponderavel.

Mas o que eu desejo assignalar, neste ligeiro quadro, é a sympathia dos espectros pela terra paraense. O caso atual de Monteiro Lopes é significativo. Juiz quando neste valle de lagrimas, preto, bonachão, simples, anda agora tirando gravatas e sapatos de quantos lhe assistem ás sessões; e, mais do que isso, falando com os amigos pelo telephone e promettendo visitas que desligam o apparelho...

XLI

CONTRADICÇÕES GEOGRAPHICAS

Os paradoxos amazonicos, no terreno anedoctico, no terreno lendario, no terreno historico, são muitos. Apenas scientificamente, como é natural, elles minguam. Entre esses poucos, este, que á primeira vista parece ignorancia: a viagem no Amazonas, de Belém a Manaus, como até Iquitos, já na planicie peruana, ao tempo das cheias, quando a derrota é mais curta em virtude do atalho pelos paranás e custeio das orlas convexas, que rasas nas seccas estão profundas no inverno — demanda mais tempo que de verão, época em que os navios, trafegando pelos canaes da corda-mater, de curvas mais largas e fundas, gastam menos tempo.

A explicação do phenomeno é puramente hydrographica. De inverno a corrente do rio, mesmo pelos paranás, praias, entre ilhas, que encurtam caminho, é mais forte que nos canaes grandes na secca. Assim, o percurso maior, quando o rio *está no caixão,* segundo a phrase regional, é feito mais depressa, porque a corrente não excede a milha e

meia, emquanto que na enchente ella vae a cinco e seis milhas em certos logares. Não deixa ainda de ser digna de registo a maneira por que no Perú se denomina de *montaña* a região cisandina, que se desdobra do sopé das cordilheiras até os lindes brasileiros. Planicie como a amazonica, estendendo-se num mar de folhagem crescida em terra plana, não é curioso que a ella, num paradoxo orogenico, se chame *montaña*?

Nos tempos em que isto aqui era o Paiz da Cannela, o dinheiro circulante cifrava-se, ora em novelos de fio de algodão, ora em pacotes de tainha. Os funccionarios publicos recebiam a fibra ou peixe como libra esterlina e de accôrdo com o cargo que exerciam. Eram chrismados ironicamente pela população por *filhos da folha*. E já naquelles idos se falsificava o dinheiro, a nossa *moeda americana*, mettendo no rôlo de algodão, aferido pelo peso, materia estranha, pedra, ferro, barro, tal qual se fez ultimamente com a borracha, em cujas bolas (pelles) se encontravam machados, parafusos, engrenagens, cães de espingardas, pregos de caverna e até crianças, louvadas sejam as Onze Mil Virgens!

A geographia da Amazonia, embora gire quasi que em torno de nós, ou, melhor, dentro da nossa cozinha e do nosso quintal, é talvez a mais desconhecida e, por certo, a menos estudada nos estabelecimentos de educação. Emquanto se ensina a

geographia em volta do globo, contando caraminholas a respeito de ilhas, rios e archipelagos antipodas, os systemas hydrographico, orogenico e climatico da Amazonia mal são falados, como se pela vizinhança com a região estivessemos senhores da materia, em pleno conhecimento do assumpto. Não ha muitos annos se dizia, por exemplo, que o Madeira era formado pelo Mamoré e Guaporé. Correm os tempos e verifica-se o engano, provando-se então que outro rio, o Beni, tido por affluente do Mamoré, é maior que este e de quantos despejam seu contingente liquido no Madeira.

Nascendo hoje nas proximidades do Titicaca, entre a Bolivia e o Perú, a cosmographia panoramica constata, pela velha physionomia alpestre, pela mascara emfim da gleba, que aquelle immenso açude serrano, emparedado nas muralhas andinas, já fôra a fonte da grande corda potamica chamada Beni. Assim, passaram as geographias modernas a dizer que o Madeira se originava do Mamoré e do Beni bolivianos, relegando o Guaporé, nascido no plató brasileiro de Matto Grosso, a um plano secundario, quando elle deve ser considerado o terceiro formador do Madeira, tal a contribuição do seu extraordinario volume dagua. A verdade, pois, neste caso especial de hydrographia, é que os tres cursos poderosos, vastos mananciaes de lympha, constituem a triade que alimenta o maior affluente do Rio-Mar.

XLII

DAVID PEREZ

David José Perez, bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes, filho de Breves, marajoára portanto, é o autor duma these intitulada *A Influencia do Hebraico na Lingua Latina.* Escreveu-a o illustre paraense afim de concorrer á cadeira de latim do Collegio Pedro II, no Rio de Janeiro. Pouca gente talvez conheça aqui o eminente ensaista. Mesmo no Rio e em Manaus, fóra do magisterio, não é figura popularmente apontada. Só a elite mental priva com elle. Intelligencia clara e viva, servida por um nobre caracter de pedagogo afeito á lucta em todas as provincias da actividade humana, a sua iniciativa não se rende até hoje aos mais incisivos golpes de injustiça.

Indifferente á sorte, alheio ao destino, qualquer assumpto porventura ferido atravez das sciencias naturaes, da geographia, da ethnographia, da historia, reponta-lhe florido e significativo, signal de cultura fluente e sadia. De maneira que David

Perez constitue para todas as pessoas com quem prive um encanto communicativo, tantas são as faces por que aborda os problemas mais complexos da vida.

Chegando-me ás mãos — por intermedio desse presado e velho amigo que é Isaac Perez, irmão do festejado professor, nascido em Marajó — a these em foco, era natural o meu desejo de a ler. A plasticidade e a belleza verbal da memoria abrem-se-nos num estylo correntio e sereno. Inductiva e deductiva, a argumentação denuncia logo a influencia dum idioma no outro. O capitulo — *Como as linguas se encontram*, onde o publicista mostra as varias formas por que os idiomas se alteram e se fundem, a principiar nas guerras, momento em que os exercitos deixam o rastro lexico dos vencedores, levando tambem a marca idiomatica dos vencidos — é um curioso attestado analytico do autor.

A Bacia do Mediterraneo, outra pagina interessante da these, mostra como o movimento maritimo, quasi immemorial naquellas aguas, em cujas ondas parece estar prestes a se jogar o destino da Europa, é o responsavel pela interferencia do hebraico no latim. As provas do vasto commercio que alli se exercitava entre a gente de Creta e a gente da Africa surgem da penna do articulista atravez da archeologia. Os dentes de elephante, velho marfim desenterrado da insula, affirmam

contactos estreitos com o Egypto, facto que vem corroborar a origem cretense de muitas obras predynasticas dos Pharaós.

Nas folhas intituladas *Romanos e Semitas,* ao tempo em que o Mediterraneo do occidente era carthaginez, emquanto o do oriente era grego, os phenicios já tinham perdido a hegemonia, só apparecendo então a serviço de outros povos. "O contacto grego, declara David Perez, trouxe aos italiotas muito do que os helenos apprenderam dos semitas". O desapparecimento de Carthago como Estado, não apagou a lingua nem os costumes desses poderosos dominadores do norte do Continente Negro. Roma continua a mergulhar mais e mais no mundo semitico. Dahi a pouco é no Oriente que se dá um contacto intenso e duradouro. As considerações enfeixadas sob a rubrica de *Israel e Roma* valem por uma documentação admiravel da historia daquelles idos, atravez da qual os dois povos se entreolham na terra ancestral dos Prophetas.

"O vencedor romano, depois de muitos decennios de pugnas no Oriente, poude emfim cunhar nas suas moedas o facto culminante das actividades militares: *Judea Capta*". Mas, prosegue o excellente analysta de influencia hebraica na lingua latina, "poucas vezes na Historia Humana terá occorrido um acontecimento tão illusorio para os

sentidos ebrios de gloria passageira. O vencedor é que foi captado pelo vencido."

A these do nosso conterraneo é toda assim rajada de lampejos verbaes, de eloquencia literaria, e, sobretudo, de largos conhecimentos linguisticos, dentro dos quaes se remarca, por mil aspectos, o panorama lexico dos latinos, mordido, riscado, cravado, embebido emfim de termos e flexões judaicas. Os recursos de que lança mão o insigne filho de Breves para assignalar o ponto de vista que faz o centro de gravidade de seu lindo trabalho, são a cultura e o equilibrio philosophico. Erudito em materia idiomatica, a sua profunda visada esmiuça os refolhos latinos de modo a mostrar em que altura se enkistou no falar do Lacio a velha raiz hebraica; e discute, na exposição que faz, no espaço e no tempo, a proveniencia lexica.

"Os factos da linguagem exhibem por vezes familiaridades de sentido de evidente influencia reciproca. Dois exemplos mostrarão o que acabamos de affirmar. A cegonha era denominada pelos romanos *avis pia*. O nome da cegonha em hebraico é *hassidá*, exactamente o adjectivo feminino *pia* subentendendo-se *ave*. A garça em latim se denomina *ardea*. E' presa á origem grega, mas o seu aspecto lembra o verbo *ardére*. Em hebraico essa mesma ave é *anafá*, e se prende á forma radical do verbo *anaf, arder*".

Com respeito á parte phonologica diz o notavel professor: "As vogaes semitas ao passarem para as linguas arianas se alteram por vezes até a desfiguração da palavra. Exemplo: Nóahh — Noé; Jexá — Jesus. Os sons vocalicos são fluctuantes e variaveis, sujeitos a alterações por contacto de consoantes ou posição no vocabulo".

Como se vê, a memoria do illustre didácta paraense vale por eloquente nota de sabedoria; encerra, numa synthese magistral, conhecimentos grammaticaes e philologicos em varias linguas. Isso lhe projecta a figura, não no Brasil apenas, mas em qualquer parte do globo em que haja uma pessoa culta, capaz de avaliar a força productora de tal cerebro. Capacidade radiosa de professor que vive revolvendo os segredos phoneticos, indo mesmo aos enigmas riscados nos hieroglyphos da egyptologia, o jogo floral de seus argumentos leves, coloridos, transparentes, tem o condão de transformar aquillo numa peça de bronze, forte e resistente.

Tudo isso me leva a crer em alegres dias para o distincto autor do trabalho que devorei. Não perdi pois ainda a esperança de ser esse David Perez o revelador paleographico dos caracteres symbolicos da louça de Marajó, de tal maneira lhe reconheço a alta mentalidade. Porque os traços pintados ou lavrados na ceramica da ilha, longe de ser puramente decorativos, concepção ornamental da nos-

sa archiavó tapuia, guardam um cunho de escripta. Cada vasilha de argilla, plasmada pela mão da oleira aruã, equivale á pagina dum grande e sensacional livro de barro, pagina que ha de ser lida, interpretada diremos melhor, mais dias menos dias, por David Perez. O que se julga motivo de enfeite — é letra; e o que se suppõe um turbilhão de signaes — é alphabeto. Descobrir essa paleographia, para decifrar a chronica de uma nação atravez de mil caminhos e de cem seculos, é o que se reserva ao indagador de certas inscripções rupestres já por elle traduzidas.

XLIII

ÉPOCA PREBANANICA

Ha muito que me roia o desejo de ler o *Tratado da Terra do Brasil,* de Pero de Magalhães Gandavo, redigido em 1570, embora somente fosse publicado muito tempo depois. Gandavo era portuguez, filho de Braga e deve ter vindo para o Brasil, consoante Capistrano de Abreu, na segunda metade do seculo XVI, ao tempo do governo de Mem de Sá no Rio de Janeiro. Livro citado pelos historiadores e considerado classico, era natural que eu tivesse a mais funda curiosidade em lel-o. Ao entrar um dia destes na Agencia Martins, nessa peregrinação que se faz diariamente ás livrarias, eis que se me depara, não somente o *Tratado da Terra do Brasil,* como a *Historia da Provincia de Santa Cruz,* além de outro, rarissimo tambem, a *Prosopopéa,* de Bento Teixeira, o primeiro poeta brasileiro, chronologicamente falando.

Não resisti ao impeto de adquirir esses tomos e *morri* na mão sinistra do Martins com a sereni-

dade dos christãos lançados ás feras do circo no tempo das catacumbas romanas. Livro offerecido ao cardeal D. Henrique, serenissimo principe, na dedicatoria do autor, elle é, como dizem os criticos, mais de historia natural que de historia civil, e se preoccupa antes com as plantas e com os bichos que propriamente com os homens. A sociedade, por intermedio do indio e do branco, merece-lhe menos cuidado que as aguas e os ventos, o sol e as correntes oceanographicas. Atravez, porém, dessas observações geraes, de effeitos panoramicos sobre a linda terra do Cruzeiro, o pesquisador Gandavo, de vez em quando, desce a quadrinhos e refere pormenores de incidentes que, ligados pela nossa imaginação a outros factos, revelam episodios interessantes da investida do conquistador no Novo Mundo, da sua influencia na multiplicação de bichos novos, da extincção, ou, pelo menos, da redução de certas especies.

E' o caso do peixe-boi. Se alguem me dissesse já ter havido peixe-boi na Bahia, e até no Espirito Santo, eu não acreditaria. Entretanto rendo-me á vista das provas descriptivas e minuciosas de Gandavo, que não somente refere a existencia do cetaceo naquelle sector geographico, como lhe conhece os habitos, a forma de o pescarem e de o comerem. Para o seu paladar, o *manatus inunguis* é delicioso e se parece á carne de porco, de veado, e de vacca. Depois de Gandavo exaltar o ananaz,

fructa nativa e realmente deliciosa, perfumada e rica em vitaminas, começa a descrever a banana como um fructo completamente desconhecido em Portugal, naquelles idos, facto que prova o genero *Musa* ter vindo para o Brasil, não atravez da Peninsula, mas, o que é provavel, por intermedio de piratas, flibusteiros e navegadores, senão do proprio indio egresso do mysterio.

Porque hoje está em moda affirmar que houve uma época prebananica no Brasil. Como se verifica pela descriptiva ingenua e fiel de Gandavo, ao falar da pequena banana inajá ou branca, em cujo seio, ao cortar, elle via um crucifixo; e ao falar da grande, pacova, em cuja massa elle já antevia o legume mais completo que a batata, o leite e o pão — a banana adaptada, mas na apparencia silvestre, era desconhecida dos lusos que não fossem navegantes. O livro de Gandavo, interessante e original, dará margem a outros risonhos commentarios.

XLIV

DEUSES AMAZONICOS

Antigamente os deuses eram mais humanos, mais communicativos, mais mettidos comnosco. Baixavam regularmente á terra e vinham, atravez dos nossos bosques, dos nossos rios, dos nossos prados e dos nossos mares, confabular com os pastores e pescadores, com os zagaes e os navegantes, seduzindo mancebos e raptando mulheres. Jupiter vivia espreitando os typos lindos. Ganimedes e Europa lá se foram, coitadinhos. Venus era outra. Não podia ver um camponez bonito. Diana, de arco e frecha, caçava mais os rapazes que as aves e os quadrupedes. Todo o drama daquellas divindades era urdido com o fio luminoso do Amor. O Olympo em peso vivia na terra, amando e vagabundando.

Quem olha para a Amazonia e vê o immenso amphitheatro recortado de caudaes e lagos, aberto em linhas potamicas e circulos lacustres, percebe logo a força divina creando sobre a crusta do

orbe esse maravilhoso systema hydrographico que evoca a amplidão do Atlantico, a immensidade do Pacifico, a singularidade do mar Vermelho, o encanto do Adriatico e do Bosphoro. O pensamento nos leva dos deuses gregos para os deuses romanos, deslocando-se da mythologia da Hellade para a Côrte Celeste latina.

E' preciso, no entanto, para que a visada collectiva attinja o extraordinario panorama aquatico da Amazonia, que a memoria coeva, num balanço quasi sagrado, recapitule os milagres e verifique, pelo florilegio das figuras, a acção dos celicolas naquillo que a sabedoria dos philosophos e dos prophetas accordou em chamar este valle de lagrimas. Ver-se-á, então, o trabalho desbordante dos santos fazendo brotar da planicie ensolarada e verde, da montanha coroada de nuvens, da pedra e do barro, em summa — fontes e mananciaes onde se dissedentam as tribus e se abeberam os rios.

A Amazonia, por certo o maior milagre hydrographico urdido pelos deuses, gozou, para a multiplicação de suas aguas, do contacto infallivel do cajado, da flôr e dos dedos divinos, que, pelo simples toque, faziam a lympha rebentar em repuxos, em fios, em gottas, em sereno, em poços, em borbotões; lympha que é tambem orvalho e nuvem, tromba e chuva, cachoeira e oceano.

O *Flos Sanctorum,* na belleza de suas letras de ouro e na alleluia radiosa de suas descriptivas fas-

cinantes, remarca a multiplicidade de vezes em que a mão celeste beneficiou a terra aguando-lhe o regaço. O *Diccionario de Milagres* daquelle compungido e devoto Eça de Queiroz, meio eremita e meio academico, meio asceta e meio *gourmet,* conhecedor do Inferno e frequentador do Paraiso (Paris e Londres), regista igualmente os acontecimentos. Mencionemos alguns. São Francisco Xavier converte a agua do mar em agua doce; Santa Germana traz a agua numa peneira sem perder uma gotta; São Facundo faz subir as aguas de um poço; Santo Antão abastece dagua um mosteiro no deserto; São Clemente matta a sêde de dois mil christãos com um copo dagua; São Donato faz brotar agua dum terreno sêco; São Francisco de Paula arranca agua dum rochedo; São Genesio obriga agua e vinho a correrem duma pedra; S. Ursus obtem um jorro dagua duma escarpa. São Frigido esbarra um curso fluvial.

São innumeros, emfim, os documentos em que se relatam os milagres dos santos referentes á agua. São Facundo, Sta. Aldegundes, S. Benedicto, S. Donato, S. Florus, S. Francisco, Sta. Gertrudes, S. Julião, S. Lupo, S. Thiago, S. Godrick, S. Gregorio, S. Sabino, S. Angello, Sta. Genoveva, S. Braz, S. Marcellino, fizeram nascer, parar, recuar, desviar, baixar, encher, rios, fontes, mananciaes, cascatas e repuxos, o que nos leva a crer, catholica e alegremente, que toda essa pleiade sagrada em commu-

nhão com a lympha andou por aqui, palmilhou e percorreu a Amazonia, agitou e remexeu os cursos dagua, tomou banho, bebeu e baptisou nos taludes e ravinas, transformando pois esta rechã do orbe num recanto lacustre, e, mais do que isso, enciumando os deuses e as nymphas do paganismo, como Amphitrite e as Náiades, para melhor seduzir os innocentes.

Misturando-se, assim, aos gregos e aos latinos, repontam pittorescamente os deuses autochtones, nascidos no seio augusto destas aguas. A Boiuna e a Yara, patrulhando rios e igarapés, furos e lagos, paranás e igapós, rondam o labyrintho potamico, criando lendas, suggerindo fabulas no mais curioso folk-lore do mundo, que é o nosso. De parte os deuses da floresta, do prado e dos animaes, que protegem a selva, a savana e o sêr, e que são conhecidos por mãe do matto, mãe do campo e mãe dos bichos; de parte ainda Juracy, que é o sol, Jacy, que é a lua, e Perudá, que é o amor — o Curupira, a Matintaperera, o Anhangá, o Caápora, o Jurupary, enchem o fabulario amazonico. E' uma caravana divina, vertiginosa e delirante nos estigmas, invocada sempre nas pussangas, nos feitiços, nas defumações da pagelança, não para acudir e proteger o devoto, mas para hostilizar e atacar o inimigo do invocante. Não são deuses de bondade, que alliviem dores, que curem almas, que sarem feridas, sim, porém, divindades que aterrorizam, que

espantam, que affligem e enlouquecem os que lhes surgem apontados no ritual das tribus.

Sinistros, implantando o medo, tirando a fala nos pesadelos, desorientando os caçadores e perdendo os navegantes, cada um desses deuses cobre um sector de irradiação no valle, disputando com os santos, no culto e no milagre, a primazia religiosa. Nas novenas e ladainhas catholicas, já durante a reza, já durante as dansas, o que se vê são os deuses nativos misturados aos deuses romanos e gregos na mais doce harmonia do céu.

XLV

O URUTAY

Ainda só havia treva no mundo quando a filha do Taquarussú, poderoso tuchaua da nação aruã, que residia na ilha de Marajó, apaixonou-se por um guerreiro cariúa (branco), egresso do mar, e com elle desappareceu. Mal porém a maria-já-é-dia annunciou o sol, correu a noticia. Alvoroçada a maloca ao sumiço da cunhantã, o pagé invocou, ao som do maracá e numa prece fervorosa, a protecção de Tupá. A tribu toda assistia áquelle ritual commovente. Mas os deuses ouviram e se emocionaram ante o lance de amor; e logo a rapariga, fugindo ainda, se transformou numa ave nocturna e fantastica — o urutay (*Nyctibius grandis*), que ao primeiro gemido melancolico, triste como um soluço, fez abrir no céu a barquinha da lua em quarto crescente, alva lanterna de prata destinada a vigiar os namorados, a deter-lhes as arrancadas.

E, num estrondo de trovão secco e imprevisto naquella noite de luz indecisa, branca e merenco-

rea, appareceu a maior divindade autochtone, assim falando ao chefe da tribu succumbido pelo golpe que lhe desfechára o destino: "Tua filha, agora, além de ser a mãe da lua, protectora de todos os vegetaes, representa, na ave em que se metamorphoseou, o symbolo da castidade. Seus gritos dolorosos, desde que o sol desapparece até que rompe a aurora, significam não só o arrependimento de ter abandonado a casa paterna sem a benção da familia, como tambem o aviso aos incautos, aos feridos no coração, aos que deliram de amor. Toda a donzella que desejar ser esposa fiel, carinhosa dona de casa, mãe exemplarissima, basta varrer o chão debaixo de sua rede com as pennas do urutay, além de ter as suas costuras em balaítos tecidos com a plumagem deste passaro, para obter o dom da virtude".

E logo um aroma de baunilha fluctuou no espaço. Vem dahi o habito das noivas da planicie, ao bater da Ave-Maria, limparem as esteiras estendidas por baixo das proprias redes, com as pennas maravilhosas daquelle voador. A delicadeza e o tom moralista deste ingenuo raconto do nosso largo folk-lore, torna a lenda do urutay a mais bella talvez de quantas se tenham condensado na projecção literaria do valle.

XLVI

FALTA A PEDRA LASCADA

Os archeologos remarcam um facto interessante observado nos sarcóphagos aborigenes de Marajó: quanto mais profunda se encontra a urna funeraria, mais fino é o barro, mais bello é o camucim, mais firme o traço ornamental. Sempre que se examinam as fiadas de louça mortuaria sobreposta ás mais baixas, decresce o sentido artistico. E o que succede no tempo, succede no espaço. A' porporção que se avança pelo curso do Amazonas e seus tributarios, da foz para as cabeceiras, verifica-se o esmorecimento da perfeição na ceramica enterrada. Os celebres cemiterios de Monte-Alegre, mostram-se inferiores aos do estuario do Rio-Mar no trabalho do oleiro, incluindo o das grutas de Maracá, em terras guayanenses, pouco acima de Mazagão, onde se descobriram curiosos vasos anthropomorphos e zoomorphos; os do Parú (acima de Obidos), sem duvida inferiores aos de Monte

Alegre e de Alemquer; os de Maués e Manaus ao de Mirakanguera.

O declinio da belleza, sempre que se navega ao arrepio da corrente, reponta impressionante. A massa de argillas é mais grossa, o modelo mais pesado e os caracteres symbolicos, quasi sumidos. Deduzem dahi os naturalistas, e eu com elles, a caminhada invasora das tribus rumo do oeste. O selvagem egresso de outras plagas do orbe perdia na jornada millenar os attributos ceramistas. Na avançada lenta obliterava-se-lhe o sentido esthetico. Cahia numa involução sombria até chegar ao estado primitivo dos selvagens do plató meridional, onde nascem os grandes rios da America do Sul, que vertem para as bacias do Prata e Amazonas. Ahi o indio se encontra na phase mais atrasada da humanidade. Dorme no chão, não sabe remar, nem navegar, e muito menos possue sequer uma panella de barro. Guarda os raros objectos de que dispõe pendurados ou em jamarús. Quasi não planta. Vive da caça e dos fructos do matto.

A qualquer rumo que dahi tomem os exploradores, o progresso do indigena alarga os horizontes. O quadro ethnico, evidentemente, é o do cyclo da pedra. Polida, sem duvida, porque no Brasil mal se encontram vestigios da época da pedra lascada. Os mais antigos documentos raciaes, deparados nas cavernas da Lagoa Santa, em Minas, constatam a pedra polida. Os esqueletos que lá

dormiam, petrificados uns, metallizados outros, e surprehendidos pelo famoso dinamarquez Pedro Lund, apesar de mais de tres mil annos de existencia, e remarcarem apparentemente o *homo americanus,* restabelecendo assim a possibilidade do autochtonismo brasileiro, não recuaram ao periodo da pedra lascada. O botocudo, que é o typo mais forte das tribus nacionaes, e nas grutas mineiras positivado, reconhecido, authenticado, já havia evoluido uma serie na escala da trajectoria humana.

XLVII

E' ESTRANGEIRO

Examinando a obra ceramica do marajoára, principalmente a dos indios que a enterravam nos sarcóphagos de monticulos artificiaes traçados alguns em forma de chelonios, jaboty ou tartaruga, verifica-se, pelo feitio das peças e pelos caracteres symbolicos que as decoravam, a caminhada singular do selvagem depois de cyclos memoraveis de civilizações. Aquelles exquisitos hieroglyphos da sua nómade paleographia, cinzelados ou pintados na urna funeraria ou no vaso religioso, na tanga ou na panella, representam a escripta tradicional mal guardada na memoria indigena desde os fundos nevoentos da pre-historia. Basta confrontar esses caracteres symbolicos com os caracteres symbolicos egypcios, mexicanos, hindús, chinezes, para logo se ver a semelhança, e, pois, a probabilidade do indio ter vindo de um desses pontos do globo, oriundo assim de povos longinquos e adiantados.

Além disso, e para melhor fixar em nosso espirito a certeza de que o marajoára, como todas as hordas selvagens do valle, foi estranho ao ambiente, repare-se na sua ornamentação: não é daqui. O fio decorativo que elle applicou á louça em caras, carinhas, caraças, caretas, carrancas, carantonhas, carões, estylizados em motivos advenas, quando não em gregas e mataimes, remarca-lhe a proveniencia estrangeira, alheia á belleza ornamental das florestas e das campinas. Apprendeu por certo a arte do enfeite numa terra desertica e apavorante, repleta de monstros que lhe forneceram as figuras de gnomos e duendes discordantes do refugio das copas e umbellas botanicas. O painel amazonico, desde o céu azul pontilhado de estrellas ao solo moreno povoado de borboletas, lhe é descnhecido.

A cigarra estridulante e as flôres aquaticas foram vistas com assombro por esse povo invasor. Aves, passaros, quadrupedes e cobras raramente cruzam o panorama esthetico que anima a sua paysagem. Da propria floresta em que se abrigaram e viveram, não colhem um galho, um ramo, uma flôr. Em toda a sua ornamentação ha uma folha, commum, inexpressiva, fanada mesmo, e que talvez não seja daqui. O fructo que embelleza todos os quadros da gente que pinta ou esculpe, e faz ainda parte inicial de quanto barbaro se arrisca á

natureza morta que idealiza na pedra, no tronco e na louça, não lhe apparece nas allegorias.

Os mil recortes da vegetação dos campos e das mattas, labyrinthos, flabellos, plumas, rendas, lambrequins, festões, grinaldas, da palma dos assahyzeiros ao capulho das sumaumeiras, da folha lanceolada das gramineas ao charão glauco das victorias-regias, não impressionaram a menina do olho selvagem. E' um insensivel á orgia verde da selva. Sua visão é absolutamente alheia ao recorte infindo dos vegetaes. Não percebe, não enxerga, e, nem sequer assimila o pompeante debuxo de formas miraculosas. Melhor documento não é necessario para se lhe provar a indole adventicia, afeita a outras paragens. O drama que elle regista na angustia perseguida da caminhada, vendo ainda no pesadelo da fugida os monstros assaltantes de olhos esbugalhados, boccas rasgadas, narizes esburacados, orelhas desmedidas, — denuncia-lhe a proveniencia: é estrangeiro.

XLVIII

O SABIO JACQUES HUBER

Ficou na mais larga evidencia mundial o notavel botanico Jacques Huber em virtude do governo suisso haver adquirido, por compra á familia, a sua bibliotheca. Talvez o facto represente antes viva homenagem ao filho illustre da Helvecia que, propriamente, a conquista aquisitiva de algumas estantes de livros. Foi, sem duvida, uma forma prestimosa de distinguir os meritos peregrinos da eminente figura, essa, de projectar-lhe nos scenarios da civilização o perfil austero e a commovente intelligencia. E só não dizemos fulgurante intelligencia porque aquelle grande espirito se escondia numa timidez quasi humilde, referta de renuncias, alheia sempre ao tumulto social, ao alarido nefasto das competições mundanas.

Ao lado de Martius, de Spruce, de Barbosa Rodrigues, no que diz respeito á força perquirente com que enriqueceu o patrimonio humano da sabedoria, o destemido naturalista vagava subindo

rios, varando mesopotamias, galgando serras do amphitheatro amazonico. O carinho com que examinou a flora destas plagas, balanceando innumeras provincias vegetaes, sensibiliza a mais exigente mentalidade que lhe manuseie a obra. Ia do musgo ás palmeiras, da samambaia aos castanheiros, do trevo ás sumaumeiras, com escalas pelas gramineas e cipós. Na vastidão da hinterlandia poucos individuos botanicos lhe ficaram extranhos. Guardião da sciencia voltado para a natureza nos seus mil aspectos verdes, tivessem rosas ou espinhos, a planura equatorial regista-lhe, nas expedições arriscadas de explorador, as pegadas memoraveis e bemditas. Todos os nossos fructos, nativos e adaptados, soffreram-lhe a analyse da proveniencia atravez de Adolphe Candole. Parecia um encantado eremita lendo, nas folhas e nas flôres, os enigmas do universo.

A sua geographia botanica, traçada ao influxo dos tributarios da bacia, nos sombrios desvãos da matta e aos clarões rútilos do sol, denota o fervor do especialista, de tal modo elle esquadrinhava o assumpto, triturando-o, esbagaçando-o, esgotando-o. Quem conhece a extensão immensuravel da planicie e sabe como ella é povoada de plantas que se polarizam na infinita variedade de fórmas e de côres, fica pasmado ante o trabalho surprehendente de Jacques Huber, ora minudente e circumscripto a um exemplar, ora generalizado, largo e panorami-

co. Suas monographias sobre hévea, versando todas as especies, extracção do *latex*, caracteristica de sementes, processos de coagulação e de córte entre a borracha daqui e a borracha do Oriente, outorgam-lhe a leaderança na materia.

As observações sobre ninhos de japú, sobre taquaras do Purús, sobre a patria da pupunha, sobre os nomes scientificos do assahy, sobre colonias de saúba, sobre collecções arbustivas e arboreas do Caquetá e do Japurá, além de innumeros motivos floraes que não cabem neste ligeiro balanço, documentam o profundo interesse que despertou no sabio o nosso pandemonio silvestre. Da mesma fórma que o Museu Paraense reivindica o nome de Ferreira Penna para a sua fachada, demiurgo daquelle estabelecimento, deve tambem uma herma a Jacques Huber, o fascinado pesquisador da nossa flora, e que via a belleza do mundo atravez das plantas.

XLIX

O NOSSO PAVILHÃO

A bandeira brasileira não é ainda motivo daquelle culto, daquelle devotamento, daquella veneração augusta; e, sobretudo, daquella popularidade que se observa nos Estados Unidos, na Allemanha, na França, na Italia, e, principalmente, no Japão, onde a signa deste povo vive entre as crianças como brinquedo querido e respeitado. Nos prestitos civicos, nas romarias nacionaes, nas passeatas que se improvisam na rua para assignalar, festejar e consagrar um facto qualquer nobilitante, a signa patricia não é lembrada. E quando succede ser, surge uma ou duas, que mais frisa a ausencia do nosso fervor pelo retangulo verde-amarello. Emquanto o povo se recorda das charangas, dos foguetes, dos apitos, dos fogos de bengala, de tudo emfim que anima, impelle e electriza a multidão, esquece lamentavelmente o lábaro do paiz.

Decorre isso, sem duvida, da educação negligente que vinhamos tendo. Havia escolas e colle-

gios onde jamais se alludiu, por conversa sequer, ao pavilhão nacional. Se apenas alguns professores serão capazes de uma palestra geometrica, astronomica e historica sobre a aguia brasileira, avalie-se agora o alumno que nunca assistiu uma aula sobre o asumpto. E não vae aqui a menor censura ao mestre, victima não só da orientação claudicante, que se vinha dando ao discipulo, como ainda dos regulamentos pedagogicos estaduaes, que deficientemente o protegiam das vicissitudes na *via-crucis* em que marchava. Mal pago, quasi humilhado pela empáfia dos governadores de então, esquecidos de que ao vulto tutelar do professor se deve o homem futuro, que é o futuro da raça na disputa hegemonica das potencias — elle fazia o milagre de resistir ao cataclysmo politico muitas vezes sem pão, rôto, angustiado, esmolando. O alumno se constituia para a sua nobre figura o maior dever, a honra de seus cabellos brancos.

Mas esses dias negros passaram. Ha uma alvorada educativa na Republica, um toque de clarim que annuncia o Renascimento do ensino. Os problemas didacticos florescem nas escolas, nos collegios, nos gymnasios, nos estabelecimentos superiores ao sol fecundo da sabedoria. Ser professor, hoje, no Brasil, é como na Allemanha, uma gloria. Os responsaveis pelos programmas educativos não descansam; vivem recommendando, agitando, propagando o sentido civico, infiltrando na mocidade

o surto da grandeza racial, que somente se forma com a alleluia do cidadão, que sobrepõe a honra da patria a outro qualquer sentimento. A obrigatoriedade de se cantar agora em todos os collegios, institutos de educação e sociedades esportivas o hymno nacional, é o melhor documento da nossa evolução. De maneira que a previsão que se nos antolha, sob multiplos aspectos, é encorajadora, de franca ascendencia.

Urge divulgar, numa synthese clara e erudita, a historia da bandeira, desde a primeira que se desfraldou nos idos coloniaes, aos tempos da conquista, com escalas pelo Primeiro e Segundo Reinados, e pela Republica até áquella que se pretendeu modelar na Constituinte, sem o distico de seitas religiosas, a cuja sombra medrem todos os cultos que a liberdade garante. De parte a signa vermelha dos Soviets, onde se destacam impressas quatro letras douradas, só a nossa tem uma inscripção. Respeitando embora a legenda comtista, e sem que a sua retirada da bandeira implique em menosprêzo á doutrina, é natural que o futuro lábaro do Brasil seja apenas um symbolo, augusto e radioso, limpo de palavras e phrases que attestem propensões philosophicas deste ou daquelle culto.

L

ROBINSON CRUSOE'

Floresce agora uma literatura infantil que honra a intelligencia brasileira. As livrarias exhibem, de todos os feitios, de todas as côres e de todos os estylos, obras destinadas ás crianças patricias. Os grandes modelos universaes da fantasia, que são as *Mil e uma Noites*, as *Viagens* de *Gulliver* e as *Aventuras do Barão de Munchhausen,* reflectem-se bizarramente em muitas dessas paginas, superiores aqui, inferiores alli. Monteiro Lobato e Humberto de Campos, para não citar outros, lavraram magistralmente o campo, inventando, architectando, colorindo. Entretanto, o tomo padrão dessa especialidade educativa é, sem duvida, o *Robinson Crusoé,* que permanece de parte, sem a possibilidade de o imitarem, tão leves e profundas são as suas linhas geraes, as suas estacas mestras. Daniel de Foe construiu esse monumento didactico, destinado a abrir alvoradas na mente da mocidade,

sem julgar talvez que construía o maior padrão pedagogico do seu paiz.

E dentro da Natureza, aos lampejos do sol e das estrellas, ensinou como se deve agir em perigo, numa hora difficil, em que a desgraça nos ronda. Os conselhos flagrantes e apropriados dum pedagogo que não sabe que o é, afloram em fórma de conto com aquella ingenuidade humilde dos altos espiritos que beberam a sabedoria philosophica remando na defesa das suas côres em Oxford. *Robinson Crusoé* vale, pois, por um reflexo do pensamento da Old England. E' a velhice saturada de lições, avisando a juventude inexperta. Aquelle rapaz destemido na sua insula, dominando as forças vivas e desencadeadas da Natureza, bem como os phenomenos subtis e tenebrosos, não é mais que o symbolo do anglo-saxão dominando o mundo. E' tal a prudencia e a segurança de que se rodeiam os filhos de Albion, que por muitos annos ainda não lhes será arrebatado o commando do mar, que é o dominio do planeta.

Com a Irlanda atrevida no flanco e a India indomavel nas Colonias, o menor movimento sem prumo póde lhe dar com aquelle castello de cartas no chão. Porque as Ilhas Britanicas só dominam uma immensidade tão larga na terra em virtude da ignorancia da gente que ellas subordinaram ao seu pavilhão. Dahi essa autoridade transigente

em politica, essa tolerancia de ceder na apparencia para de facto ganhar. Pitt viu bem quanto custou á Inglaterra affrontar de peito aberto a aguia napoleonica. Sisudos, olhando a existencia economicamente, os patricios de John Bull enxergam tudo pelo oculo do interesse, e pensam commercialmente que se tira mais proveito em ser serio que tratante. A moral offendida talvez repilla esse motivo de tão grave e polido proceder, mas a Verdade núa, risonha, saltando, aprova semelhante Virtude como uma das mais curiosas divindades do Olympo inglez no seculo XX. Nasce desse preceito a conclusão a que attingem aquelles espiritos forrados de carvão, ferro e toucinho fumado, de que decorre mais vantagem em ser honrado que velhaco.

A synthese de todos esses pensamentos crystalliza-se no *Robinson*, que venceu e dominou a furia dos elementos com a simples argucia. Assim, a flôr da alma ingleza desabrocha nesse livro de Daniel de Foe. Toda a complicada maravilha bebida na sciencia e na philosophia, na crista da onda e no panno do céu, reponta nos conceitos ingenuos do *Robinson*. As entrelinhas possivelmente não entendidas por outros povos de nivel mental mais baixo e inaptos, pois, para decifrar os enigmas da contraditoria moral ingleza, sempre theatral e dramatica até mesmo naquelle *leite da piedade humana*

de Shakespeare, condensa-se no *Robinson,* que sendo o joven mais sadio e simples do imperio, foi tambem o de intelligencia mais agil e prompta, caracteristica da indole nacional.

LI

UM LIVREIRO IMMORTAL

Se o livreiro Francisco Alves (que Deus guarde por muitos seculos) tem deixado a sua riqueza a algum estabelecimento de caridade, a algum asylo de mendigos, a algum hospital ou *créche,* na certa que seu nome já estaria esquecido, graças á fragil lembrança da multidão, de memoria fraca, esvanecente como as nuvens. Quando muito, um ou outro enfermo, por nostalgia da luz e da rua, ao fremito dalguma dôr fulgurante, teria lhe invocado o perfil mal soubesse que a cama e o caldo que lhe serviam provinham das vendas de Cartas de A. B. C., das edições da Cinderela, e dos contos de Perrault. A molestia não tem exaltação louvaminheira. Emquanto o individuo soffre, só lhe sobem aos labios pragas e blasphemias. Para ser alegre, não cansam de repetir os criadores de proloquios, é preciso esta coisinha de nada: ter saude. Um sujeito de orgãos avariados ou de nó na tripa, mesmo que esteja num leito de ouro,

maldiz o Cresus que lhe pretende dourar os gemidos e os soluços.

Ora, o cavalheiro que deixa os seus bens a instituições pias, apesar de parecer votado á mais humilde das renuncias o que deseja no fundo da sua larga esmola, além dum *fauteil* no céu, ouvindo harpa e o canto das onze mil virgens, é que seu nome róle pelo espaço como um trovão; e se perpetue, por seculos e seculos, na mente collectiva. Elle deseja que a sua dádiva lhe concretize a figura philanthropica nos diccionarios e nas encyclopedias ao sabor dos mesmos adjectivos vermelhos e sagradores com que se encalçam os heroes e os santos. Almeja, em summa, com dinheiro a rôdo, transpor as divisas fugidias do seu burgo, circumscripto sempre a um pingo escuro nas cartas geographicas. E afim de não ferir susceptibilidades, desfazendo propositos porventura angelicaes no que toca a dádivas, abro aqui excepções de modo a attender qualquer protesto, deste ou do outro mundo, ao meu innocente modo de generalizar estas cousas. Conheço a intriga dos finados. Além disso, os defuntos são verdadeiros alfenins, tal a sensibilidade moral com que nos lêm e nos ouvem.

Volvamos, porém, ao radioso millionario Francisco Alves. Senhor de raro descortino, sabendo ver a alma humana em todos os seus refolhos, sentiu que para viver depois de morto no espirito das gerações futuras, em eternas allelųias de

gratidão e enlevo, de respeito e amor, carecia deixar a sua honrada fortuna a um instituto de sabedoria e pensamento, onde os membros fossem varões illustres, capazes de julgar com aquella imparcialidade dos juizes de Berlim, a benemerencia da herança. Deu, então, num feliz palpite, tudo que possuia á Academia Brasileira de Letras. O acto correspondeu á esperança. Lá está elle em ephigie, em biographia, em especie no Silogeu Nacional. Reside naquelle meio fraterno de academicos com o mesmo prestigio que fruiu na rua do Ouvidor, se não maior. Não ha dia, semana ou mez, em que seu nome aureolado não figure na estrophe lyrica dos poetas e na prosa marmorea dos historiadores. Representa nas salas austeras e galantes do Trianon o florão da belleza literaria. Nem as Musas nem as deusas o supplantam.

Não seria o caso de se reproduzir aqui, sob a claridade viva do Equador, com a Academia Paraense de Letras, em estado singular de quebradeira, o milagre que immortalizou esse modesto commerciante de livros? Porque Francisco Alves é hoje tão immortal como João Ribeiro ou Humberto de Campos. Meditem os nossos livreiros e meçam as vantagens de imitar seu nobre collega carioca. Amplio mesmo a gloria, nesta ingenua suggestão e no caracter de fundador da nossa Academia, até aos banqueiros, capitalistas e fazendeiros que estiverem habilitados...

LII

NEM GENIO NEM CRETINO

Resumo do amphitheatro paraense no falar, no cantar, no montar, no navegar, a ilha de Marajó ainda o é no folk-lore. As lendas que contam no Baixo Amazonas (porque as do Alto ou estão misturadas ou deturpadas pelo nordestino) até as regiões de Faro pelo norte do caudal e até as regiões de Juruty pelo sul, ouvem-se nos lares marajoáras, das casotas de vaqueiros e barracas de seringueiros aos casarões de fazendeiros e proprietarios de estradas de heveas. Das historias tapuias ao fabulario advena, que se adaptou atravez do branco e do preto vindos da Peninsula e da costa da Africa, repontam curiosos e sensacionaes racontos de deuses protectores e malignos. Lendas, mythos, florilegios, no pittoresco lance autochtone ou no tom mystico oriundo de longe, avivam os serões da gente marajoára, sempre inclinada á fantasia.

E logo se verifica uma cousa na pintura que o caboclo faz dessas divindades; com raras excepções, são feias, meio duendes e meio gnomos, com estigmas de monstros, egressas do pandemonio e do mysterio. Assim o Curupira, o Matintaperera, o Caapora e toda a multidão de espiritos superiores da theogonia selvagem, que apparecem turvos, sujos, hediondos mesmo, salvando-se este ou aquelle. Desses deuses, uns são capengas, outros de pés invertidos, quando não têm formas de cobra, de porco ou de saurios. Dentro deste recorte de perfis destoantes da galeria de santos catholicos, cada qual mais bello, nimbado de luz, abre-se um drama de peripecias como se a nave do templo aborigene fosse cheio de alçapões.

O milagre selvicola é quasi sinistro. Quando as divindades se manifestam, obrigam o devoto a correr ou a chorar. O pavor é que recorda o padroeiro. Um assobio que o deus tal dá na matta faz passar no fio do lombo do crente um arrepio de susto. De qualquer rumor na floresta, do estridulo das cigarras ao monólogo dos papagaios, do silvo das serpentes á queda dos fructos, e que se attribue sempre aos *caruanas*, tiram-se as mais tristes illações. O fetiche, em summa, não é invocado para fazer bem, mas para fazer mal; a tribu reza e ora commovida porém segura de que Tupá vae pregar uma partida na malóca do adversario. Como se vê, a idéa divina gira em torno duma litur-

gia feroz, que se polariza inexplicavelmente com a perfeição do typo indigena. Porque, se entre elles é commum o deus monstruoso, não é commum o typo encarangado, o individuo desconjuntado, aleijado. E o que se nota no physico, onde não ha o gigante nem o anão, se observa tambem no psychico. Não ha na malóca o genio nem o cretino, mas simplesmente a intelligencia capaz de fazer uma arapuca e contar até cinco.

LIII

TOMA LA', DA' CA'

Apesar do Japão já estar integrado no Occidente atravez da civilização europeia, que elle assimila num prodigio de intelligencia desde a casaca até ao arranha-céu, ainda é para nós um paiz lacrado, coberto de mysterio, onde apenas se levanta a ponta do véu após muita difficuldade. Entretanto, ha uma ligeira affinidade ethnica entre o caboclo paraense e o nippon, quer na indole e na resistencia, quer na côr da pelle, no cabello, no pé e no tamanho, tanto que se confundem. E não fossem os olhos typicos do oriental, a semelhança, por vezes, seria absoluta. Isto cae a proposito da chegada aqui, ha pouco mais de um anno, da embaixatriz e do embaixador do paiz do Sol-Nascente, senhora Sadako Hayashi e senhor Kiujiro Hayashi. Viagem em que os aspectos da selva, das aguas, do céu e da terra se imprimiram na menina dos olhos do diplomata, projectando-se depois no governo do Mikado, é natural que o illustre enviado de sua

patria tenha visto com precisão, sem exaggeros á favor ou contra, a natureza do Equador. O ambiente, já de si proprio a essas provas, de tal maneira a gente japoneza tem por aqui adquirido sympathias, precisa, no entanto, dum controle sereno.

Ryoji Noda, que é o escriptor do grande Archipelago de maior penetração na planicie, nas paginas de seus volumes já deve ter orientado a visão panoramica daquelle nosso eminente hospede, a quem falta apenas o traço de união da fala, instrumento imprescindivel ás descobertas capitaes de todos os quadros. Sem o conhecimento absoluto da lingua portugueza sarjada no tupi dialectal, s. exc. não obterá essas pequeninas revelações que dormem no seio morno dos dramas da hinterlandia. E' obvio que seus patricios fixados aqui, com aquelle sentido perquirente de devassar os segredos remexendo os arcanos da selva, dos campos e dos rios, tenham rompido o sigillo de muito casulo. Ha que romper outro tanto, sem duvida. Porque o valle, esplanado nesse manto verde e luminoso, riscado a fios de prata fluvial, mantem-se, mesmo para nós seus filhos, num theorema mal decifrado.

E' natural, pois, que elle não se escancare ao estrangeiro com a facilidade da primeira investida, e conserve o enigma que perturba o ambiente, contraditando aqui, harmonizando alli e enviezando acolá. Ha que ligar ao que o sr. embaixador escutou, viu e palpou no terreno directo e concre-

to, as informações que veem de terceiros e de todos os quadrantes, para que depois desse amalgama, e num balanço final de analyses, resulte a critica sobre a nossa terra e a nossa gente. E não se diga que para colher a impressão fiel e perfeita seja preciso demorar, conviver e mesmo residir entre povos, visto como certas apreciações ao primeiro contacto, como, por exemplo, as de Oliveira Lima referentes ao Japão, feitas ao chegar alli, sobrelevam ás de Lafcadio Hearne, que passou quasi a vida entre *gueishas* e *kakemonos*.

De facto, no primeiro instante em que mergulhamos em outros costumes, novos habitos, climas differentes, resaltam os contrastes e polarizam-se os contornos e os perfis porventura differentes daquelles que nos acostumáramos. De maneira que o notavel enviado do paiz do Sol Nascente, ouvindo, vendo e operando, logo ao primeiro entendimento com a terra, distingue, mesmo na penumbra das lendas e do folk-lore, das fabulas e dos contos phantasticos, a nota positiva da vida paraense, as suas possibilidades economicas presentes e futuras, com todo o seu contingente de miragens e cousas solidas.

A irradiação niponica no paiz da borracha é motivo para os nossos melhores prognosticos commerciaes, principalmente porque a civilização avançando tanto, involuiu paradoxa e innocentemente. Fechou de retorno o cyclo commercial do

seculo XX avivando a forma immemorial do vender primitivo, que era a troca de generos. Quem tem carvão pede trigo. Pela nossa borracha, castanha, madeira, oleos, fibras, a gente do Oriente pode nos mandar os seus bonecos, além de tantos artigos que não existem aqui. Não ha nada para consolidar as allianças como o interesse; não só a guerra como a paz, no fundo, se regulam pelas vantagens reciprocas do toma lá, dá cá. O resto todo, como é sabido, é mentira.

LIV

MEMORIAS

Intituladas *Minha Vida* surgem as memorias do sr. Medeiros e Albuquerque. Repontam, conforme previa o autor ha mais de dez annos, sob o pretesto dos interessados. Quem não foi elogiado berra e faz escandalo. E' natural. Para se fazer esse genero de literatura são necessarias duas cousas: pennacho ou talento. Goethe, Wagner, Napoleão, tiveram as duas. Ainda assim, as memorias do ultimo, traçadas em Santa Helena, foram contestadas. Bourrienne, secretario do grande corso, impugnou varios pontos; e o proprio Thiers, devotado amigo do marido de Josephina, na *Historia do Consulado e do Imperio*, desmente, sem frisar, é verdade, datas e episodios escriptos por Bonaparte. Memorias! O nosso caboclo chama memoria a um anel feito de caroço de tucumam, na maioria dos casos presente de namorado e que elle usa lyricamente como recordação amorosa. Humberto de Campos inaugurou o Anno Santo de 1933, com o

1.º volume de suas memorias, obtendo exito retumbante.

Com o volume do sr. Medeiros e Albuquerque, no mesmo genero, o successo raia pelo fructo prohibido. E como o peccado é sempre mais risonho ao espirito dos puritanos de que a virtude, não ha quem não leia *Minha Vida*. Por toda a parte eu encontrei estimaveis e ponderados cavalheiros com a brochura lucifereana do sr. Medeiros em baixo do braço. O trabalho do eminente academico, é, de facto, sensacional, se bem não tenha cousas tão cabelludas como a *Biblia*, que é quasi tão decotada como o nudismo allemão. O sr. Medeiros principia se declarando atheu, não para inglez ver, por pose literaria, mas sinceramente, em consequecia das leituras de Buchner. Atheu praticamente, alegre, sem restricções divinas, não guarda cabras e muito menos acceita conselhos de ninguem.

Como é a primeira vez que eu trato com atheu a descoberto, examinei bem os seus propositos, as suas attitudes, as suas idéas, e, franqueza, tive uma impressão admirativa por esse devoto. Principia por isto: não vive implicando com o bicho do vizinho; não vive descompondo ninguem em nome de Deus e dos santos. Cada qual pode, ao pé delle, adorar o seu macaco, o seu carachué, o seu bóde, a sua pomba que o sr. Medeiros não quer saber disso. Como se vê, é uma religião politica. Isto dito, o festejado e saudoso homem de letras passa em

revista os grandes vultos do paiz, mostrando-os do direito e do avêsso. E' uma revista interessante pelos imprevistos que alcança. A censura cortou varios capitulos de *Minha Vida,* o que quer dizer que o volume era ainda mais interessante... Ao lado das considerações politicas, diplomaticas e sociaes ha uma nota sadia no tomo, um quê de bohemio, tornando aquellas paginas attrahentes, sympathicas pelo tom sincero e revel. Vê-se, emfim, por ellas, como são joviaes os atheus, talvez por alheiados dos dogmas e dos mysterios. Trataveis, em summa, esses adoradores da Natureza. Como é a primeira vez que ouço um delles narrar as peripecias do drama que lhe gira em torno da figura, fico fazendo um juizo muito elevado dessa religião; tão simples, tão justa, e, sobretudo, sem complicações. Só tem que não é deste mundo..., graças a Deus.

LV

CONHECIDOS DO CINEMA

O cinema, antes de mais nada, é uma escola onde o individuo se diverte e apprende. Descansa o espirito das fadigas do dia e recolhe material novo para a sua cultura literaria, politica, religiosa e scientifica. As mais lindas musicas do planeta, num scenario magnifico, onde repontam a tragedia e a comedia, avultam nos dramas e rythmos mais oppostos dos quadrantes da rosa dos ventos. As celebridades literarias como Shakespeare e Goethe, os poetas sensacionaes como Homero e Camões, pythonisas, reis, vestaes,gueishas, prestidigitadores, heroes e martyres, gente antiga e gente moderna, anões e gigantes, pantheras e ursos, palhaços e prophetas, estrellas e microbios, rios e mares, montanhas e planicies, á feição duma revista furiosa da lenda dos seculos, passam e repassam no *écran*.

Os espectadores repimpados nas confortaveis poltronas do Olympia ou do Palacio Theatro, via-

jam em volta do globo. Vêem mil aspectos, mil panoramas, um turbilhão de cousas, um borborinho de *clans*, de tribus, de raças a se agitar, a luctar, a se estraçalhar em summa no pandemonio da vida. E tudo por dois mil réis. O que nos custaria dez, vinte, trinta contos em dinheiro, além dos incommodos e massadas por terras alheias e agrestes, entre indios e pretos, não custa mais que uma bagatela monetaria e duas horas deliciosamente perdidas no commentario das maravilhas imprevistas que a memoria vae recolhendo por entre a menina dos nossos olhos.

O cinema anda matando lentamente o theatro, que já ficou para trás como cousa prehistorica, á semelhança dos animaes primitivos. Da representação directa, feita para o publico no palco, até os delicados matizes do filme, quasi sempre fixado na camara mais de dez vezes para se obter uma atitude natural, um gesto perfeito, um olhar de accordo com as circumstancias e a luz — vae uma distancia infinita. Acresce ainda que o engenho humano, sempre inclinado á synthese, antes da fita que ainda guarda a velharia do enredo, cópia do romance e do dramalhão, dá o jornal, amostra ligeira e luminosa dum largo quadro. Uma esquadra em manobras, por exemplo, navéga, atira o alvo, colloca-se em fila, em semicirculo, em caça, em fuga, emquanto o diabo esfrega um olho.

As divisões aéreas, evoluindo sobre Nova York, vôam no céu *yankee* com o pavilhão italiano desfraldado. E' Balbo, de barba em ponta, todo de branco e voz fina, amerisando na bahia de Hudson, sob a ponte Brooklin, á beira da formidavel Mahatan. Mas já fóra dalli se desenha, no aspecto maritimo do Oriente, um junco de vela aberta e tripulado por piratas. Reconheço no actual duque de Windsor o antigo principe de Gales, a *city* de Londres, o arco da Concordia, em Paris. Quando vi, no Rio, o futuro e lendario amoroso, não me espantei. Era um antigo camarada do Olympia. O mesmo me succedeu ao se me deparar, em plena Exposição de Jamestown, em Norfolk, na Virginia, sul dos Estados Unidos, a figura do grande Theodoro Roosevelt. Já o vira no *écran*. Dahi essa variedade fantastica de erudição que o frequentador do cinema adquire por tuta e meia.

LVI

MESMO DEPOIS DE UM SECULO

Sainte-Beuve foi um critico extraordinario. Encheu seu seculo ditando sentenças literarias. Succede porém esta cousa sensacional: todos os engrandecidos e consagrados pelo cálamo de ouro do escriptor de *Port-Royal* fracassaram, ruiram, não se projectaram. Tiveram vida ephemera; emquanto que os combatidos por elle, classificados em nivel inferior, não só remarcaram a mentalidade augusta de 1830, como ainda são grandes cabeças mesmo nos nossos dias. Apesar das minudentes investigações do monographo admiravel das *Causeries du Lundi,* os factos irradiaram pelo avêsso do seu pensamento. Mas o caso não é isolado. Repete-se atravez da galeria de analystas que figuram agitando a critica apaixonadamente, vendo antes o homem que as idéas, antes o politico que o philosopho, antes o moralista que a escola. Zola fez a mesma cousa com Victor Hugo, Sylvio Romero com Machado de Assis; e Afranio Peixoto

com Euclydes da Cunha. Para o artista da *Comedia Humana*, o cantor da *Lenda dos Seculos* foi apenas o aedo lyrico, extraordinario, colossal mesmo, mas só poeta, poeta que atravessou seu tempo sem ver nada, sonhando, fantasiando, alheio aos problemas vitaes da sociedade.

Ora, se a mentalidade de Zola, gigantesca de certo, arroja-se ao trabalho formidavel de destruir o cyclope, ou, pelo menos, diminuil-o, só porque um defendia intellectualmente a bandeira romantica, emquanto o outro defendia a realista, com Balzac nas fileiras, avalie-se agora o que não succederá entre anões e pigmeus, tratamudos ao pé daquellas vozes do Apocalypse quando descrevem panoramas do céu, quando falam de astros e constellações, de cometas e precessão de equinoccios, do naufragio da Atlantida e de Castor e Pollux? O fracasso absoluto. Genio, Victor Hugo viu uma geração humilde cantando e recitando as suas estrophes, as suas odes, os seus poemas; decorando as suas allegorias; interpretando os seus symbolos; exaltando as suas parabolas. As hyperboles admiraveis, as metaphoras altiloquentes, as antytheses maravilhosas, accentuando contrastes mirabolantes entre a luz e a treva, o hypogrypho e a osga, enchendo emfim paginas e paginas num delirio coruscante, envolvendo, magnetizando o leitor, abrindo-lhe os abysmos imaginarios, apontando-lhe as nuvens, desvendando-lhe os horizontes —

constituem a trama commum daquellas alleluias do arauto da belleza.

Ha dias ouvindo eu a leitura que um confrade illustre me fazia de certa pagina colorida, ingenua e encantadora dum chronista paraense, logo me accudiu á mente o autor do *Noventa e tres*, naquella scena hugoana das criancinhas no castello da Tourgue, quando ellas, interessadas apenas em rasgar o volume de São Bartholomeu, mal percebiam a passagem dum rato, e, muito menos, os preparativos que se faziam para o assalto daquelle solar na Vendéa. O meu collega frisava os pontos innocentes, quando nós dois annotamos flagrante alli a influencia mental de Victor Hugo. Porque o monstro não passou. Vive emocionante nas letras. Quem quizer possuir um fio de luar, um clarão de sol, um azul de montanha, é só abrir qualquer das obras de Hugo, forjadas no aço literario, e tem logo o necessario para colorir o Universo. Não só as tintas, porém; mas todos os climas do planeta, todos os amores da humanidade, todas as alegrias, todas as miserias, o dia e a noite, a ventura e a dor. O turbilhão das antytheses, como um velario ao nosso olhar, paralysa-nos a imaginação e detem-nos o pensamento, suffoca-nos o folego e nos faz bater o coração. Na distancia de um seculo, o dragão de Guernesey ainda vomita estrellas e tira-nos a fala.

LVII

TODA BRIGA E' ECONOMICA

A leitura de jornaes, antes que a dos livros, nos elucida a respeito da anarchia latente em cada canto do globo. As noticias telegraphicas estampadas na imprensa, rapidas e de origens remotas, transmittem a synthese do que vae pelo mundo e esclarecem o mais obtuso espirito sobre o motivo da lucta perenne que se rasga nas sociedades constituidas. Não é de hoje que a sabedoria anonyma afirma ser o fundo economico o motivo de todas as guerras. Sempre que uma potencia se joga contra outra o movel é, sem duvida, a competencia commercial. Pega-se em armas para defender um negocio e, *ipso facto,* afastar o concorrente. Na apparencia, muitas vezes, figuram razões de ordem religiosa, de ordem territorial, de ordem politica, de aggravos á honra do paiz, como, *verbi gratia,* insultos á bandeira ou desconsiderações aos consules e diplomatas — no fundo porém descobre-se o imperialismo comercial.

Todas as razões de Estado, como se chamam as controversias secretas e mais ou menos fechadas no gabinete das chancelarias, giram em torno de se poder vender melhor um pires e uma chicara a um freguez já inclinado a outro mercado. Os ministros e embaixadores especiaes, alegando melindres e offensas muito fóra do facto concreto, entram em demarches simuladas para ver se o fabricante do artigo ou o fornecedor da materia prima se afasta da praça appetecida. Se nada conseguem, puxa-se pelas armas. Falam então o fusil e o canhão, ficando o freguez com o vencedor, cuja bandeira vae tremular sobre a mercadoria que o triumphador deseja vender ou comprar. O preceito maritimo exposto na affirmativa de que o pavilhão cobre a mercadoria é uma das modalidades de se garantir o commercio atravez do oceano por um symbolo: a bandeira.

Mas o imperialismo commercial, que tantas vezes explode na lucta armada entre nações, anda saltando agora dos lindes internacionaes para intra-muros, e o campo das competições, ampliando-se, reduz-se, por um curioso paradoxo, ao territorio de cada paiz entre o capital e o trabalho. O rico e o pobre entreolham-se hoje com o mesmo odio que antigamente se entreviam as potencias na conquista dum direito que só a força dirime, mostrando assim que o poder é uma consequencia das armas quando o equilibrio entre o capital e o

trabalho foram abalados. Dahi esse combate quasi obscuro das cellulas operarias que se electrizam e lampejam na guerra contra o industrial, contra o patrão, contra o Estado e até contra a ordem publica. Chovem por isso as doutrinas reformadoras com aspectos de arietes que atacaram ou estão atacando fortalezas difficeis de tomar.

O que nos chega da Russia, quando a palavra não seja sectaria, é que as theorias marxistas resultaram num grande fracasso. O problema das administrações égressas da Moscowa, trouxe o maior desengano ao proletario, que continua a trabalhar alli em peores condições que no tempo dos Tzares. Em vez de pária que era o mujique é hoje um captivo. A liberdade conquistada transformou-se em grilhão de ferro. O soviet representa um throno mais cruel que o dos Romanoffs. Deprehende-se desse exemplo culminante que a concentração economica architectada pelo Estado não vae além da miragem. Faltando um controlador do capital, que na materia só pode ser o burguez, capaz de distribuir o producto num cooperativismo racional e forte, como succede na Italia, onde o lucro é pregado em todas as classes sociaes pelo Duce, que até nas modas intervem, o naufragio politico é um facto.

Na apparencia a batalha entre o capital e o trabalho provém do communismo. Esse communismo, entretanto, aflora de razões economicas accu-

muladas pela desproporção da balança commercial entre a offerta e a procura. Se o paiz vende mais do que compra, deixando um saldo circulante dentro das fronteiras nacionaes, o desafogo da bolsa particular não impelle ninguem ao extremismo dum novo regime, em desaccordo com as instituições. Para isso tambem influe a applicação honesta das rendas no trabalho geral e commum. Na hypothese de serem distribuidas constructivamente, dando ganha-pão ao operario, ninguem se revolta contra o poder.

LVIII

NEM ACASO NEM PROPOSITO

E' por demais sabido que o grande navegante hespanhol Vicente Ianez Pinzon foi companheiro de Christovão Colombo na 1.ª expedição que descobriu a America, chrismada então pelo mareante genovez de Guanahani. Pinzon commandava a *Nina,* uma das embarcações da frota naquella mystica e sensacional conquista. Nada ha pois de estranho que o mesmo ibero devassador dos mares, conhecendo o novo continente, que aliás julgava como os demais, uma ilha, depois de partir de Palos em principios de dezembro de 1499, viesse ter ao Brasil na altura do cabo de Santo Agostinho (Humboldt — *Descoberta da America*) percorrendo dahi em deante a costa brasileira do norte até a foz do Amazonas, em cuja embocadura se abasteceu dagua, descortinando o estoque potamico jogado oceano a dentro pelo curso barrento do rio poderoso. Isto sem alludir a Ojeda, tambem official de Colombo na 2.ª expedição, e que viéra ao Brasil em

companhia de Americo Vespucio e Juan de La Cosa, antes mesmo de Pinzon.

Ora, nestas condições, não é justo que se continue a affirmar que o Brasil foi descoberto por Pedro Alvares Cabral, quando, tres mezes antes do almirante portuguez ter fundeado em Porto Seguro, melhor, ter avistado o monte Paschoal, Vicente Ianez Pinzon, deliberada e conscientemente ancorava a nordeste de Marajó, onde entreteve contacto com os aruãs e de onde levou varios documentos da industria indigena, cousas domesticas em barro, fibras, além das armas e instrumentos de musica. Seguiu-lhe na esteira, com pequena differença, Diogo de Lepe, outro espanhol que se antecedera á expedição lusa da qual foi passageiro Pero Vaz de Caminha, celebre autor da carta a D. Manoel, que muitos historiadores registam como escrivão da frota cabralina, e que, de facto, era passageiro e ia como funccionario da corôa para uma futura feitoria portugueza na India (Calecut).

Estes casos, não incluindo por vago o de Jean Cousin, quatro annos antes de Colombo, são positivos. Entretanto, se recuarmos aos dias annuviados da Idade Media, para trás da época em que os piratas disputavam as terras que lhe surgiam sob as prôas gastas, entramos na lenda. As grandes armadas do rei Hiram, que desappareciam perdidas num fabuloso Ophir em busca de ouro, prata e pedras preciosas destinados a Salomão, repontam

nas narrativas amazonicas, em cujas linhas os chronistas imaginosos descrevem a bacia, os tributarios e as derrotas, sob o fio luminoso do Equador, com aquella mesma fineza de Marco Polo ao descrever o reino de Preste João. Quem lê Sophus Ruge na *Historia da Epoca dos Descobrimentos*, além dos escriptores que assignalam as ilhas, os archipelagos, as costas novas que se iam encontrando pelo mar a fóra, comprehende então o conhecimento profundo que existia dos mares naquelles idos, não somente entre os cosmógraphos do tope de Toscanelli, mas entre os pilotos anonymos, os flibusteiros que cruzavam atrevidamente os oceanos com a segurança de hoje, pouco se lhes dando que a terra em que negociavam fosse deste ou daquelle soberano, entregue ou não pelo papa.

Dahi a certeza com que alguns publicistas affirmam agora que o encontro de Cabral com o continente colombiano não fôra casual. Pode ser. A verdade, porém, reside num meio termo: realmente, não fora casual, mas tambem não fora propositado. De pulga atrás da orelha pelo que se ouvia dos mareantes e mesmo pelas informações intimas de Vasco da Gama, que já passára perto do Brasil, e só o não descobrira devido talvez ao facto de lhe singrar as aguas nos pontos mais altos á noite, Cabral fugira das calmarias africanas o mais possivel a ver se, evitando o vento morto, poderia tambem, na volta do mar, avistar esse *algo de nue-*

vo que os piratas fabulavam. Ao assignalar o primeiro monte, com espanto da guarnição, o almirante portuguez não se surprehendeu, como tambem não cahiu no ridiculo de affirmar que já esperava isso, o que é facil de perceber na carta de Pero Vaz de Caminha, ingenuo e original documento assignalador da verdade. O nosso descobrimento é obra pois do commercio. A madeira que se chamou pau brasil, primeira *ciganagem* dos capitães daquelles tempos, concorreu talvez para isso.

LIX

O POBRE DIABO

Certa noite destas eu estava escrevendo uma pagina que me parecia interessante a respeito do caldeirão de Pedro Botelho quando, junto a mim, se fez uma fumaça e appareceu um sujeito de chifres, rabo em harpão, pés de cabra, fedendo a enxofre, todo encarnado. A roupa, completamente esburacada. Os sapatos, acalcanhados. Fumava, o malandro. Puxou uma poltrona, cruzou as pernas vermelhas dentro do *maillot*, franziu a testa e como quem está em casa da senhora sua sogra, interpellou-me. "O cavalheiro parece que não acredita muito no meu poder, na minha força, na minha irradiação?". Com quem estou falando? interroguei, meio embaraçado. "Com o pobre Diabo de Manaus". Cahiu-me a alma aos pés, palavra! Em que estado eu revia o principe das trevas do Amazonas. Que lhe teria acontecido para se achar assim? Elle já era pobre ha uns dez annos, não ha

duvida, mas remediado, seu fatinho limpo, e seus chifres sempre polidos, quasi reluzentes.

"Conheci muito a sua Igreja", avancei, para deviar a conversa daquella miseria. Muitos devotos, muitas festas, muitas novenas. O azeite do culto, segundo me disseram lá, rendia muito. Agua benta cheirosa, da Cachoeirinha, gente catholica de primeira, dádivas em dinheiro; emfim, a sua vida era leve, aprazivel mesmo, apesar da modestia significativa. Estranho, pois, o seu apparecimento. "Metti-me em politica, meu senhor. Com as ultimas eleições appareceu-me um sujeito chamado Jacaré, pedindo-me auxilio eleitoral. Eu disse ao candidato que os fieis não votavam. Mas foi em vão. Jacaré não só me seduziu como agitou os devotos, as irmandades, as confrarias da minha parochia. Certo dia verifiquei estar mettido até ao rabo na maldita questão do voto. Já se não ouvia missa, mas apenas sermão.

Mas, que sermões! O partido que nós combatiamos foi logo excommungado. Inventamos uma prece para ser rezada tres vezes por dia. Fizemos procissões de desaggravo. Fomos á casa dos concorrentes do cidadão Jacaré e os amaldiçoamos até a quinta geração em nome da liberdade. Trabalhamos, fraudamos e vencemos". Como, então, depois da victoria você naufragou? perguntei. "Perseguição politica. Estou aqui foragido. Os velhos politicos são espertissimos; e não têm duvida

nenhuma que eu na direcção do pleito futuro faço todos os deputados. O meu collegio eleitoral é famoso e de gente viva. Na minha lista não ha um defunto, uma alma do outro mundo, como antigamente se fazia. O Pedro ainda é vivo?" Que Pedro, interroguei, o Malazarte?". "Isso mesmo. Lembra-se do eleitorado do P. C.? A gente vivia se benzendo e rezando padre-nosso mal se faziam as chamadas quando elle dirigia a politica.

Nem quero me lembrar. Verdadeiro terror. Pois bem. Agora, no Amazonas, os nossos adversarios só ganham com o eleitorado dos cemiterios. Comprehende-se. Mas eu não estou p'ra isso. Só trabalho com gente viva. Dahi um mandado de prisão contra mim. Azulei. Sahi vestido de freira. O capuz encobriu-me os chifres. Ha de ser o que Deus quizer", cocluiu abatido o pobre Diabo. Fiquei com pena. Vou recommendal-o a um dos prefeitos do Pará. Entretanto, sou fiel á policia e aviso-a: o pobre Diabo de Manaus está em Belém.

LX

VENENOS SAGITTARIOS

Além dos venenos animaes, extrahidos principalmente da cobra e do sapo, ha na Amazonia uma larga variedade de toxicos vegetaes aproveitados pela pharmacopéa nativa, pelos guerreiros indigenas, pela pagelança domestica, e até pela industria alimenticia, que transforma alguns em massas e molhos innocentes pela acção da agua, do fogo e do sol, como é o caso da mandioca, tuberculo venenoso mudado em farinha; e tambem o tucupy, toxico terrivel, tornando molho e caldo saborosos.

Alguns naturalistas, com Paul Ehrenreich á frente, frisam a circumstancia quasi milagrosa do indio amazonico transformar raizes venenosas em massas alimenticias, farinhas, beijús e arubés. Um ligeiro balanço que se dê porventura na flora desta zona através do povo silvestre do farelhão marajoára, onde residiu o HOMEM DO PACOVAL, verifica-se a abundancia de arvores, cipós, hervas,

arbustos venenosos, dos quaes o selvicola se servia para combater o adversario e apanhar a embiára.

O assacú (HURA CREPITANS L.), para falar num dos toxicos mais temiveis, é representado por grande arvore vargeira, que médra sobretudo nos terrenos alagadiços. O leite e o oleo dos seus fructos são perigosos; com os ramos *tinguijem* o peixe. O chá das folhas do anabi (POTALIA AMARA), segundo Paul Le Cointe, combate a intoxicação do assacú. Outra planta venenosa empregada na pesca, é o cunabi (ICHTHYOTHERA CUNABI Mart.), cujo *habitat* são os campos de terra-firme. O nome de tinguijada, como se vê, provém do tingui, principalmente do de Cayenna, timbó de raizes narcoticas,ichtyotoxicas. Nesta numerosa familia dos timbós, a Amazonia, sobretudo o Pará, é famosa, tal a fartura. Ha o timbó-caá, o timbó-branco, o timbó-assú, o timbó do boticario, que é do campo, o timbó da matta, o timbó-pau, vulgo timborana, o timbó-macaquinho, o timbó-urucú, o timbó-titica, o timbouva, o timbohy. Alguns delles são apenas narcotizantes, vomitivos, drasticos; todos porém de fundo perigoso.

Mas a quantidade de toxicos botanicos é innumera e mal analysada ainda. O succo da aningapára (DIEFFENBACHIA PICTA Schott.), *verbi gratia*, corrosivo, acre, além de venenoso, provoca erupções da pelle quando em contacto com a epiderme. A capança (PATRISIA) do Purús, as-

pecto de cafeeiro, equivale a um toxico fulminante. O cipó cururú (ECHITES CURURU Mart.), cujo leite é venenoso, serve tambem nas tinguijadas. A douradinha de Marajó (LINDERNIA CRUSTACEAS), planta rasteira que medra nas capoeiras e na orla dos capões pelo campo, é fatal ao gado, que a come conjunctamente com as gramineas.

A herva de rato (PSYCHOTRIA NOXIA), de fructos e sementes perigosos, é mortal. A maniçoba (MANIHOT GLAZOVII-, de bagos oleosos, possue raizes venenosas. As folhas do toé, maricaua (DATURA INSIGNUS Barb. Rodr.), em infusão produzem, em pequenas series, hypnoses, prazeres que annullam a vontade e tornam o individuo abulico, fazendo recordar aquellas lagartas de taquara que proporcionam sonhos magnificos. O mata cachorro (PATRISIA ACUMINATA) dos indios mundurucús, cuja raiz provoca espasmos respiratorios, traz a morte com rapidez. O cipó marajoára, mucuracaá (PETIVERIA ALLIACEA L.), de folhas insecticidas, antiparalyticas, abortivas, é toxico na raiz. Em pequenas dóses sua influencia é lenta; depois de produzir allucinações produz a imbecilidade, a mudez, o amollecimento cerebral, os symptomas tetanicos, e, por fim, a morte.

O mulungú (ERYTHRINA CORALLODENDRON L.), hypnotico das folhas á casca, sedativo, guarda nas sementes um alto veneno. A margaridi-

nha (ASCLEPIAS CURASSAVICA L.), moradora das taperas, de caule que se presta ao fabrico do papel e tecidos, é uma planta venenosa, de effeito fulminante e directo sobre o coração. Um mordente que substitue o cumaté na pintura das cuias é o venenoso pião (JATROPHA CURCAS L.). Das suas amendoas se faz sabão e do seu oleo um insecticida, isto além da acção hemostática, da cura de feridas e hydropisias. A piteira (FOURCROYA GIGANTEA), caroatá, fervida serve para limpar de parasitas o pello do boi e do cavallo. A trombeta cheirosa (DATURA SUAVEOLENS), não só é narcotica como dá perturbamentos na vista, somnolencia, dilatar da pupilla e constricção na garganta. Em dóse maior produz a morte.

Por esta lista ligeira, que mal attinge um decimo talvez dos nossos toxicos silvestres, se vê a abundancia delles na Amazonia, applicaveis em todas as molestias quando receitados por quem lhes conhece as propriedades medicinaes. Mas os venenos por excellencia no amphitheatro são os sagittarios, empregados pelo indio nas frechas com a designação generalizada de curare, composição de varios estrychnos, centralizados no urari, cipó venenoso que ataca principalmente os nervos motores do homem e do animal. Segundo o dr. Lacerda Filho na sua *Acção Physiologica do Urari* as melhores experiencias sobre esse toxico foram feitas por Claude Bernard, professor do Colle-

gio de França, embora Humboldt, Martius e Castelnau, no Orenoco, no Solimões e no Japurá hajam assitido ao preparo do curare por varias tribus selvagens.

Walter Raleigh, segundo ainda a monographia de Lacerda, foi quem após a descoberta da Guyana (1595) espalhou na Europa a noticia do urari como veneno das frechas indigenas. Fóra dos tres sabios atrás citados, gente sempre inclinada á verdade, alheia á fantasia, é obvio que surjam a respeito do curare motivos capazes das maiores exaltações. Transcrevamos este topico: "Salvador Gilius diz que o veneno das flechas dos ottomakis é preparado com um fructo denominado *picedo*, e refere que os indigenas costumam experimentar a acção desse veneno ferindo certas arvores com flecha hervada; si a arvore definha e morre fica provada a energia da substancia toxica. Bartholomeu de las Casas faz entrar na composição do urari o succo da mancenilheira, a cabeça esmagada da áspide, gomma e cabeças de formigas venenosas; Bancroft assevera que o veneno dos ticunas do Amazonas não é o mesmo dos aruaks, aquelle sendo preparado com trinta especies differentes de raizes, e este com o figado e dentes de serpentes venenosas".

Esta variedade de preparos dá idéa da variedade de toxicos silvestres. Cada tribu, consoante se deduz da leitura sobre o assumpto, possuia um

processo especial para a manufactura dos seus venenos sagittarios, embora esses processos todos tivessem por centro o estrychno urari. Muitos naturalistas affirmam que os indios do Baixo Amazonas, estuario e golfo, englobando mesmo as nações da Mandurucania, ás quaes são attribuidas algumas especies de curare — não fabricavam esse veneno destinado ás frechas, incluindo nesse grupo a gente do HOMEM DO PACOVAL, em Marajó.

Barbosa Rodrigues, que foi, sem duvida, uma sentinella avançada em todos os problemas scientificos da Amazonia, estudou profundamente os venenos sagittarios do nosso amphitheatro, dando copiosas noticias desses trabalhos. Leiamol-o: "Depois de grandes esforços, outr'ora e hoje, consegui formar uma collecção, particular, de especies de *uirarys* ou *curares*, de todas as tribus brasileiras que o fabricam ou usam, assim como das da Guyana Ingleza, Venezuela e Perú, não só em *panellinhas, cabaças, canudos* ou *carriços* de takara, como em *flechas* de zarabatana, *kurabys* e *murukús*. De differentes localidades procedem os preparados toxicos pertencentes a differentes tribus e se distinguem pela côr, consistencia, forma do vasilhame em que são guardados, e pelos instrumentos em que são empregados. Possuo tudo classificado, tendo obtido os venenos directamente ou por amigos, dignos de toda confiança, instrui-

dos por mim, pelo que duvida alguma pode haver sobre as procedencias".

E mais adiante: "O estudo comparativo da energia do veneno pela experiencia a que os submetti, a côr do pó, dos alcoolatos, e das soluções aquosas de cada um, assim como as côres resultantes das suas reacções chimicas, com os mesmos reagentes, me fizeram dividir os *curares* de diversas tribus e procedencias em *quatro ordens,* comprehendendo a *primeira,* dous *grupos,* ás quaes denominei: TIKUANA, KAMARAUA', LAMISTO e FALSOS. A estas divisões se filiam os *strychnos* conhecidos. A primeira comprehende os venenos mais fortes e que *matam não só quadrupedes como aves, com promptidão;* a segunda os que produzem os mesmos effeitos da primeira, porém com *lentidão;* a terceira os que *matam os quadrupedes e não as aves;* a quarta os que, como os da primeira, *matam indifferentemente, com menos promptidão;* e a quinta os falsificados que ou matam, e para os quaes o chlorureto de sodium não é antidoto, ou absolutamente não produzem a morte em nenhum animal. A *Tikuna,* pertence ás tribus brasileiras do Solimões; a *Lamisto* ás tribus peruanas do Rio Ucayale; a *Kamarauá* ás tribus brasileiras do Rio Negro; a *Tiyuakino,* ás das quebradas do Huallaga e a *Falsa* ás tribus civilizadas de ambos os paizes".

Por estas minucias do grande botanico brasileiro se verifica um facto curioso: as tribus do Baixo Amazonas, foz e farelhão marajoára, não usavam os venenos sagittarios, isto é, frechas entoxicadas pelo curare. Entretanto, não só o cipó urari, donde se extrae o alcaloide principal do curare, como os demais estrychnos com que o selvagem altera a manipulação para dosar a carga toxica, encontram-se em Marajó e no Amazonas até a foz do rio Negro. Mesmo a tribu mundurucús (cujo *habitat* se estendia na mesopotamia do Tapajós com o Madeira), donde se dizia provir o curare, alguns naturalistas observaram ser falsa a informação. Disso resulta não haver o veneno sagittario nas tribus do HOMEM DO PACOVAL, como não havia a mumia, que tambem só era feita no alto Amazonas, onde o selvagem reduzia a cabeça do inimigo retirando-lhe o craneo e enchendo-a de pedras quentes até *cural-a,* para uma existencia de seculos, com a expressão natural de quem vive.

Volvendo, porém, aos venenos sagittarios, deduz-se, consoante Barbosa Rodrigues, que "o coração do animal que morre curarizado, ainda depois da morte e de extrahido, pulsa por algum tempo". O effeito da curarina é vehiculado pelos globulos sanguineos, que, segundo observação de sabios, quanto mais redondos são, tanto mais depressa demonstram os symptomas, chegando a não pro-

duzir a morte, segundo experiencias idoneas, quando elles são grandes e oblongos, como acontece em certas aves, taes os pombos (*Vellosia*).

Mas a prova da força do urari tambem é tirada pelos batrachios. Se estes não morrem com a intoxicação, fica provado que o veneno não tem o vigor necessario. O curare, segundo os drs. Leouville e Vaisin, tem propriedades miraculosas contra o tetano. "Pelo quadro que apresento, affirma Barbosa Rodrigues, ver-se-á que, incluidos nos differentes grupos, existem 44 preparados, cada um com a sua reacção propria, differençando uns dos outros pela gradação da côr. Salvo influencia de outra planta, é de crer que entrem na sua composição mais de trinta especies vegetaes, empregadas segundo o local, vindo dahi a differença de energia e o se ter vulgarizado, sem razão, haver uma especie (de veneno sagittario) para a caça e outra para a guerra".

TYPOGRAPHIA CUPOLO
Rua Seminario N.º 187
SÃO PAULO



Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura

